

TÂNIA GONÇALVES LIMA

TORNAR-SE VELHO:
O OLHAR DA MULHER HOMOSSEXUAL

MESTRADO EM GERONTOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

2006

TÂNIA GONÇALVES LIMA

TORNAR-SE VELHO:
O OLHAR DA MULHER HOMOSSEXUAL

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Gerontologia, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a *Elisabeth Frohlich Mercadante*.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

2006

BANCA EXAMINADORA

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por processos fotocopiadores ou eletrônicos.

Assinatura: _____

Local: _____ Data: _____

DEDICATÓRIA

*A minha querida e especial família, meu
ninho, presente em todos os momentos da
minha vida, apoiando-me, dando-me amor
e compreensão. Adoro vocês.*

AGRADECIMENTOS

- Às mulheres que participaram deste estudo e que compartilharam suas histórias, intimidade e desejos, para que este trabalho pudesse ser realizado.
- À minha mãe Ivete, pelo carinho, amor e paciência que sempre dedicou a mim e minhas irmãs, em todos os momentos de nossas vidas. Sou-lhe grata por sua generosidade e sabedoria.
- Ao meu pai Getúlio, pelo amor, carinho e alegria que sempre me dedicou, mesmo nos momentos em que estivemos mais distantes. Um guerreiro, lutador que adora viver.
- À minha irmã Rita, pelo incentivo, carinho e amizade, e por ser a mãe dos meus lindos, queridos e amados sobrinhos, Eduardo, Vinícius e Fernando, a quem tanto amo.
- À minha irmã Giseli, pelo seu amor, carinho e apoio incondicional, em todos os momentos da minha vida, e principalmente durante os meus estudos, mas acima de tudo pela admiração que tenho de sua força, determinação e coragem em romper barreiras e preconceitos sociais, sem nunca perder a ternura e o encanto. Obrigada por tudo, irmã querida.
- À Eunice, uma irmã que chegou para ficar, pelo apoio e incentivo e à Ana Carolina, minha sobrinha, a princesinha da família, por trazer tanta alegria e união a todos nós.
- À minha querida orientadora Elizabeth F. Mercadante (docemente Beth), pela sua sabedoria, competência, amizade e carinho. Pela liberdade concedida, mas também orientada, para que eu pudesse reencontrar o tema da pesquisa. Nossas conversas foram, sem dúvida, fundamentais. A vivência pessoal e o aprendizado conquistado durante esta convivência jamais serão esquecidos, assim como sua generosidade, seu olhar vibrante tentando descobrir novas idéias e maneiras de viver no mundo hoje demonstram a sua grandiosidade como ser humano que é.
- À minha querida Professora Silvana Tótora, pela amizade e sabedoria, pelas idéias instigantes que sempre me despertaram reflexões e inquietações, importantes para meu crescimento pessoal e para o meu trabalho. Obrigada pelas sugestões, críticas e orientações feitas para realização deste trabalho.

- À querida professora Vitória Kachar, pelo seu interesse e incentivo durante todo o tempo do meu estudo, e acima de tudo, pela amizade e por despertar em mim o desejo para ingressar no mestrado em Gerontologia.
- À querida professora Ruth G. C. Lopes pelo carinho, apoio e orientação durante momentos de crise pessoal e pelas sugestões e críticas feitas ao meu trabalho.
- À todos professores do Programa de Pós-Graduados em Gerontologia Social da PUC/SP.
- À minha querida e especial amiga Cininha, que desde o primeiro momento em que entrei na PUC/SP trilhou ao meu lado, nas alegrias, angústias, inquietações e reflexões que compartilhamos. Obrigada pelo seu incentivo e apoio, pela sua disponibilidade, suas idéias e o seu carinho, e principalmente por ganhar uma grande Amiga.
- À professora Maria Helena A. M. Carvalho pela sua atenção, carinho e competência ao realizar a correção do trabalho.
- Aos alunos e professores do Centro Universitário São Camilo, onde compartilhamos trabalho e amizade.
- À todos que de alguma forma contribuíram para que eu pudesse realizar este trabalho.

Meus agradecimentos

RESUMO

Este estudo trata das representações sobre a velhice e o tornar-se velho por meio do olhar singular da mulher homossexual feminina na meia-idade. A feminilização da velhice é um fenômeno mundial, presente em todas as sociedades, e a mulher homossexual faz parte desse grupo crescente de idosas. A investigação com este conjunto de mulheres é apresentada pela análise e interpretação dos significados no discurso das entrevistadas – homossexuais femininas na meia-idade. A pesquisa procura evidenciar novas formas e arranjos sociais possíveis para a velhice destas mulheres homossexuais que apresentam constituição familiar e relações afetivas distintas do grupo heterossexual dominante na sociedade. O preconceito e o estigma em relação a esta minoria de mulheres são descritos e analisados, evidenciando a possibilidade de um duplo preconceito social. Reflexões sobre identidade e subjetividade, grupos desviantes e minoritários, gênero e sexualidade, família e formas de organização familiar na sociedade moderna, e as relações existentes entre estes conceitos, também fundamentam a discussão teórica e a análise dos significados contidos nos discursos dessas mulheres.

Palavras-chave: envelhecimento; homossexualidade feminina; meia-idade, velhice.

ABSTRACT

This study treats of the representations on the old age and becoming old through the woman's feminine homosexual singular glance in the middle age. The old age feminization is a world phenomenon, present in all of the societies, and the woman homosexual is part of this growing group elder. The investigation with this group of women is presented by the analysis and interpretation of the meanings in the interviewees' speech – middle age feminine homosexual. The research seeks to evidence new forms and possible social arrangements for the old age of these homosexual women, which present different family constitution and affectionate relationships from the dominant heterosexual group in the society. The prejudice and the stigma in relation to this minority of women are described and analyzed, evidencing the possibility of a double social prejudice. Reflections about the identity and subjectivity, deviates minority groups, gender and sexuality, family and forms of family organization in the modern society, and the existent relationships among these concepts, also base the theoretical discussion and the analysis of the meanings contained in those women's speeches.

Key words: aging; feminine homosexuality; middle age; old age.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
Capítulo I	
O ENVELHECIMENTO	17
Capítulo II	
A HOMOSSEXUALIDADE FEMININA	32
Capítulo III	
ENVELHESCÊNCIA E HOMOSSEXUALIDADE FEMININA	45
3.1. A percepção do corpo que envelhece	46
3.2. Velhice no presente e futuro	51
Capítulo IV	
METODOLOGIA DA PESQUISA	60
Capítulo V	
ANÁLISE INTERPRETATIVA DAS ENTREVISTAS	71
5.1. O significado e representação da velhice e do ser velho	73
5.2. O duplo preconceito: homossexualidade feminina e velhice	83
5.3. O corpo na envelhescência	96
5.4. Velhice: arranjos sociais no presente e no futuro	111

5.4.1. Família, filhos e união conjugal	111
5.4.2. Arranjos sociais alternativos para a velhice	123
5.4.3. Mulheres homossexuais e heterossexuais na velhice	127
5.4.4. Velhice e solidão	132
CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	143
ANEXOS	149



“ENIGMÁTICA”. Ilustração de Cininha.

*Frutos de enganos ou de amor
nasço de minha própria contradição.
O contorno da boca,
a forma da mão, o jeito de andar
(sonhos e temores incluídos)
virão desses que me formaram.
Mas o que eu traçar no espelho
há de se armar também
segundo meu desejo*

*Terei meu par de asas
cujo vôo se levanta desses
que me dão a sombra onde eu cresço
- como, debaixo da árvore,
um caule
e sua flor.*

LYA LUFT

INTRODUÇÃO

Reflexões e questionamentos sobre o envelhecimento e a velhice sempre fizeram parte do nosso pensamento, porém, hoje, estando na envelhescência, esta preocupação torna-se ainda mais relevante. As representações e imagens de idosos presentes em nosso ambiente familiar sempre foram das avós viúvas, uma vez que a presença feminina na nossa família sempre foi predominante, inclusive na família nuclear.

Foi atuando como professora no curso de graduação de Enfermagem e acompanhando alunos estagiários em instituições de idosos e ambulatorios especializados em Geriatria que começamos a desenvolver estudos e direcionar o trabalho à Gerontologia. Então, aquela percepção sobre a predominância de mulheres idosas ficou ainda mais evidente. Deste modo, pesquisar sobre o universo feminino e o envelhecimento destas mulheres chamou-nos a atenção de modo significativo.

Nos textos estudados nas disciplinas do mestrado em Gerontologia Social, sempre refletimos sobre a complexidade e heterogeneidade da velhice. Hoje é consenso de que ela é plural, já que existem várias formas de ser velho e de se viver a velhice. Ao entrar em contato com a Antropologia, despertou-se-nos o interesse em aprofundar os estudos nas Ciências Sociais, a fim de conhecer a diversidade dos grupos e arranjos sociais dentro da nossa sociedade. A Antropologia, dentre todas as ciências, é a que se volta mais diretamente para a análise das diferenças, das formas alternativas de organização da sociedade e, portanto, é aquela que nos permite,

simultaneamente, vislumbrar o que é geral e perceber a infinita variedade das formações sociais concretas. Percebemos, então, a importância de direcionar a pesquisa para os grupos minoritários e estigmatizados da sociedade.

O crescimento da população idosa é evidente, mundialmente, nas últimas décadas, com destaque para o número de mulheres, pois além de viverem mais do que os homens, chegam à velhice também em vantagem. Deste modo, estamos vivendo um novo fenômeno, a *“feminização da velhice”*.

Sabemos que o envelhecimento de cada indivíduo terá uma representação diferente. Envelhecemos como vivemos, pois a experiência de cada um de nós é vivenciada e elaborada ao longo da vida. A nossa vivência hoje passa então a ser integrada com as experiências anteriores, dando um sentido único para cada pessoa.

Existem inúmeras possibilidades de ser velho e de envelhecer. A Gerontologia é uma ciência interdisciplinar, na qual profissionais de todas as áreas se integram para pesquisar a diversidade do envelhecimento. Portanto, destaco a importância da preparação e integração de profissionais de diferentes áreas de conhecimento direcionado para a pesquisa em gerontologia, para elaborar e planejar políticas para a população idosa, na área social, referente à saúde, educação e cultura.

Os estudos sobre a questão de gênero no envelhecimento sempre apresentam como referência o homem e a mulher e a relação entre eles em uma determinação heterossexual, o que significa afirmar que a homossexualidade não aparece nestas pesquisas. Em decorrência de particularidade presente na nossa família nuclear em relação à homossexualidade, surgiram várias dúvidas em referência à pesquisa sobre gênero, o que nos levou a direcionar esta dissertação para este grupo específico de mulheres, aliada às inquietações sobre o envelhecer. Daí o estudo sobre homossexualidade e envelhecimento.

Considero ser importante para os estudos das Ciências Sociais refletir sobre a identidade sexual, as relações afetivas e o envelhecimento deste grupo e conhecer os significados e imagens que atribuem à velhice, imaginando a possibilidade do duplo preconceito social.

Certamente a luta de grupos minoritários deve ter destaque dentro da sociedade moderna, para que possam conquistar os seus espaços e derrubar estigmas e preconceitos, para poderem garantir seus direitos legítimos como cidadãos. Neste sentido, a mulher homossexual idosa faz parte destes grupos tidos como desviantes na sociedade.

Para fundamentação e interpretação teórica desenvolvemos nossas reflexões com base em alguns autores e filósofos: Geertz, Foucault, Cícero, Nietzsche, Goffman, Velho, Beauvoir, Guattari, Morin, Mercadante, Debert, Tótor, Vidal, entre outros.

Realizar esta pesquisa passou a ser um desafio para a pesquisadora, pois nossa vivência como mulher heterossexual teria que transpor e penetrar no universo homossexual feminino, para descobrir suas vivências, destituída de qualquer preconceito que pudesse também existir dentro de mim.

Sabemos que não é possível esgotar um assunto apenas com uma pesquisa, contudo ao trabalhar com estas mulheres homossexuais de meia idade percebi que poderia descortinar relatos poderosos, envolventes, singulares, que se tornariam um instrumento de referência para outros estudos e pesquisas. Durante as entrevistas, a história pessoal de cada uma das mulheres foi de certa forma reconstruída, refletida e exposta.

Neste sentido, destacamos alguns questionamentos que se apresentaram à pesquisadora ao iniciar o projeto da pesquisa: Quais representações estas mulheres têm sobre a velhice e sobre ser velho? Existe o medo de envelhecer? Como o envelhecimento é percebido e sentido por este grupo de mulheres? Qual a relação que estabelecem entre a envelhescência e o corpo? Como percebem o preconceito duplo: homossexualidade e velhice? Qual a representação que fazem de família? Que importância atribuem à família, à reprodução, a filhos e relações afetivas na velhice? Que arranjos sociais imaginam constituir para viver e ter apoio na velhice?

Para tanto, realizamos a seguinte distribuição de capítulos:

CAPÍTULO I – O ENVELHECIMENTO – Quais os mitos, crenças e preconceitos sobre a velhice sob o ponto de vista de diversos autores. O envelhecimento no mundo atual e a *feminização da velhice*.

CAPÍTULO II – A HOMOSSEXUALIDADE FEMININA: A questão do gênero – masculino / feminino, o que a antropologia e outras ciências entendem por homossexualidade e orientação sexual; breve histórico sobre a homossexualidade - preconceito e estigma.

CAPÍTULO III – ENVELHESCÊNCIA E HOMOSSEXUALIDADE FEMININA: A percepção do corpo que envelhece e suas representações, arranjos sociais presentes e no futuro para a velhice: família, filhos e parceiros afetivos / relação conjugal, como apoio e sociabilidade na velhice.

CAPÍTULO IV – METODOLOGIA DE PESQUISA – Apresentação da estrutura e dos caminhos percorridos para o desenvolvimento da pesquisa.

CAPÍTULO V – ANÁLISE INTERPRETATIVA DAS ENTREVISTAS – Análise e discussão dos dados coletados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS – Fazemos uma reflexão das vivências das mulheres homossexuais em relação ao seu processo de envelhecimento e os arranjos sociais para viver na velhice.

"A velhice, reflete sua visão de vida e ainda na velhice sua atitude em relação à vida será moldada pelo fato de você ter entendido a vida como uma montanha íngreme que tem que ser escalada ou como uma vasta correnteza, na qual você mergulha para nadar lentamente para a foz, ou ainda como uma floresta impenetrável, na qual você erra sem nunca saber ao certo que caminho a seguir para conseguir sair dela novamente"

NORBERT BOBBIO

O ENVELHECIMENTO

Pela primeira vez na história da humanidade o homem está vivendo tanto. A história nos mostra que pessoas idosas sempre existiram, em todos os tempos, mas constituíam apenas uma pequena parte da população. O século XX viria marcar uma mudança radical nesta história, qual seja, a conquista da longevidade pelo homem.

Esta conquista vem ocorrendo ao longo dos anos em decorrência de um conjunto de fatores um dos quais, o avanço da ciência e da tecnologia no mundo moderno, foi muito importante nesta conquista, pois contribuiu para a investigação científica ampliar cada vez mais o conhecimento sobre o envelhecimento do homem, e então produzir novas maneiras para controlar e retardar o envelhecimento. Outro fator relevante foi a implantação de políticas públicas de saúde pública e de medicina preventiva, não só para o combate a doenças com alta taxa de mortalidade, como também o controle da natalidade, com a diminuição da fecundidade e, ainda, o planejamento e fiscalização sanitária.

A expectativa de vida longa conquistada pelo homem torna-se então um ponto-chave na nossa época, pois ela não define apenas quanto tempo viveremos, mas demonstra que o homem de hoje viverá muito mais tempo do que antes. Estudiosos garantem que poderemos chegar aos cem anos ou mais.

A longevidade sempre foi intensamente desejada pelo homem. Mas será que queremos ficar tão velhos assim? Ainda podemos perguntar: “afinal valerá a pena

viver tantos anos?”. Que condições de vida o homem terá para garantir sua velhice? Como a sociedade se organizará e enfrentará este fenômeno dentro da diversidade de grupos sociais? O que fazer com este tempo extensivo de vida conquistado? Como vamos nos programar e nos preparar para a velhice? Como será o futuro dos idosos?

O contra-senso disto tudo é que este processo está sendo avaliado por inúmeros segmentos da sociedade como um problema e dificulta o planejamento das ações e políticas públicas direcionadas a este grupo da população.

Outro aspecto importante é que a maioria das pessoas não se prepara para a velhice. Queremos viver muitos anos, mas não queremos ficar velhos. O estigma e o preconceito social imputado ao idoso são desastrosos, porque impede que o indivíduo reencontre o seu papel na sociedade. Além disso, a velhice é sempre associada a perdas e limitações na vida do homem, quando deveria ser encarada como uma etapa significativa da vida e até produtiva.

A visão da velhice predominantemente marcada pela passagem dos anos no corpo biológico, deixa de lado aspectos sociais, psicológicos, culturais. O processo do envelhecimento, no entanto, envolve múltiplas dimensões que dão um caráter complexo ao fenômeno cuja tentativa de compreensão por uma única ótica torna seu entendimento fragmentado. Podemos dizer, então, que o pensamento fracionado, compartimentado, ignora a complexidade, não respeitando assim a diversidade. Neste sentido Morin (1995) explica:

“a relação do homem com a natureza não pode ser concebida de forma redutora nem de forma separada. A humanidade é uma entidade planetária e biosférica. O ser humano, ao mesmo tempo natural e sobre-natural, tem sua origem na natureza viva e física, mas emerge dela e se distingue dela pela cultura, o pensamento e a consciência”. (p. 167).

Este pensamento nos leva a refletir que, para discutirmos sobre o envelhecimento, se faz necessária uma mudança na forma de pensar da sociedade, porque o envelhecimento é complexo e multifacetado; não podemos, pois, pensar na

generalização da velhice, já que ao mesmo tempo em que ela é heterogenia, também é singular, ou seja, cada indivíduo tem um modo de envelhecer.

Debert (2004) explicita a importância da antropologia e da sociologia na tentativa de desconstrução da velhice como uma experiência homogênea, aponta para a heterogeneidade destes sujeitos empíricos e procura reconstruir a suposta homogeneidade, colocando-a sobre novas bases.

Simone de Beauvoir (1990) em suas reflexões sobre a velhice, por sua vez nos assegura que:

“para cada indivíduo, a velhice acarreta uma degradação que ele teme. Ela contradiz o ideal viril ou feminino adotado pelos jovens e pelos adultos. A atitude espontânea é de recusá-la, uma vez que se define pela impotência, pela feiúra, pela doença. A velhice dos outros inspira também uma repulsa imediata”. (p. 51).

Segundo Secco (1994), o conceito de envelhecimento se apresenta mediante diversos fatores, portanto não é possível uma generalização, pois não existe uma velhice, mas sim, incontáveis velhices. Temos de considerar alguns fatores individuais, como temperamento, família, saúde, e fatores sociais, como classe, condições econômicas, tipo de trabalho, entre outros, que interagem e tornam variável o conceito de envelhecimento. (p. 7).

As falsas concepções sobre a velhice podem ser tão mortais quanto os preconceitos, pois fazem as pessoas se sentirem inferiores, encurtando-lhes a capacidade de resistência emocional e a longevidade. Acredito que este preconceito torna a realidade da velhice dura e difícil e muitas vezes acaba transformando-a em uma caricatura e levando o indivíduo à perda da auto-estima, ao isolamento social e à depressão.

O envelhecimento é um fenômeno que ocorre hoje, no mundo todo, de modo crescente e rápido, com proporções ainda maiores nos países em desenvolvimento, como o Brasil. Apresentaremos e discutiremos neste ponto do

estudo as estatísticas do Brasil que evidenciam este fenômeno, para fundamentar o que já descrevemos.

Segundo Paschoal (2002) a taxa de crescimento anual da população brasileira manteve-se alta por muitas décadas, notadamente na de 50 e 60 do século passado. No entanto, a partir da década de 70, a taxa de crescimento mostrou sensível redução, passando a 2,48% ao ano. E na época de 80, reduziu-se ainda mais, chegando a 1,93% menor que a prevista. (p. 26).

Dados recentes mostram que no ano 2000 a percentagem de idosos, na população brasileira, representava cerca de 10% da população geral. O censo de 2000 informou que dos 169.500.000 brasileiros, 15,5 milhões têm 60 anos ou mais, sendo a maioria mulheres viúvas, com baixa escolaridade e baixa renda. (Garrido, Menezes, 2002).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatístico (IBGE), com base no último censo de 2000, as mulheres de 60 anos e mais representavam 9,28% da população total e dos homens, 7,82%. Este predomínio de mulheres entre os idosos vem ocorrendo desde 1920, segundo Camarano (2002).

Outro aspecto importante é que quanto maior a faixa etária da população maior a proporção de mulheres, podendo chegar à proporção de 2/1 no grupo de 80 anos e mais. Segundo o IBGE (1999), a razão de sexo é de 118 mulheres para cada 100 homens na faixa etária de 65-69 anos e de 141 para cada 100 no grupo de 80 anos ou mais. A expectativa de vida ao atingir 60 anos também acompanha o sexo: as mulheres vivem mais 19,3 anos em média, enquanto os homens vivem 16,8 anos.

O Brasil deverá chegar a 2050 com 8,2 milhões de mulheres a mais do que homens. Esta diferença na proporção entre os gêneros é também evidente em outros países e terá importantes repercussões político-sociais, e haverá necessidade de incrementar políticas públicas para este segmento da população, além de capacitar profissionais das diversas áreas de conhecimento, humanas, biológicas e exatas, para compreender o envelhecimento e poder atender à esta população de idosos.

Analisando as estatísticas acima podemos dizer que estamos vivendo um segundo fenômeno associado ao envelhecimento, a “*feminização da velhice*” sobre a qual, Paschoal (2004) descreve:

“em todos os países, situações e momentos examinados, a expectativa de vida das mulheres é maior do que a dos homens, valendo tanto para expectativa de vida ao nascer, como para expectativa de vida acima dos 60 anos”. (p. 35).

Segundo a OMS (2005), este fenômeno se reflete também na maior taxa de mulheres por homens, principalmente, em grupos etários mais velhos. No mesmo documento, a OMS destaca que “*as mulheres correspondem aproximadamente a dois terços da população acima de 75 anos em países como Brasil e África do Sul*”. Apesar desta vantagem da longevidade para as mulheres, em contrapartida, destacam-se os problemas e desvantagens que elas enfrentam na sociedade, como violência doméstica, discriminação social em relação à renda, trabalho, educação, assistência à saúde e seguro social e, como consequência destas desvantagens cumulativas, a mulher tende, mais do que o homem, a ser mais pobre, apresentar mais deficiências em idade mais avançada e maior tendência ao isolamento social. (p. 39 e 40)

Veras (1994) justifica a feminização da velhice quando afirma que

“além das diferenças biológicas, como por exemplo, o fator de proteção conferido pelo hormônio feminino em relação à isquemia miocárdica, há outras possíveis explicações, como a diferença na exposição de fatores de risco, estando os homens mais expostos do que as mulheres; diferença na atitude em relação às doenças, pois as mulheres procuram mais os serviços de saúde, incluindo aí a melhoria da assistência médico-obstétrica que recebem durante o pré-natal e o parto” (p. 23).

Segundo Schirrmacher (2004), a geração *Baby Boomers*, pessoas nascidas entre o final dos anos 40 até meados dos anos 60 – os envelhescentes de hoje – vão

provocar um choque entre os anos 2010 e 2020 e terão a crise de idade pessoal. Sabemos que esta geração modificou e transformou uma cultura mundial, uma época, influenciando costumes, atitudes e mudança de imagens e papéis na sociedade. Estamos agora passando pelo último exemplo desta mudança, o envelhecimento desses envelhescentes.

Estas mulheres citadas nas estatísticas fazem parte dos *Baby Boomers*, geração que participou e contribuiu para o aumento da taxa de nascimento neste período pós-guerra e que foram beneficiadas pelos baixos índices de mortalidade no período, pelo aumento da longevidade.

Oliveira (2004), ao analisar este fenômeno, coloca a mulher como o principal protagonista social da construção de uma nova etapa de vida feminina, a maturidade. Assim ele descreve:

“Estamos vivendo um processo de mudança de concepções acerca do envelhecimento, ou de atitudes diante dos desafios da velhice, ao nível do conjunto da sociedade. E um dos protagonistas principais deste processo são as mulheres dessa grande coorte demográfica, nascida após a Segunda Guerra. Em realidade, estamos diante de um processo social de construção de uma nova etapa de vida feminina, situada entre a idade adulta e a velhice: a maturidade”. (p. 75).

De acordo com Berquó (2004), no Brasil, desde 1950, às mulheres têm correspondido maior esperança de vida ao nascer. Em 1980, enquanto a esperança de vida para os homens era de 59 anos, às mulheres correspondia a 65 anos, ou seja, chance de viver 6 anos a mais do que os homens. Em 1991, essa diferença cresceu para 7 anos. Projeções para 2010 e 2020 mantêm uma diferença em torno de 6 anos. (p. 23).

Segundo Caramano (2002), pelo fato de as mulheres viverem mais do que os homens, elas estão mais sujeitas a deficiências físicas e mentais, além da elevada proporção de mulheres que vivem sozinhas – 14% em 1998. (p. 61).

Moraes (2003), em seu trabalho sobre sexualidade feminina e envelhecimento, destaca a notícia publicada no jornal “*O Estado de São Paulo*”, em 30 de dezembro de 2001, que comenta sobre este excedente feminino baseado nos dados e análise estatística realizada pelo IBGE, citando o seguinte texto:

“Um dos motivos principais deste crescimento desigual e recorde são as elevadas taxas de mortalidade de homens jovens que vivem em cidades grandes e são vítimas da violência, segundo análise do IBGE. “O maior aumento do número de mulheres é um fenômeno mundial, mas no Brasil, isto é um problema porque decorre da manutenção de taxas de mortalidade por causas externas ligadas à violência entre homens jovens”, explica Juarez Oliveira. No ano passado, havia 96,9 homens para cada grupo de 100 brasileiras, segundo apontou o censo. Em números absolutos, eram 2,6 milhões de mulheres sem par na sociedade brasileira – um número muito superior às 756 mil mulheres na mesma situação em 1991 (Matéria publicada no jornal O Estado de São Paulo em 30/12/2001)” (p. 4).

Outro aspecto que observamos ao estudar a feminilização da velhice é que, freqüentemente, as instituições de estudos e pesquisas estatísticas sobre o envelhecimento, assim como diversos pesquisadores, associam a velhice feminina com a solidão, pois por viverem mais do que os homens estas têm maiores probabilidades de viverem sozinhas na terceira idade, isto é, “sem um parceiro ao seu lado”. Em referência ao texto acima destaco a citação do IBGE: “*2,6 milhões de mulheres sem par*”. Esta possibilidade pode decorrer do fato de os homens terem a tendência a se casarem com mulheres mais jovens e partirem para outro matrimônio após a viuvez ou separação conjugal, diferentemente das mulheres que, na maioria das vezes, continuam vivendo sua velhice sem a presença masculina ao seu lado.

Este conceito de “parceiro” refere-se normalmente a parceiro heterossexual, a relação homem e mulher, não considerando a possibilidade de outros tipos de parceiros na velhice e assim, não “ser só” ou “sem par”, como determinam as estatísticas. Isto indica que “viver só” se relaciona ao fato da mulher “não ter um

parceiro homem” ao seu lado. Mas será esta a única possibilidade para a mulher “não viver sozinha” na velhice? Será possível a mulher viver com outros parceiros, grupos de pessoas, e até ter outros modos de ser e viver na velhice deixando de ser classificada como só porque não tem um parceiro homem ao seu lado? A meu ver, esta interpretação de solidão para a mulher na velhice afigura-se machista e preconceituosa.

Sabemos que a história das mulheres e o seu papel na História sempre foram relegados ao segundo plano, abaixo da história dos homens. Quando então falamos ou estudamos sobre a questão de gênero, homem/mulher, nos referimos aos indivíduos e suas relações, o que nos ajuda a compreender grande parte dos problemas e dificuldades que as mulheres enfrentam no trabalho, na vida política, na vida sexual, assim como na família, já que as relações de gênero constituíam e justificavam hierarquias, constituindo valores e naturalizando também preconceitos.

Na sociedade atual percebemos que as tradições não são mais recebidas passivamente pelas mulheres, mas sim, reconstruídas por meio de posturas críticas desenvolvidas por elas e pela força das aspirações individuais. Assim, elas passaram a desafiar os papéis sexuais tradicionais, assumindo o controle sobre sua própria sexualidade. Este mundo que continua a ser injusto para com as mulheres, é mais sensível às mudanças, pela fragmentação e flexibilização, que, instaladas na pós-modernidade, permitem a movimentação de relações sedimentadas e exigem novas concepções.

Quando discutimos sobre a questão de gênero na velhice, encontramos inúmeros autores e estudiosos que discutem a sexualidade feminina e masculina e as transformações que ocorrem durante o processo de envelhecer tanto nos aspectos biológicos como no psicossocial.

A sociedade em que vivemos priva o indivíduo envelhecido de tudo, pois estigmatiza a velhice, mediante preconceitos que se fazem presentes, visto que hoje se valorizam o jovem, a juventude eterna, a agilidade, “o belo”, idéias e conceitos reforçados pela imagem que a mídia divulga.

As pessoas vêm se orientando pelos modelos da juventude, desde o início dos anos 60. A marca estética está no corpo, e esta é tão forte que muitas vezes os idosos falam e pensam sobre outros idosos da mesma maneira que os jovens o fazem. Podemos observar, então, o sofrimento que o corpo envelhecido causa ao indivíduo durante o envelhecer.

Para Mercadante, a velhice, assim como a juventude, não são concepções absolutas, mas formas de interpretar o percurso da vida, sendo ao mesmo tempo natural e cultural:

“A velhice é ao mesmo tempo natural e cultural. É natural e, portanto, universal e apreendida como um fenômeno biológico, mas também imediatamente um fato cultural na medida em que é revestida de conteúdos simbólicos, evidenciando formas diversas de ação e representação”. (1997, p. 2).

Percebemos que é muito difícil para os indivíduos internalizarem e aceitarem que o tempo passou, no entanto é mais fácil ver e apontar isso no outro. Há uma surpresa quando nos classificam como uma pessoa velha, e este fato se dá porque não vivenciamos interna e plenamente a velhice. Portanto, sempre se é velho a partir do olhar dos outros.

O estigma à velhice e ao corpo envelhecido também é descrito por vários autores. Neste sentido, Mercadante descreve que a primeira vivência da velhice se dá no corpo, quando se olha ao espelho ela se revela, causa medo e espanto. O corpo por si só não revela como atributo a velhice, mas uma vez que passa a ser estigmatizada, ela se instala no corpo e então causa inquietação ao indivíduo que envelhece. Certamente, esta inquietação é decorrente de uma avaliação estigmatizante e preconceituosa, razão por que haverá uma abominação do indivíduo que envelhece diante de seu próprio corpo:

“A visão de um corpo imperfeito – “em declínio”, “enfraquecido”, “enrugado” etc. – não avalia só o corpo, mas sugere imediatamente

ampliar-se para além do corpo, sobre a personalidade, o papel social, econômico e cultural do idoso”. (1997, p. 29).

Ao refletirmos sobre envelhecimento, e neste estudo especificamente levantamos questões relacionadas ao envelhecimento de mulheres homossexuais, utilizamos Goffman (1988) para fundamentar a análise do estigma e o preconceito que estas duas categorias sofrem. O autor atesta que a sociedade estabelece os meios para categorizar as pessoas, dando-lhes atributos que são considerados comuns e normais para cada membro de cada uma das categorias de pessoas. Deste modo quando *“um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permite prever a sua categoria e os seus atributos, a sua identidade social”*. (p.12). E é por meio destas concepções que transformamos em expectativas normativas e exigências, as rotinas e normas de relação social, muitas vezes, colocadas de modo rigoroso pela sociedade.

Goffman, então, utiliza o termo estigma em referência a um atributo profundamente depreciativo, ou seja, *“um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto, ele não é, em si mesmo, nem honroso, nem desonroso”* (1988, p. 13)

Essa discussão realizada por Goffman, chamando a atenção para o estigma como *“uma linguagem de relações”*, revela a presença de uma concepção de identidade contrastiva que efetivamente mostra a força da relação do eu e do outro, do outro definindo o eu e vice-versa, gerando desviantes patológicos, e não possibilitando perceber as diversidades.

Assim discutir estigma implica em discutir identidade; desta forma, Mercadante aponta a subjetividade como negadora do estereótipo, como possibilidade para negar esta identidade estigmatizada:

“Assim, se por um lado, o levantamento das diferenças, das particularidades exibidas individualmente remetem para a negação do modelo geral, por outro lado, essas mesmas e tantas outras novas particularidades podem ser trabalhadas pelos

indivíduos para a produção de um novo sujeito velho. Assim, esse novo sujeito velho se produz, não se reproduz na contraposição de uma ‘alteridade jovem’, mas sim a partir de uma ‘subjetividade’ negadora da identidade estigma”. (1997, p. 32)

Velho (1996) ao descrever a idéia de campo de possibilidades e interacionismo na organização social, se refere à interação que, quando vista como um processo social básico, permite aos indivíduos que interagem, não apenas atuar como agentes de reprodução, mas como reinventores da vida social. Ele ainda fala na *“idéia de mudança e desempenho individual ao nível da (sic) organização social”*. (p. 50).

O mesmo autor não destaca apenas a questão do pertencimento do sujeito, isto é, pertencer a uma cultura comum, com seu sistema de valores, crenças e gostos, mas também privilegia a coexistência problemática das diferenças de origem, de trajetória, de experiência social etc. Assim, para mapear a diversidade há que se considerar a importância da individualidade dos fenômenos sociais, por meio dos quais todos os processos internos da diferenciação de uma sociedade devem ser percebidos como relevantes, sejam quais forem as minorias étnicas, os grupos desviantes, as religiões específicas, entre outros.

Mercadante (2004) chama a atenção quando se refere à velhice como uma questão complexa, descrevendo em seus estudos que, para entender a velhice, temos que entendê-la na sua totalidade, pois, como já mencionamos, ela não representa somente um fato biológico, é também um fato cultural. A autora enfatiza a necessidade de desconstruir o modelo genérico de velhice, socialmente imposto, possibilitando mostrar diferentes situações e modos singulares de velhice. Deste modo, desconstruir essa generalização e contrageneralizar. No mesmo texto, a autora afirma que não podemos desvelar a singularidade se pensarmos no velho a partir do outro (jovem), *“devemos abandonar esta forma de pensar contrastivamente, pois ela enfatiza a relação de um com o outro”*. Para isto temos que fazer uma reforma de pensamento, que, segundo ela, é uma tarefa importante para pesquisadores e profissionais que trabalham com envelhecimento. (p. 198-199).

Assim, os indivíduos pertencentes a diferentes grupos sociais, com suas características singulares, isto é, com diferentes identidades sociais, fariam leituras diferentes sobre temas comuns e gerais presentes em suas sociedades, porque, ao serem estigmatizados, sentem-se aprisionados dentro de um mundo, pequeno, restrito e privado.

Refletir sobre novas possibilidades de envelhecer, que se apresentam como escolhas, ou opções pelos próprios sujeitos, indica a noção de subjetividade como um dos fundamentos teóricos, mas não nega a noção de identidade.

A subjetividade é um fenômeno complexo. Significa que o indivíduo possui autonomia de julgamento, que permite escolher, de acordo com suas crenças, necessidades e recursos pessoais, e não pelo fato de pertencer a algum grupo social tendo que seguir o modelo existente. Vivemos num mundo onde o indivíduo faz escolhas o tempo todo, assim como vivemos construindo combinações e arranjos sociais. Desta maneira, cada indivíduo deve cultivar a sua própria subjetividade, de acordo com seus desejos e suas escolhas.

Morin (1996), no texto *“Epistemologia da Complexidade”*, descreve o pensamento do homem como disjuntivo, redutor, disciplinar e segmentar, buscando a explicação do todo através das partes, querendo eliminar a complexidade.

Estas reflexões de Morin nos remetem a pensar sobre o envelhecimento e qual a certeza que temos sobre o que há de vir no futuro da velhice. Temos então que aprender a viver o presente, o que é certo e real neste momento, pois o futuro e a velhice são incertos, temos que enfrentar e saber viver com as incertezas.

Na análise de Tótora (2006), está explicado que não devemos aceitar os valores impostos pela sociedade e sim problematizá-los, para assim afirmar a vida como um fluxo do devir. Assim ela descreve:

”Não devemos aceitar simplesmente os valores que são postos e dados pela sociedade, em relação à velhice, mas sim interrogá-los e problematizá-los. Dar um sentido para esta problematização está na afirmação da vida como sendo fluxo em devir, sem princípio e

sem fim. Nesta perspectiva de vida o tempo não se subdivide em fases e o espaço não se reduz ao das relações sociais instituídas. Trata-se de um devir, um tempo não medido, um agora infinito, um ‘instante’ que excede todas as manifestações presentes, um passado próximo – já ai – e um futuro iminente – ainda não – que insistem no tempo e divide cada presente rumo ao infinito. Uma vida constitui-se como um acontecimento”. (p. 30)

No pensamento de Nietzsche (1998), a vida é vontade de potência que deseja afirmar a diferença e o que é singular é que nela não há um modelo a ser seguido, não existe rigidez, mas deve-se procurar alcançar a leveza no viver. Com Nietzsche, refletimos sobre a genealogia da moral, que contrapõe valores e assegura que no mundo existe uma multiplicidade de forças que se relacionam e se movimentam o tempo todo, por conseguinte nada é fixo e rígido, o que nos leva a refletir sobre a leveza em relação à vida. Convivemos com forças ativas e reativas e a culpa aparece quando as forças ativas são transformadas em reativas. Toda moral é uma vontade de frear uma vontade negativa, portanto não permite a expansão e a criação.

Destaco aqui o pensamento de Sêneca, descrito por Foucault, que, ao falar sobre a ética de saber envelhecer afirma que devemos manter uma correlação da vida nas diferentes fases, isto é, não podemos repartir as fases em unidades distintas, pois as idades da infância, da adolescência, da juventude, da maturidade e da velhice são unidades dinâmicas em movimento contínuo que tendem para a velhice. A velhice aqui representada como um abrigo seguro, como uma polaridade da vida, conforme diz o filósofo: “*devemos viver para ser velhos*”. (Foucault, 2004, p. 136)

Expressões ambíguas, contraditórias e preconceituosas são visíveis no comportamento e na demonstração dos sentimentos dos indivíduos, de um modo geral, ao se perceber envelhecendo. É bastante pertinente o pensamento do filósofo romano Cícero (44 a.C.), quando escreve:

“...todo aquele que sabe tirar de si próprio o essencial não poderia julgar ruins as necessidades da natureza. E a velhice, seguramente, faz parte delas! Todos os homens desejam alcançá-

la, mas ao ficarem velhos, se lamentam. Eis aí a inconstância e estupidez! Queixas de que ela chegue mais furtivamente do que se esperava. Quem então os forçou a se enganar assim? E qual o prodígio a velhice sucederia mais depressa à adolescência do que esta última sucede à infância? Enfim, por que diabos a velhice seria menos penosa para quem vive oitocentos anos do que para quem se contenta com oitenta? Uma vez transcorrido o tempo, por longo que seja, nada mais consolará a velhice idiota...resistir à natureza não teria mais sentido do que querer – como gigante – guerrear contra os deuses”. (2000, p. 9)

A Diferença

*Liberdade concedida
Não me interessa
E eu não tenho pressa pra conferir
Nessa altura
Do campeonato
Não vou mais sair no braço
Pra ninguém me engolir
Quem perde é quem prega
Quem precisa
É quem nega o desconhecido
Exceção à regra
Que confunde e cega
Os pobres donos do mundo
A diferença tá na crença
De quem pensa que pensa
E apenas alimenta
Meias verdades
Meias atitudes
Meias bondades
Nada disso me interessa
E eu não tenho pressa para conferir*

ZÉLIA DUNCAN

A HOMOSSEXUALIDADE FEMININA

Antes de iniciarmos a reflexão sobre a homossexualidade feminina, faremos uma breve discussão sobre a questão de gênero, masculino e feminino. Compreendemos que para a desconstrução de uma homossexualidade identitária, temos que desconstruir as desigualdades entre o masculino e o feminino.

A identidade de gênero inclui tudo o que se relaciona com o desenvolvimento psicológico e sexual, conceito que vai se construindo ao longo da vida de cada pessoa, e é criado mediante valores e normas impostos pelas diferentes culturas.

Giddens (1996) em seu livro: “*A Transformação da Intimidade*”, ao falar sobre sexualidade revela:

“Hoje em dia a ‘sexualidade’ tem sido descoberta, revelada e propicia ao desenvolvimento de estilos de vida bastante variados. É algo que cada um de nós ‘tem’, ou cultiva, não mais uma condição natural que o indivíduo aceita como estado de coisas preestabelecido. De algum modo, que tem de ser investigado, a sexualidade funciona como um aspecto maleável do eu, um ponto de conexão primário entre o corpo, a auto-identidade e suas normas sociais” (p. 25).

Quando falamos de sexo, estamos nos referindo aos aspectos físicos e biológicos de macho e fêmea, isto é, as diferenças que estão nos corpos. Já as relações de gênero referem-se às relações interpessoais do ser humano dentro de sua sociedade, as quais, por produzirem uma desigualdade de poder e prestígio entre as pessoas de acordo com o seu sexo, diz-se que portanto são relações não naturais, são criações das sociedades, podendo modificar-se de acordo com a classe social, racial e idade. (Kublikowski, 2001).

Deste modo, podemos dizer que as relações de gênero construídas dentro desta perspectiva hierárquica e de poder da diferença entre os sexos, criaram valores diferentes, naturalizando o preconceito. Então, para compreender a homossexualidade e a fobia que ela causa nas pessoas, precisamos rever a história da homossexualidade no mundo, pois sabemos que não apenas a homossexualidade, mas também a sexualidade, é controlada pelas sociedades. Assim, evitamos os preconceitos que lhe são freqüentemente atribuídos

Na visão de Morin (1975), há sempre entre homens e mulheres uma diferença e uma complementaridade na identidade, e desde o nível biológico, feminilidade e masculinidade se prolongam por intermédio do afetivo, do psicológico, do sociológico, sendo sempre necessário distinguir o masculino do feminino, sem nunca separá-los inteiramente. Em uma abordagem complexa, sexo anatômico, gênero e escolha sexual não podem ser separados, pois organizam de forma recursiva, através de uma relação dialógica, dicotomias e antagonismos.

Neste sentido, Laqueur (apud Kublikowski) descreve que, ao falarmos em gênero, nos referimos a um corpo sexuado, conforme o texto :

“(...) tudo o que queira dizer sobre sexo “contém em si uma reivindicação sobre gênero. O sexo é situacional; é explicável apenas dentro de um contexto de luta sobre o gênero e poder”.
(p. 103).

Há muitos escritos históricos sobre os homossexuais e a homossexualidade em todas as civilizações, desde a antiguidade, descrita por inúmeros autores, pois

eles sempre existiram na sociedade, e conforme a época, a cultura e os valores sociais eram considerados desde algo sagrado até pecado, vergonha, crime, que a sociedade julgava e condenava.

Ao falar sobre homossexualidade, Noda (2005) cita reflexões de Spencer, afirmando que

“para compreender a homossexualidade e a fobia que ela causa em muitas pessoas é preciso rever a história da homossexualidade no mundo, pois a sexualidade e o sentido de gênero não são apenas biologicamente determinados, mas sim uma construção humana que é produto de condições históricas”. (p. 6).

Segundo Spencer (1996), após a homossexualidade ser julgada como um pecado e depois como crime, na segunda metade do século XIX, tornou-se uma inadequação médica e uma disfunção psicológica.

No Brasil, podemos dizer que foi a partir dos anos 60 – 70 do século XX, com a *“revolução sexual”*, que as atitudes em relação ao sexo passaram a ser menos rígidas. Macrae (1985) descreve o momento em que houve o *“boom”* dos homossexuais, pois começaram a ter mais visibilidade na mídia, dando origem à subcultura homossexual.

Hoje, a homossexualidade não é mais vista como doença ou pecado por alguns seguimentos da sociedade brasileira, na qual o conceito *“politicamente correto”* embasa as relações sociais. Mas, por outro lado, podemos dizer que os homossexuais continuam a serem discriminados na maioria dos países, inclusive no Brasil, já que não há leis e garantias iguais a todos os cidadãos. (Kublikowski, 2001).

Se a homossexualidade sempre existiu em toda parte, mas a forma como foi interpretada, admitida e explicada é que se modificou, nenhuma sociedade pode ignorá-la. Podemos assim dizer que a homossexualidade é um elemento não só universal em todas as culturas do mundo, mas uma fonte rica de estudos antropológicos, sociais e psicológicos.

Como discutimos anteriormente, o comportamento entre os sexos não pode ser explicado apenas em termos biológicos, mas, antes, são construídos socialmente. Devemos nos lembrar também de que as práticas e as idéias tanto sobre a heterossexualidade como sobre a homossexualidade modificam-se de acordo com a cultura e com o contexto a que pertencem.

Existem os mais variados conceitos sobre a homossexualidade, que foram se modificando ao longo dos tempos, assim como a forma de interpretar estes homossexuais vai depender diretamente do meio ao qual pertencem. Assim descreve Daniel (1973):

“Partiremos do pressuposto de que não há nenhuma verdade absoluta sobre o que é a homossexualidade e que as idéias e práticas a elas associadas são produzidas historicamente no interior de sociedades”. (p. 161).

Ao refletir sobre a estigmatização dos homossexuais Noda (2005) descreve que ela decorre do processo de classificação de sexualidades. Como resultado, a hipótese de uma homossexualidade ser determinada biologicamente se impôs na literatura médica do século XX, razão por que surgiram várias tentativas para corrigir esta anomalia, ou seja, transformar lésbicas e homossexuais masculinos em heterossexuais. Para a autora, identidade homossexual, tal como conhecemos, é portanto, uma produção de classificação social, cujo principal objetivo era a regulação e o controle. (p. 34).

Quanto à história da homossexualidade feminina, podemos perceber um preconceito ainda maior, pois na história das mulheres, elas sempre tiveram papel relegado ao segundo plano, abaixo da história dos homens. Vivemos em uma sociedade predominantemente machista, em que há valores fortemente arraigados, quase sempre a favor do homem. Foi então que a partir da revolução sexual e dos movimentos feministas, em meados do século XX, que as mulheres passaram a lutar pelos seus direitos e terem um papel social mais evidente, mudando assim toda cultura e comportamento dos gêneros na sociedade, uma vez que elas assumiram o próprio controle de sua sexualidade.

Poucos relatos históricos existem sobre a homossexualidade feminina, e segundo Noda (2005), atualmente, ao que tudo indica, ela ainda continua secundária, diante dos poucos estudos existentes em comparação com a homossexualidade masculina.

Em nossa sociedade percebemos que a forma de aceitar a homossexualidade foi se modificando, muito embora o preconceito seja muitas vezes mascarado e ainda hoje bastante forte. Aos poucos, os homossexuais vêm conquistando o seu espaço, se revelando, estão mais conscientes dos seus anseios e direitos, pois os poderes de coerção de antigos valores morais são mais frágeis. Ao romper a barreira do preconceito social e familiar, assumindo sua identidade homossexual, as pessoas estão se libertando de suas amarras e buscando encontrar seu lugar no mundo. Desta forma, aos poucos, a sociedade poderá incorporar novos valores, diminuindo ou eliminando o preconceito e estigma para com este grupo social.

Para discutir sobre a homossexualidade feminina, baseamo-nos nos conceitos de identidade e subjetividade utilizados para análise e discussão da velhice e do envelhecimento, pois assim como o velho, este grupo social também sofre estigma e preconceito da sociedade.

Segundo o pensamento de Foucault (1999, p.12-14), cada sociedade, em geral, elabora um sistema de verdades próprio transmitido por práticas discursivas disseminadas e impostas, de modo a fazer parte da vida das pessoas, determinando o que é certo e errado. Como diz o autor, tal sistema funciona como um *“regime de verdade”*. Estes sistemas de verdades por sua vez circulam e se ligam a sistemas de poder, que postula aos indivíduos certas maneiras de viver, instruindo-os sobre a forma como os indivíduos deveriam crescer. Isto faz com que a identidade do indivíduo se detenha e se fixe, punindo sua autenticidade. Portanto, para o filósofo, a história da verdade independe da *“verdade”* dos conhecimentos, como ele mesmo declara: *“trata-se de uma análise dos jogos da verdade, entre o verdadeiro e o falso, através dos quais o ser humano se constitui historicamente com experiência”* (1998, p. 12).

A identidade homossexual, segundo Noda (2005) torna-se um destino para o indivíduo homossexual, pois a sexualidade masculina e feminina (meu acréscimo) “*normal*” provém de um “*instinto*” cujo objeto seria o outro sexo. A partir daí, cria-se o conceito de heterossexualidade para descrever esta normalidade, postulando a diferença radical entre os sexos e, ao mesmo tempo, liga de modo indissolúvel a identidade de gênero e a identidade sexual. (p.35)

Cumprе notar que o indivíduo com “*desvio sexual*”, o homossexual, passa a ser considerado desviante, pois foge ao padrão de verdade imposto pela sociedade, do padrão a que se costuma denominar de normalidade. É o que ocorre também com o idoso, que é visto como alguém que foge aos padrões estéticos, em virtude de seu corpo enrugado e debilitado. É escusado dizer que se trata de um erro social, pois, desta forma, passam a ser indivíduos estigmatizados.

Ao discutirmos o preconceito e estigma existentes nos grupos minoritários da sociedade, especificamente as mulheres homossexuais e o idoso, objetos do nosso estudo, afirmamos que, perante o modelo ideológico de regime de verdades existentes na sociedade, que atribui qualidades negativas a ambos grupos, devemos pensar na possibilidade de inaugurar uma nova forma de viver e de ser homossexual e velho nesta sociedade preconceituosa.

Este regime de verdades fundamenta-se no modelo identitário e, neste sentido, Mercadante (1997) diz que: “*é através da negação dessa forma de pensar contrastiva que efetivamente pode-se refletir sobre outras possibilidades para envelhecer*” (p.5). A estas palavras, acrescentamos: outras formas de viver como mulher homossexual idosa. Deste modo, passamos de um modelo de identidade homossexual e idoso, reprodutor da relação que se estabelece com o heterossexual e com o jovem, para uma perspectiva da construção da subjetividade do homossexual e idoso, podendo assim ser capaz de produzir novos sujeitos, novas relações e novos arranjos sociais.

Se a noção de identidade, por um lado, pode se apresentar como uma classificação útil para estabelecer e identificar grupos diferentes, por outro lado, é insuficiente na análise que implica um conhecimento mais amplo sobre aqueles

indivíduos que fazem parte dos grupos minoritários, no sentido de serem vistos como sujeitos plenos de desejos.

Para discutir a homossexualidade, também nos fundamentamos na concepção de subjetividade proposta por Guattari, que, segundo o autor, implica entrar no campo da produção que imediatamente se relaciona com o desejo, pois o homem, o tempo todo, está produzindo acontecimentos, produzindo desejos. (1992, p. 35).

O mesmo autor descreve que o desejo é imanentemente revolucionário, pois é capaz de produzir invenções, e dentro deste contexto, ele trabalha com a idéia de revolução molecular:

“(...) diz respeito sincronicamente a todos os níveis: intrapessoais (o que está em jogo no sonho, na criação etc.); pessoais (por exemplo, as relações de autodominação); e interpessoais (a invenção de formas de sociabilidade na vida doméstica, amorosa, profissional, na relação com a vizinhança, com a escola etc.”.
(1992, p. 11).

Neste sentido, Marciano Vital (2002) define, com base na visão antropológica, a homossexualidade que:

“não é ‘doença’ e nem ‘variante’ da sexualidade. Também não é uma espécie de gênero, confirmado pelos dados biológicos e socioculturais. E sim, o comportamento sexual como um impulso fundamentalmente neutro que a aprendizagem cultural modula. A sexualidade não é um gênero com duas espécies e nem um continuum com dois extremos heterossexuais e homossexuais”.
(p. 119-121).

Este mesmo autor entende a homossexualidade como a condição sexual de uma pessoa que se deteve no processo de diferenciação, portanto não vive a partir da diferença homem/mulher (heterossexualidade), mas sim da situação “*homossexual*”.

Observa-se que o autor nega a contrastividade, portanto a identidade e aponta para a subjetividade.

O antropólogo Gilberto Velho (1977), ao escrever sobre desvio e divergência, trabalha com o conceito de “*desviante*”, e ao se referir a comportamento desviante, os homossexuais se incluem como um grupo. Nas palavras do autor:

“[...] desviante é um indivíduo que não está fora de sua cultura, mas que faz uma ‘leitura’ divergente. Ele poderá estar sozinho (um desviante secreto?) ou fazer parte de uma minoria organizada”.
(p. 27).

E ainda acrescenta que, tradicionalmente, estes indivíduos têm sido encarados sob uma perspectiva médica como “*anormais*” ou “*desequilibrados*” ou “*doentes*”. Em referência ao comportamento desviante o autor destaca o conceito de *anomie*, descrito por Merton, citando-o:

“A análise funcional concebe a estrutura social como ativa, como produtora de novas motivações que não podem ser preditas sobre a base de conhecimento dos impulsos nativos do homem. Se a estrutura social restringe algumas disposições para agir, criam outras”. (1977, p. 27).

A partir destes conceitos destacamos a importância da estrutura social e cultural para o desenvolvimento de um “*comportamento socialmente desviado*”, que durante muito tempo estabeleceu, e ainda permanece nos dias de hoje, modelos rígidos de comportamento. Sendo assim, Velho ainda ressalta:

“com um conceito de cultura menos rígido, pode-se verificar que não é que o inadaptado veja o mundo como essencialmente sem significado, mas sim que veja nele um significado diferente do que é captado pelos indivíduos ajustados” (1977, p. 21).

Um contexto de cultura menos rígido aponta para possibilidades de desconstruir noções e modelos sociais já estabelecidos. Assim, em outros termos, destaco o pensamento de Nietzsche (1995), quando afirma que é preciso destruir os valores morais que obstruem o fluxo da vida. *“O negar e o destruir são condição para o afirmar”* (p. 111).

Giddens (1992), sobre os gêneros masculino e feminino, descreve que a *“revolução sexual”* das últimas décadas não é apenas um avanço na permissividade sexual, mas envolve também dois aspectos importantes. Um deles é a revolução na autonomia sexual feminina e suas conseqüências profundas para a sexualidade masculina, revolução inacabada, como ele nomeia. O outro aspecto é o florescimento da homossexualidade, masculina e feminina, demarcando um novo campo sexual, além do *“ortodoxo”* – livre-arbítrio sexual proclamado por movimentos sociais da década de 1960. (p. 38).

Conforme Picazio (1998) expõe, a orientação sexual é aquela que nos conduz a quem sentimos desejo nos relacionamentos sexuais e amorosos: *“a orientação afetivo-sexual nos dá o caminho para ir à busca da pessoa com quem iremos viver nossos desejos sexuais, fantasias, paixões e amores”* (p. 18).

A cientista social Maria Andréa Loyola (1999) ainda nos elucida que os inúmeros estudos sobre sexualidade definem que: *“a sexualidade não é fixa, que seus significados e os conteúdos a ela atribuídos podem variar - não somente ao longo da história, de uma sociedade para outra e entre diferentes grupos sociais em uma mesma sociedade, mas também ao longo da vida dos indivíduos”*. (p. 36)

A psicóloga Rinna Riensfeld (2002) também faz uma análise da orientação sexual descrevendo-a como um sentimento e não como uma atitude:

“...a orientação sexual é um sentimento, não uma ação, pois se fosse assim diríamos que uma pessoa virgem, que nunca teve relações sexuais, não saberia sua preferência sexual, e isso é falso. As pessoas virgens de todas as idades sabem por quem se sentem atraídas, mesmo que não tomem a decisão de pôr em prática seus sentimentos, ou não apareça oportunidade de fazê-lo”. (p. 41).

Em outro momento a mesma autora adverte sobre a possibilidade da diversidade de escolha na orientação sexual, descrevendo a homossexualidade como uma vivência sexual e não uma conduta, conforme se pode observar no trecho:

“É muito comum à idéia de que ser homossexual ou bissexual é uma atitude. Isto é um grande erro, pois a orientação sexual tem a ver com todo um sentimento de atração erótica, sexual, romântica e afetiva para com os outros. Por exemplo, uma pessoa pode ter uma relação heterossexual e isso não mudar seus sentimentos homossexuais. Uma pessoa pode escolher unicamente praticar ou não a sua preferência sexual, mas não pode decidir a respeito de seus sentimentos. Os seres humanos costumam saber qual a sua orientação sexual muito antes de pô-la em prática. Por exemplo, uma pessoa virgem sabe por quem se sente atraída e não precisa levar esta atração à prática para comprovar, a menos que deseje. Ser gay não é uma conduta sexual, é uma vivência sexual”. (2002, p. 33).

Também Hite (1983), em seu “Relatório Hite”, ensina que a homossexualidade faz parte da natureza humana e, por isso, incomoda tanto a sociedade:

“Penso que nascemos sexuais, isto é, que cada um nasce com o desejo de se relacionar com todas as outras criaturas (...) a sociedade nos ensina a inibir qualquer desejo que não seja por parceiros com quem é possível procriar, e então nos desperta entusiasmo pelo ato enfiando goela abaixo o ideal do amor romântico combinado com o casamento, até o ponto que não se possa pensar em outra coisa”. (p. 285)

A escritora Simone de Beauvoir em seu livro: “O segundo sexo”, descreve a homossexualidade feminina – lesbianismo da seguinte forma:

“... o lesbianismo não é uma perversão deliberada nem uma maldição fatal. É uma atitude escolhida em situação – isto é, há um tempo motivada e livremente adotada”. (1970, p. 144).

Levando-se em conta os autores, Simone de Beauvoir, Shere Hite, Rinna Riensfeld, Marciano Vidal e Maria Andréa Loyola quando refletem sobre a sexualidade, retomamos a questão da subjetividade e do desejo, este como fundante daquela, que é revolucionário, capaz de inventar, criar e modificar o dia-a-dia e a vida, conquistando assim a liberdade do indivíduo “*desejante*” ser o que de fato ele é, independente do que a sociedade pense ou determine como certo ou errado. Neste sentido, ao refletir sobre o envelhecimento e a homossexualidade, refletimos que tanto o indivíduo idoso, como o homossexual, por vezes, o mesmo indivíduo, devem romper e destruir os valores morais impostos, pois estes obstruem o fluxo da vida, buscando criar novos modos de existência, que os ajude a conquistar a leveza e a estética da existência.

Tótora (2006), ao falar sobre a ética da vida e estética da existência, cita Nietzsche, quando escreve sobre as “*três metamorfoses*” do homem, explicando o percurso e as transformações pelos quais o homem, como “*espírito*” deve tornar-se livre. Nas palavras da autora:

“Testamos nossas forças a cada momento, suportando como camelo o peso dos valores instituídos. Para criar novos valores é preciso a força do leão para resistir ao ‘tu deves’. Liberar-se do peso das imposições morais é o percurso da produção do sujeito ético em sintonia com a vida”. (p. 47).

Segundo Rinna Riensfeld (2002), estima-se que, atualmente, 10 a 15% da população brasileira é exclusivamente homossexual, sem levar em conta as pessoas predominantemente ou ocasionalmente homossexuais, além dos que não respondem de maneira honesta aos questionamentos relativos às preferências sexuais.

Sendo assim, afirmamos a relevância em fomentar estudos e pesquisas que envolvam estes grupos sociais, homossexuais e idosos, pois ambos representam parcelas importantes da nossa sociedade.

Este estudo trabalha com estes dois estigmas sociais, velhice e homossexualidade por meio do qual a pesquisadora busca compreender o significado destes preconceitos para as mulheres homossexuais na envelhescência e de que maneira poderão chegar à velhice. Considerando-se que a passagem do tempo e dos anos é igualmente vivida por qualquer indivíduo e lhe causa sofrimento e dor, o que não acarretará àqueles indivíduos que já carregam estigma social antes até de chegarem à velhice?

"A vida segue um curso muito preciso e a natureza dota cada idade de qualidades próprias. Por isso a fraqueza das crianças, o ímpeto dos jovens, a seriedade dos adultos, a maturidade da velhice são coisas naturais e devemos apreciar cada uma em seu tempo"

CÍCERO

ENVELHESCÊNCIA E HOMOSSEXUALIDADE FEMININA

Segundo Berlink (1996), a envelhescência significa: *“o reconhecimento do indivíduo que envelhece (...) é o encontro da alma sem idade com o corpo que envelhece (...) é o puro reconhecimento deste estranho encontro que adquire um efeito significante”*. (p. 6)

O mesmo autor afirma que para elaborar este momento – envelhescência – o indivíduo deverá praticar a introspecção. É nesta fase da vida que se produz no imaginário do indivíduo uma radical modificação do seu lugar, é o momento em que se descobre sozinho, numa intensa sensação de individualidade, lançando-se ao reconhecimento de sua solidão, contudo, ainda se mantém como indivíduo participante da história e como cidadão. Então, a envelhescência, conforme o autor, seria:

“A arte de viver a velhice, de exercitar a flexibilização e a recriação do seu eu diante das exigências pulsionais e das novas exigências e transformações do corpo que se aproxima da morte”. (p. 7).

Deste modo, é nesse período que estamos mais empenhados em refazer a própria história de forma que possamos nos adequar ao corpo que envelhece. A envelhescência se distingue do envelhecer, pois, este traz consigo preconceitos e estigmatizações da sociedade, ao passo que aquela pode ser considerada a faixa etária

compreendida entre 40 e 59 anos, também denominada de meia-idade ou maturidade, a qual, conforme acredita Oliveira (2004), provavelmente tenha características da velhice, mas será progressivamente associada a qualidades desejáveis na juventude. (p. 74)

Outra autora, Kublikowski (2001), expõe que pesquisas realizadas sobre a meia-idade feminina, revelam que, além da leitura de gênero, deve ser considerada a geração. As mulheres nascidas em torno dos anos 50, no contexto cultural de 68, acreditavam poder construir um mundo totalmente novo para viver. Mas a meia-idade ficou esquecida, talvez por uma juventude para a qual o processo de envelhecimento mal era vislumbrado. (p. 175)

3.1. A PERCEPÇÃO DO CORPO QUE ENVELHECE

É no indivíduo que envelhece que se mostram as rugas e se expressam as marcas do tempo, impressas como uma digital, no corpo e no rosto, que o depreciam e diminuem seu valor como corpo, conseqüentemente, como indivíduo que é.

Goldfarb (1998) ao se referir às marcas no corpo envelhecido, nos remete a pensar na história do sujeito, na história das marcas. Sendo assim, a identidade do sujeito se expressa no corpo. Assim ela nos relata:

“...a história do sujeito é a história das marcas relacionadas de dor e emoção em seu corpo; esta é a sua identidade. E a história que ele escreve atribuindo sentidos a estas marcas, é uma história que jamais se completa. Tal identidade corporal, que parece ser definitiva, deve permanecer sempre em aberto, ser uma versão sempre inacabada, para que o sujeito possa aceitar as mudanças que o tempo impõe, sem perder o sentido de permanência”. (p. 45).

O processo de envelhecimento do corpo causa inquietação e preocupação ao indivíduo que envelhece, motivadas pelo julgamento que o outro fará sobre ele e qual o valor lhe será atribuído. Neste sentido, Assim descreve Featherstone (1994)

descreve que o processo de envelhecimento pode ser visto: “*como uma grotesca máscara sendo imposta ao corpo e ao rosto de alguém, que esconde sua capacidade de representar seu ‘eu verdadeiro’ aos outros*”. (p. 67).

Tótora (2006) em suas reflexões sobre os valores impostos pela sociedade contemporânea à velhice, também cita Foucault, em cujos escritos analisou as relações de poder e controle disciplinar que produzem indivíduos e coletividade sujeitados e diz:

“O que vemos hoje é que o envelhecimento vem sendo tratado na sociedade contemporânea como um problema que requer solução, quando imaginamos esta maneira restritiva, determinando que ser velho e envelhecer será um problema estamos sendo perversos e tornando o idoso um segmento e objeto de investimento de poder, tornando-os sujeitos sujeitados”. (p. 28).

Simone de Beauvoir em seu livro “*A Velhice*”, explica sobre a degradação da velhice e a repulsa que causa, “*pela feiúra, pela doença*”, motivo por que tendemos a recusá-la:

“Para cada indivíduo, a velhice acarreta uma degradação que ele teme. Ela contradiz o ideal viril ou feminino adotado pelos jovens e pelos adultos. A atitude espontânea é de recusá-la, uma vez que se define pela impotência, pela feiúra, pela doença. A velhice dos outros inspira também uma repulsa imediata”. (1990, p. 51).

De um modo geral, é importante relacionar a análise das formas do corpo ao processo de envelhecimento, assim como não podemos esquecer que este aspecto passa a ter uma relevância maior dentro do universo feminino, pois tendo em vista o fato das formas do corpo se modificarem com o passar do tempo, sua análise deve ser feita refletindo o processo e, não somente no sentido de suas observações estéticas.

Novamente Kublikowski (2000), em referência a Lipovetsky, assegura que os ideais de beleza têm uma avaliação muito mais severa nas mulheres do que nos

homens, pelo descontentamento que imputam a seus corpos. Desenvolvem-se posições de autoconservação da aparência, na recusa dos estigmas da idade. Assim, os investimentos na aparência resultam em normas contemporâneas do corpo e do ego, do bem-estar e da soberania de si. (p. 135)

A meia-idade passa a ser concebida como um limite de tempo, durante o qual temos que manter e corrigir os defeitos do corpo. Os sinais de envelhecimento tornam-se estigmatizantes e se transformam em um problema moral, pois resultam de um estilo de vida inadequado. Esta concepção, alia-se ao mercado do rejuvenescimento e da beleza e a novos estereótipos.

Debert (1999) descreve a existência de um curso de vida flexível e plural no qual a idade não é relevante e as normas se relativizam. Esta redefinição dos estágios encoraja uma variedade de experiências e torna a idade cronológica maleável e passível de ser impressa com inúmeros significados. *“Mas o curso de vida como construção social não pode ser entendido como algo que os humanos podem fazer e refazer”*. (p. 67).

Sendo assim, se o envelhecimento do indivíduo é percebido primeiramente em seu corpo físico e, ao mesmo tempo, ele não aceita estas mudanças e encara este envelhecimento como uma deformação do corpo, o envelhescente passa a se sentir desvalorizado, sujeitando-se ao poder restritivo e dominador da sociedade, que, muitas vezes o obriga a modificar este corpo, repara-lo, conserta-lo ou o faz sentir-se culpado pela sua decrepitude, pelo seu não-cuidado, pela sua falta de saúde.

Até muito recentemente a saúde tinha um significado direto e claro. A ciência prometia nada menos que a eliminação da enfermidade, assim sendo a cura. Hoje em dia o que se percebe é que significados de saúde vêm se modificando. Surgiu, então, a idéia de comportamentos desviantes dos indivíduos, que devem ser minimizados, ao contrário dos comportamentos saudáveis que devem ser maximizados. As formas de proteção são enfatizadas e projetadas para evitar os riscos que possam levar à enfermidade, com o objetivo de superar o destino, combater a velhice e o envelhecimento, enfim, buscando a longevidade eterna.

A representação da velhice pelo corpo também é relacionada à ausência de saúde, pois na percepção do indivíduo, um corpo envelhecido é um corpo doente. O indivíduo não aceita a idéia de que as limitações ou alterações no corpo, em virtude da senescência, sejam naturais e que isto não seja uma perda, mas uma transformação que faz parte do processo natural da vida. Deste modo, há luta para combater este desgaste, a luta pela vida, e contra o tempo, que, atualmente, passa a ser frenética, exaustiva. Isto impede que o indivíduo perceba e aceite o envelhecimento como um processo, e que, em vez da angústia que tem, por causa do “corpo envelhecido e doente”, deve buscar o prazer de viver e de envelhecer, buscando a plenitude na relação consigo mesmo, ressignificando a passagem do tempo pelo corpo.

O filósofo Merleau-Ponty, ao se referir ao tempo, descreve como algo em movimento, no qual construímos e vivemos nossas experiências. O modo de ser do homem reúne, em uma unidade, corpo e consciência, pois não é possível desarticulá-los. Podemos estudar aspectos separadamente, mas, na vivência, corpo e consciência são inseparáveis.

Ele também afirma que quanto mais se conseguir distinguir o outro, mais respeito e harmonia haverá nas relações. Há realidades ambíguas, porquanto somos seres duplo e único ao mesmo tempo, e é esta unidade dual que nos situa no tempo e no espaço. Primeiro, experimentamos e depois, refletimos. O homem elabora o mundo de uma maneira própria e, por isto, pode haver pessoas no mesmo espaço e se sentirem diferentes. Nós nos experimentamos com o nosso corpo o tempo todo e podemos estranhar o nosso corpo ao espelho.

Joel Martins discorre, brilhantemente, sobre a percepção do tempo, quando descreve os tempos Kronos e tempo Kairós:

“É importante saber que não sou Kronos, isto é, um tempo delimitado por mensurações provenientes das pesquisas da ciência ôntica que se esquece do Ser e das suas possibilidades. É importante saber que somos Kairós, isto é, um tempo vivido em uma determinação consciente e efetiva de nossa existência”.
(1998, p. 22).

Ao percebermos a importância do tempo vivido (Kairós), ao invés do tempo (Kronos), relembramos o pensamento de Foucault (2004), quando descreve que é possível situar o valor positivo da velhice, pois é na velhice que atingimos a *plenitude de uma relação acabada consigo*. A velhice, neste sentido, é aguardada, esperada e visada. Nas palavras do autor:

“A velhice não é apenas uma fase cronológica da vida: é uma forma ética que se caracteriza ao mesmo tempo pela independência relativamente a tudo que não depende de nós, e pela plenitude de relação consigo em que a soberania não se exerce como combate, mas como gozo”. (p. 646).

É na velhice que encontramos o prazer e a satisfação com nós mesmos, o momento do reencontro, de domínio e de alegria.

Tótora (2006) propõe a idéia de abrir-se para a vida, pois, quando se dispõe a enfrentar as adversidades, a produzir devires e a aumentar a potência de agir, o indivíduo estará transformando e inventando novas formas de existência. Assim ela descreve:

“Todos, seja qual for a faixa etária exibem orgulhosos sua performance de juventude. Será isto uma atitude contra a vida? A morte se dá no corpo do vivente a todo instante, e a experiência da morte é a de produzir devires e, com isto, novas intensidades. A saúde não implica em eliminar a doença e nem tampouco a vida se opõe à morte. Abrir-se para a vida é dispor-se a enfrentar todas as adversidades, com alegria dos que fazem dessa aliança um aumento da potência de agir, inventando novas formas de existência”. (2006, p. 28).

Ainda a autora explica que: *“tornar-se velho, ou uma arte de viver, choca-se com os valores vigentes de congelar da vida, de administrar seus processos e de suprir, ad infinitum, os estados de carência”.* (p. 45)

Destaco também o pensamento de Cícero quando se refere ao percurso natural da vida até atingir a maturidade na velhice, momento em que o indivíduo deve ser apreciado e não lamentado, como podemos conferir no trecho:

“O essencial é usar suas forças com parcimônia e adaptar seus esforços a seus próprios meios. Então não sentimos mais a frustração nem a fraqueza (...) usemos tal vantagem quando a tivermos e não a lamentemos quando ela desapareceu. Acaso os adolescentes deveriam lamentar a infância e depois tendo amadurecido, chorar a adolescência? A vida dota um curso muito preciso e a natureza dota cada idade de qualidades próprias. Por isso a fraqueza das crianças, o ímpeto dos jovens, a seriedade dos adultos, a maturidade da velhice são coisas naturais que devemos apreciar cada uma em seu tempo”. (1997, p. 28).

3.2. VELHICE NO PRESENTE E FUTURO

O crescente aumento da população idosa no Brasil é evidente, porém a relação entre gênero, feminino e masculino, como discutimos anteriormente, é desigual, daí, ocorrer o fenômeno da feminização da velhice. As mulheres chegam à velhice proporcionalmente em número maior do que os homens assim como o tempo em anos de vida é maior. Contudo, o número de mulheres que chegam à velhice sem um parceiro (homem) é significativo, motivo pelo qual tendem mais à solidão, como referem as pesquisas descritas no primeiro capítulo deste estudo.

Estas pesquisas e estatísticas não levam em conta outras formas de parceiros para as mulheres, pois o modelo é o do casal heterossexual. Sabemos que durante o processo de envelhecimento e, na velhice, é maior a frequência de debilidades e doenças crônicas, sendo assim é necessário uma estrutura – arranjo social – que dê apoio ao idoso para continuar desempenhando suas atividades e cuidando das suas necessidades biopsicossociais.

Neste sentido, o que podemos verificar é que muitas destas mulheres chegam à velhice sem este apoio, por viverem sozinhas, com um universo de

relacionamento pessoal escasso ou ausente, ao que Sluzki (1997) denomina como *rede social pessoal*, definida pelo autor como:

“A soma de todas as relações que um indivíduo percebe como significativas ou define como diferenciadas da massa anônima da sociedade. Essa rede corresponde ao nicho interpessoal da pessoa e contribui substancialmente para seu próprio reconhecimento como indivíduo e para sua auto-imagem. Constitui uma das chaves centrais da experiência individual de identidade, bem-estar, competência e agenciamento, incluindo hábitos de cuidado da saúde e capacidade de adaptação em uma crise”. (p. 41).

O mesmo autor indica que esta rede social pode ser registrada na forma de mapa mínimo a que denomina: família, amizades, relações de trabalho ou escolares relações comunitárias, de serviço. Desta maneira, as funções desta rede seriam companhia social, apoio social, apoio emocional, ajuda material e de serviços, entre outros (p. 47). Num nível existencial, as relações sociais contribuem para dar sentido à vida de seus membros, além de favorecer as atividades pessoais e atuar positivamente para a sobrevivência do indivíduo.

Sluzki descreve que, quando o indivíduo envelhece, observa-se que esta rede se contrai, ou seja, o número de vínculos existentes se reduz; as oportunidades para renovar esta rede social assim como a motivação para renová-la diminuem; os processos para a manutenção da rede se tornam difíceis à medida que a energia necessária para manter ativos os vínculos diminui e a acuidade sensorial se reduz (1997, p. 115). Portanto, os idosos acabam vivendo mais recolhidos nas relações familiares, contam com menos amigos e companheiros, o que muitas vezes pode favorecer a solidão, a depressão, a dificuldade econômica para sobreviver, falta de cuidados e apoio para manutenção da saúde física, conseqüentemente, favorecendo a redução de sobrevivência.

As relações familiares têm um papel muito importante dentro desta rede de apoio, arranjo social, para o idoso na velhice. Segundo Veras (2002), uma importante modalidade de suporte social é obtida por intermédio do apoio de parentes, vizinhos

e amigos, , isto é , uma estrutura social referencial de apoio obtida na comunidade. Mas, atualmente, existe a tendência a diminuir este apoio, por causa da mudança na estrutura das famílias e da rede de relacionamento entre as pessoas. (p. 387).

Observamos que nos últimos anos as relações familiares e sua organização na sociedade como grupo social vêm sofrendo inúmeras mudanças. Segundo Assis (2004), estas transformações ocorrem em decorrência da diminuição do tamanho da família. Ademais, em virtude da inserção da mulher no mercado de trabalho, há dificuldade de se manter o suporte familiar do idoso, sobretudo em caso de doença e/ou incapacidade. (p. 15)

Neste sentido, também destacamos que inúmeras formas de constituição de família surgiram na sociedade, sendo assim, o modelo tradicionalmente constituído por pai, mãe e filho, família heterossexual como um modelo doméstico, não é mais visto como um modelo único de família.

A concepção de família como instituição humana duplamente universal decorre da associação de um fato cultural e um fato da natureza – o da ordem biológica na reprodução. Esta concepção veio se modificando com a emancipação feminina. A mulher, então, passou a ter maior controle sobre a reprodução humana. A década de 60 é considerada como a divisória neste processo, pois a partir daí o sexo começou a ser encarado como uma forma de prazer e não mais como meio de reprodução, somente.

Neste sentido, Durham (1983), em seu texto *“Família e Reprodução Humana”*, diz que é próprio do senso comum conceber a representação de família como uma instituição relativamente estável da sociedade, antes como formas *“naturais”* de organização da vida coletiva que como produtos mutáveis da atividade social. Descreve a autora que há uma tendência à *“naturalização”* a sua organização e constituição, reforçada pelo fato de se tratar de uma instituição que de certo modo exerce uma regulamentação social de atividades com base biológica: o sexo e a reprodução.

A naturalização da família é um fenômeno que ocorre em todas as culturas e na nossa, não diferentemente, além de inserida no senso comum tende a disseminar e

contaminar a própria reflexão científica, que com uma visão restrita e única, identifica o grupo conjugal como forma básica ou elementar de família e afirma sua universalidade. Desta forma, parentesco é tomado como igualmente “*natural*” e concebido como extensão dos laços familiares. É necessário, no entanto, dissolver essa aparência de naturalidade e pensar em família como uma criação humana mutável.

Durham (1983) descreve assim este pensamento: “*o fundamental para ‘desnaturalizar’ a família é, portanto, entender que a relação que conhecemos entre grupo conjugal, família, parentesco e divisão sexual do trabalho pode ser dissociada, dando origem a instituições muito distintas*”. (p. 16).

Deste modo, a autora, no mesmo texto, conceitua família:

“O conceito de família, embora se refira a grupos sociais concretos, remete prioritariamente ao modelo cultural e à sua representação. A análise, por outro lado, move-se sempre no campo da utilização do modelo na organização dos grupos sociais e do comportamento coletivo dentro da dinâmica que inclui freqüentemente a própria alteração dos modelos existentes”. (p. 31)

Os estudos comparativos antropológicos confirmam a idéia de que família pode combinar de forma variável o casamento, o parentesco, a residência e a vida doméstica compartilhada entre pessoas não-aparentadas - amigos, abrindo-se para a possibilidade de arranjos diversos e associações entre os indivíduos que a compõem. Portanto, ao estudar o conceito de família e sua organização na sociedade, devemos buscar na antropologia a base para estes estudos, por ser esta a ciência que tem o olhar diretamente voltado para descobrir e perceber as diversas formas de organização e formação social, com base na análise do que é geral e as diferenças existentes dentro desta sociedade. Dito de outra forma: é a ciência que abre o caminho para se descobrir e revelar novas possibilidades para se viver na sociedade, respeitando as diferenças e as particularidades de cada indivíduo ou grupo social.

Ao estudar modelos e padrões na organização dos grupos sociais e como se comportam na dinâmica social, nos remetemos ao conceito de Geertz:

“Padrões culturais são simultaneamente modelos e modelos para o comportamento social, isto é, são representações de ordenações presentes na vida social e ordenações na vida coletiva. Como modelos, neste duplo sentido, são, em primeiro lugar, mutáveis; em segundo lugar, são construções sintéticas, nas quais a realidade social jamais cabe por inteiro”. (1978, p. 30 e 31).

Neste sentido, modelos de comportamento social podem ser mutáveis e jamais caberá um modelo único. Sendo a família representada como um modelo na organização dos grupos sociais e no comportamento coletivo, garante a possibilidade desta mutabilidade dos modelos existentes.

Velho (1986), ao comentar sobre família e sexualidade, destaca que várias pesquisas sociais e antropológicas têm sido realizadas sobre diversos temas, dentre eles, família e sexualidade, que apontam para a existência de representações e vivências muito diferenciadas dentro da nossa sociedade, e questiona até que ponto as crenças estabelecerão uma fronteira entre os diferentes grupos sociais. O autor conclui que *“o reconhecimento de formas alternativas de vida familiar e sexual pode implicar a identificação de códigos e mapas de orientação bastante antagônicos aos modelos tradicionais dominantes”*. (p. 52).

Roudinesco (2003) em seus estudos sobre família enfatiza a existência de um *“desejo de família”* contemporâneo, inclusive, nos grupos que a contestavam como instância colonizadora e opressora, com o cunho patriarcal (p. 11). A autora revela que o *“desejo de família”* emerge em meio às alterações dos costumes e da instabilidade econômica moderna.

A mesma autora cita o pensamento de Lévi Strauss ao afirmar que a família se apresenta em praticamente todas as sociedades humanas, mesmo que sob distintas configurações. Realçamos, então, a idéia de que estamos no caminho para descobrir e entender esta nova complexidade da organização familiar, que Roudinesco apresenta como *“a família do futuro”*.

Ainda Durham (1983) ressalta a importância da análise da diversidade cultural no sentido de dissolver esta definição de papéis que existem nas relações entre homem e mulher, a dicotomia dominação-submissão. Em outro momento do texto, a autora discute sobre a idéia da reprodução fortemente presente na sociedade quando falamos da organização familiar. Ela menciona:

“Apesar de todas as críticas e contestações, apesar da criação de novas formas de vida privada não-familiar institucionalizadas como opções legítimas, a reprodução parece repor continuamente, em nossa sociedade, o núcleo conjugal em nova versão do antigo modelo de família. Essa perspectiva do núcleo conjugal apóia-se em forças ideológicas muito poderosas e no desejo do estabelecimento de relações interpessoais íntimas e afetivas”. (p. 41-42).

Ao discutirmos a relação de dominância/igualdade entre homem e mulher que até então exercia um controle normalizador da libido na conjugalidade pela sociedade burguesa, Roudinesco revela que a sociedade pós-moderna assinala uma mudança do papel da mulher e descreve como a passagem do feminino-materno para a posição feminina que separa feminilidade de maternidade, e que *“progressivamente dominará os processos de procriação”*. (p. 149). É o *“poder das mães”*, com acusações, temores sobre fertilidade e masculinidade femininas, e a feminilização que torna claro que, *“todas essas metamorfoses não faziam senão traduzir as angústias de um mundo abalado por suas próprias inovações”*. (2003, p. 152).

Esta detenção do poder materno sobressai-se acentuadamente com as manipulações procriativas, desenvolvidas e aprimoradas pela ciência ao longo das últimas décadas. Desta forma, este poder feminino-materno exclui a presença do pai na relação familiar.

Ainda Roudinesco, ao descrever sobre o futuro da família enuncia que devemos considerar a necessidade de aceitação de pais e mães homossexuais, no direito de constituir família. Desta forma, para a autora, *“a família do futuro precisa ser reinventada”*. (2003, p. 199).

Portanto, as novas possibilidades para as mulheres homossexuais constituírem uma família podem ser a adoção, o banco de esperma, a utilização de sêmen de amigos ou até mesmo inseminação de amigos gays e que têm filhos, compartilhando a paternidade e a maternidade.

No trabalho de Noda (2005), a autora descreve que dentro dos diversos arranjos familiares existentes, pais e mães homossexuais são os que mais causam polêmica, pois são famílias submersas em preconceitos e inseridas em uma sociedade que as recebe de forma dúbia. Se, por um lado, é politicamente correto aceitar a forma como o outro vive, desde que não prejudique os demais, por outro lado, há uma longa história de perseguição aos homossexuais considerados pervertidos, anormais, pecadores, etc. As famílias de mães homossexuais são as mais atingidas por este preconceito. (p. 2-3).

A mesma autora em trecho que se refere aos casais homossexuais, disserta:

“O ser aceito como casal implica aparecer e ser como todos, garantindo seus direitos. Porém, ao mesmo tempo é a busca por um modelo prescrito para os heterossexuais. No caso de adoção eleva-se a um passo de segurança financeira e emocional. Apesar de sabermos que o casamento em si não constitui terreno sólido, mas o amor, o carinho, o respeito trazem em si aspectos que podem indicar caminhos da felicidade”. (2005, p. 54).

A psicóloga Imber-Black (1994) explana que, ao longo dos séculos, a cultura foi influenciada por uma crescente tirania de igualdade e crenças culturais de que devemos ser mais similares do que diferentes, de amor através de nossos genitais, em vez de através de nossas almas, de propriedade privilegiada acima da experiência, de regras acima de relacionamentos, e assim por diante. Estas crenças presentes no pensamento dos indivíduos e na sociedade tornam-se um verdadeiro veneno, motivo para a manutenção do segredo do amor lésbico e dos gays. (p. 228).

Ao levantar questões referentes ao idoso homossexual, devemos nos lembrar de que estes indivíduos, ao contrário dos heterossexuais, tiveram que lidar

durante toda a vida adulta com a estigmatização social, sentindo-se à margem da cultura predominante. Por isso, poderão chegar à velhice com uma carga maior de marginalização e preconceito.

Quando pensamos na velhice e no envelhecimento, é inevitável não imaginar o corpo que envelhece, associado aos estigmas que se agregam à velhice, como o aparecimento de doenças, as limitações físicas que podem surgir, a necessidade de cuidado e apoio social, a interrupção nos relacionamentos sociais. Por conseguinte, a necessidade de adaptar-se à deterioração da saúde, às perdas, à discriminação pela idade e ao medo de morrer, para, desta forma, evitar a interrupção do significado do ser integral ao indivíduo que envelhece. Acreditamos que a rede de apoio social para os homossexuais idosos pareça mais instável e insegura, visto que a maioria dos homossexuais rompeu com vínculos familiares na família nuclear, não constituíram uma “família” e não tiveram filhos.

Em referência ao apoio social na velhice, Saad (1999) comenta que, nos países desenvolvidos, as funções familiares foram gradativamente substituídas pelo setor público, reduzindo assim o papel central da família como suporte básico dos idosos. Este fato, porém, não está representado na maioria dos países menos desenvolvidos, como no Brasil, por exemplo, em que, a família e, especialmente os filhos adultos, continuam representando o principal arranjo social e apoio para os idosos, inclusive pela carência de políticas sociais públicas para amparar e proteger este segmento da população. (p. 251).

Para o escritor Goffman (1988), há um conjunto de indivíduos dos quais o estigmatizado pode esperar algum apoio, o qual seria oferecido pelos próprios indivíduos estigmatizados, pelos homossexuais através dos vínculos de amizade; assim como também por indivíduos “normais”, que simpatizam com ele e o aceitam; neste caso, a família ou amigos não-homossexuais. (p. 37).

Por outro lado, observa-se que no mundo homossexual é comum o estabelecimento de fortes laços de amizade, constituindo-se assim uma família ampliada pela rede de amizade em um tipo de comunidade.

Peter Drucker (1998), em seu livro *“A Comunidade do Futuro”*, expõe o seguinte sobre comunidade:

“[...] a vida é a procura de sistemas: ela precisa ter relacionamento, estar conectada a outros. Os indivíduos não podem sobreviver sozinhos. A evolução progride a partir destes novos relacionamentos. É apenas relacionando-se que os seres humanos podem ser eles próprios em toda a sua plenitude. O instinto de comunidade está em todos os lugares da vida. Os indivíduos tentam conceber formas de se unir para obter apoio”.
(p. 23).

Martin Buber (1987) ao se referir à comunidade, descreve-a não apenas como algo desejável, mas também eminentemente realizável, uma vez que a *“sociedade”*, sendo regulada pelo princípio utilitário e por relacionamentos internalizados, dará lugar a *“uma nova comunidade”*, baseada na *“lei intrínseca da vida”*, no princípio criativo e em relações fundamentadas na livre-escolha das pessoas e não em ligações consangüíneas. (p. 17).

Foi com base nestas reflexões que a pesquisadora deste estudo tentou descobrir os significados que as mulheres homossexuais atribuem às relações sociais para a sua futura velhice. Com referência à constituição familiar, o apoio viria de filhos e parceiros sexuais afetivos ou vínculos de amizade, constituindo assim em uma nova formação e arranjo social para este grupo, como uma comunidade de amigos, que lhes garantisse afetividade e amparo na velhice.

METODOLOGIA DE PESQUISA

Acreditamos que a metodologia de uma pesquisa deve ser o ponto central de um trabalho científico, pois ela define a estrutura e os caminhos percorridos durante o desenvolvimento do estudo, alinhando os pensamentos e questionamentos propostos pelo tema.

Esta pesquisa procurou desvendar os significados e as representações que as mulheres homossexuais de meia-idade – envelhescentes – tem em relação à “velhice e ser velha”, quais arranjos e caminhos que imaginam percorrer dentro deste processo de envelhecimento e, principalmente, descobrir os significados que elas conferem à família, filhos, relação afetiva e solidão, relacionadas com a velhice, levando-se sempre em consideração a possibilidade de sofrerem um duplo ou triplo estigma e preconceito social atribuído ao fato de serem “mulher, homossexual e velha”.

Com base no conceito semiótico de cultura utilizado e descrito pelo antropólogo Clifford Geertz (1978) é que fundamentamos a metodologia deste trabalho. Segundo o autor, a antropologia é uma ciência interpretativa à procura de significado. Deste modo, o pesquisador para descobrir os significados deve fazer uma etnografia, que por si só já é uma descrição densa. Assim, segundo o autor:

“(...) o ponto a enfocar agora é somente que a etnografia é uma descrição densa. O que o etnógrafo enfrenta, de fato – a não ser

quando está seguindo rotinas mais automatizadas de coletar dados – é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas as outras, que são simultaneamente, estranhas, irregulares e inexplicitas, e que ele tem que de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. E isto é verdade em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo, mesmo no mais rotineiro: entrevistar informantes, observarem rituais, deduzir termos de parentesco (...). Fazer a etnografia é como tentar ler no sentido de construir uma leitura – um manuscrito estranho, desbotado, cheio de eclipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escritos não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios do comportamento modelado”. (p. 23).

Utilizando também esta linha de pensamento, Mercadante (1997) afirma que: *“a cultura apresenta-se como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (...) e descobrir os significados implica no estabelecimento de um contato mais próximo entre pesquisador e pesquisado, e na possibilidade do diálogo entre os mesmos. A rigidez e a distância podem levar a enfocar o ‘outro’ como algo primitivo, exótico e curioso”. (p. 46).*

Geertz, quando fala sobre a análise dos significados, nos explica que *“na abordagem semiótica da cultura, o grande objetivo, ou o ponto global, é auxiliar a ganhar acesso ao mundo conceitual em que vivem os nossos sujeitos, de forma a podermos, num sentido um tanto mais amplo, conversar com eles”. (1978, p. 35).*

Neste sentido, ao definir este estudo como uma pesquisa qualitativa, utilizamos entrevistas abertas como técnica metodológica, porquanto “conversar com os sujeitos” e analisar os significados e representações que as mulheres homossexuais da meia idade – envelhescentes – entrevistadas para este estudo tem sobre o tema proposto, favorece uma análise mais ampla e detalhada, abrindo a possibilidade de descobrir novos sentidos. Sabemos que o acesso privilegiado ao significado se dá pelo discurso e, assim sendo, pode-se ter a tendência de ir mais para o lado subjetivo, esquecendo a relação da representação com o dado objetivo.

Portanto, nas entrevistas abertas, o que se deseja obter, além do dado objetivo, é o significado a ele atribuído pelos sujeitos.

Cardoso (1986) comenta que a utilização de entrevistas longas implica em voltar ao significado em seu estado pleno, ao discurso “*real*”, ao mesmo tempo que possibilita a descoberta de novos sentidos ainda não previstos. A mesma autora nos comprova:

”Nestas investigações o pesquisador é o mediador entre a análise e a produção da informação, não apenas como transmissores, porque não são fases sucessivas, mas como elo necessário”. (p. 101).

Não podemos esquecer que durante as entrevistas abertas encontramos limites e dificuldades para realizá-las. As condições em que se encontram o pesquisador e o pesquisado, o ambiente, também determinarão as interpretações que serão desenvolvidas. O estabelecimento de uma relação que coloca frente-a- frente o pesquisador e o informante, mostra a importância do resgate da subjetividade como instrumento de trabalho. Sobre isto a mesma autora explica:

“Não deve ser justificativa para a indefinição dos limites entre ciência e ideologia e, portanto, não devem servir de desculpa para repor a velha oposição entre verdade e mistificação. A relação intersubjetiva não é o encontro de indivíduos autônomos e auto-suficientes. É uma comunicação simbólica que supõe e repõe processos básicos responsáveis pela criação de significados e de grupos. É neste encontro entre pessoas que se estranham e que fazem o movimento de aproximação que se podem desvendar sentidos ocultos e explicitar relações desconhecidas”. (1986, p. 103).

Na perspectiva de Geertz, é importante quebrar o obstáculo proveniente da combinação rigidez-distância, entre o pesquisado e o pesquisador, para compreender o mundo do “*outro*”, do pesquisado, e participar desse mundo. Quando não for possível quebrar esta distância e rigidez, deve-se, pelo menos, tentar reduzir a lacuna entre o “*nós*” e “*eles*”, para que o diálogo ocorra, efetivamente, e se apresente de um modo mais humano.

O fato de a pesquisadora ser uma mulher heterossexual nos faz imaginar que encontraríamos alguma estranheza por parte das mulheres entrevistadas, ou até mesmo durante a entrevista, porque elas poderiam não se sentir à vontade para expor pensamentos e idéias. Esta também foi uma preocupação inicial da pesquisadora, mas no decorrer da pesquisa, percebemos que estávamos conseguindo estabelecer um clima de confiança, talvez pelo fato de elas terem uma referência anterior da entrevistadora e por serem indicadas por pessoas de seu ambiente social. É interessante nos referir que já havia por parte das entrevistadas um sentimento de confiança anterior à entrevista e o desejo manifesto de poder contribuir para a pesquisa.

Ao descrever sobre a “*estranheza*” que poderia causar às entrevistadas, remetemo-nos ao pensamento de Goffman (1988):

“Quando normais e estigmatizados realmente se encontram na presença imediata uns dos outros, especialmente quando tentam manter uma conversação, ocorre uma das cenas fundamentais da sociologia porque, em muitos casos, esses momentos serão aqueles em que ambos os lados enfrentarão diretamente as causas e efeitos dos estigmas.” (p. 23).

Ainda o mesmo autor faz referência a que: “*o indivíduo estigmatizado pode descobrir que se sente inseguro em relação à maneira como os normais o identificarão e o perceberão*”. (1988, p. 23).

Por isso, nos preocupamos em criar um ambiente acolhedor que possibilitasse a interação e aproximação entre pesquisadora e entrevistadas. Para tanto, optamos em entrevistá-las num ambiente doméstico, em casa, onde o diálogo aberto pudesse ocorrer sem causar constrangimento, dando-lhes a possibilidade da exposição das idéias e pensamentos de maneira mais espontânea.

Segundo Ludke e André (1986), a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como principal instrumento, onde

os dados coletados são predominantemente descritivos e a preocupação com o processo é maior do que o produto. Os autores ressaltam, ainda, que o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida devem ser focos de atenção especial do pesquisador. (p. 11-12).

Destacamos, também, nesta análise e descrição metodológica, o pensamento de Minayo (2000), quando chama a atenção para a importância da relação pesquisador / pesquisado numa abordagem qualitativa:

“Assume-se que a inter-relação no ato da entrevista contempla o afetivo, o existencial, o contexto do dia-a-dia, as experiências, e a linguagem do senso comum, e é condição sine qua non do êxito da pesquisa qualitativa”. (grifo do autor) (p. 124).

A mesma autora ainda descreve que o interagir entre pesquisador e pesquisado, que não se limita às entrevistas e conversas informais, aponta para a compreensão da fala dos sujeitos em sua situação. (2000, p. 62).

Na pesquisa qualitativa, o significado que as pessoas dão à sua vida deve ser respeitado pelo pesquisador. Além disso, devemos pensar que as mulheres homossexuais envolvidas nesta pesquisa, ao serem escutadas, também estão se ouvindo e tendo a possibilidade de atribuir novos sentidos aos seus relatos, concebendo, assim, novas percepções e imagens sobre o envelhecimento.

Outro aspecto importante que devemos considerar ao se trabalhar com entrevistas abertas é definir o número total de entrevistas e informantes a ser estabelecido, que segundo Debert (1986) corresponde a determinar qual é o “*ponto de saturação*” para encerrar:

“A idéia de ‘bola de neve’, isto é, em um determinado momento, podemos definir um ponto de chegada, em que as respostas se tornam repetitivas, um “ponto de saturação”, a partir do qual podemos definir o número de informantes, parece bastante

problemática. A sensação que temos é que ocorre exatamente o contrário. Sempre seria possível mergulhar mais profundamente nas mesmas coisas de forma a perceber novos ângulos. A cada nova entrevista, um novo leque de questões poderia ter sido aberto”. (p. 45).

Exatamente esta a dúvida que tivemos durante a realização da pesquisa, isto é, a dificuldade em definir o número de mulheres homossexuais que deveriam fazer parte do universo pesquisado, determinar o ponto de chegada, pois havia a sensação de ainda não ter conseguido desvelar tudo e acreditávamos que novos significados e interpretações poderiam ser revelados quanto mais entrevistas fossem realizadas.

Debert menciona que, ao se levantar a história de vida das entrevistadas, utilizando a entrevista aberta, conhecendo os significados e idéias que elas têm sobre o tema proposto, o ponto positivo deste processo é que, a partir deste momento, a discussão e a relativização das teorias e conceitos macro-estruturais existentes passam a ser repensados e contrageneralizados, refinando estes conceitos e modelos explicativos existentes e propostos nas Ciências Sociais. (1986, p. 144).

Baseado na idéia de contrageneralização é que buscamos ouvir este grupo de mulheres, suas representações singulares, tentando encontrar um novo olhar, uma visão revolucionária em relação à velhice, diversos aos modelos rígidos e genéricos existentes, tornando possível descobrir novos modelos e formas para viver a velhice.

É a relação fundamentada pelo diálogo entre o entrevistado e o pesquisado que vai criar possibilidades interpretativas de vários e diferentes níveis, não necessariamente significando que uma destas interpretações em detrimento da outra seja mais verdadeira, o que também não impede que o sujeito do estudo seja capaz de ter suas interpretações individuais, conscientes, coerentes e objetivas de sua própria situação.

Velho (1996) descreve sobre a complexidade da rede de significados que encontramos na biografia dos indivíduos:

(...) “é ao nível das (sic) biografias de indivíduos específicos que encontramos com mais vigor e dramaticidade a coexistência de orientações e códigos diferenciados. Isso porque nessas biografias assinalam-se trajetórias e papéis complexos, em que oposições do tipo tradicional x moderno ou holista x individualista são percebidas como constituintes de identidades individuais (...) percebe-se a complexidade da rede de significados ao nível da (sic) biografia, suas contradições e seus conflitos (...)”. (p. 52).

Para a coleta de dados da pesquisa foi utilizada a técnica do gravador, após consentimento explícito e formal das entrevistadas, sendo este um recurso importante, durante as entrevistas, por possibilitar ao pesquisador maior concentração no diálogo, pois não havia necessidade de registrar as falas.

Os dados registrados são descritivos e se referem aos relatos de cada sujeito. As entrevistas foram transcritas para o computador e, posteriormente, analisadas e transformadas em textos formatados que contêm a expressão exata do conteúdo da entrevista.

A ESCOLHA DOS SUJEITOS E A RELAÇÃO ESTABELECIDADA COM A ENTREVISTADORA

Os sujeitos que fizeram parte desta pesquisa foram mulheres homossexuais - assim denominado por elas - na meia-idade, residentes no município de São Paulo. Foi estabelecida a faixa etária entre 40 a 59 anos de idade, período que corresponde à maturidade – meia-idade, também denominada envelhescência. O total de mulheres entrevistadas para a pesquisa foram dez (10).

A coleta de dados foi realizada no período de março a julho de 2006, na residência das entrevistadas ou de suas amigas. Apenas uma delas preferiu que a entrevista acontecesse em local público e isolado. Em nenhum momento o pesquisador identificou ou percebeu qualquer dificuldade para interagir e aproximar-se das entrevistadas, ocasionando algo que pudesse interferir na coleta dos dados.

A escolha das mulheres entrevistadas se deu por indicação. Inicialmente, pela facilidade de contato presente no ambiente familiar e, posteriormente, por orientação e indicação das próprias entrevistadas para novos contatos. Algumas mulheres pertenciam a um ambiente de amizade comum, já em outros casos havia a ausência deste contato ou relações de proximidade entre elas. O caráter de inclusão destas mulheres foi definido a partir do momento em que aceitaram participar da pesquisa de forma voluntária.

O encontro com as entrevistadas se deu de forma individual e em um único momento. O tempo médio das entrevistas foi de 50 minutos. Primeiramente, estabeleceu-se um contato telefônico em que o pesquisador esclarecia o objetivo do estudo. Depois, foi enviado via e-mail a proposta do estudo e o projeto da pesquisa, já tendo anexado o termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo II), afim de que a entrevistada se assegurasse do anonimato e do sigilo que seria mantido durante toda a pesquisa.

Além da entrevista gravada, as entrevistadas preencheram um formulário contendo algumas perguntas relativas à identificação pessoal, como idade e data do nascimento, estado conjugal, ter ou não filhos, profissão, renda mensal, nacionalidade e naturalidade. (Anexo I)

Contrariamente ao que havíamos suposto antes de iniciar a pesquisa, ou seja, que encontraríamos dificuldade para selecionar e entrevistar mulheres homossexuais que estivessem dispostas a participar da pesquisa, pelo receio da exposição pública de sua intimidade, percebemos vontade e disponibilidade. Apenas houve duas situações em que a negação de participar do estudo se deu, mas foi pela dificuldade de encontro e disponibilidade de tempo. É interessante observar que houve mais dificuldade para realizar entrevista com mulheres na faixa etária acima de 50 anos, talvez pela dificuldade de indicação ou por não quererem se expor.

A preocupação da pesquisadora em preservar a identidade das entrevistas se deu desde o início da pesquisa, que também coincidiu com o desejo expresso e solicitado por elas, inclusive, sugerindo a utilização de pseudônimos para identificá-las. Deste modo, optamos por nomeá-las com nomes fictícios, garantindo-lhes a

privacidade e o anonimato. Houve apenas uma entrevistada que recusou a preencher a ficha de identificação, excluindo a identificação do nome, da renda, da profissão e a naturalidade. Este fato não prejudicou a análise dos resultados, pois, neste caso, a entrevista ocorreu de modo tranquilo e espontâneo, e o depoimento foi muito importante para a pesquisa.

Durante as entrevistas, conhecemos um pouco da história destas mulheres, entramos no universo íntimo de cada uma delas, uma vez que expunham suas angústias, medos, sentimentos íntimos em relação à homossexualidade, à família, ao processo de envelhecimento por que estão passando e se referiam aos projetos e idéias que imaginavam para o futuro, na velhice. Mesmo não tendo formação específica na área da psicologia, por ser enfermeira e estar em contato o tempo todo com indivíduos que apresentam questões conflituosas, não só físicas, mas também sociais e emocionais, normalmente nos colocamos como ouvinte destes indivíduos, tentando compreendê-los. Talvez por este motivo sentimo-nos à vontade ao ouvir estas mulheres e percebemos a sensação de conforto e segurança que transmitiam ao se expressarem.

Apresento na Tabela 1 o perfil dos sujeitos deste estudo. Como já descrito acima, utilizamos nomes fictícios. O perfil mencionado apresenta idade, estado conjugal, filhos, profissão, escolaridade e renda. Os sujeitos do estudo serão apresentados com mais detalhes no capítulo de discussão e apresentação dos resultados, quando então descreveremos as entrevistas.

Tabela 1

PERFIL DO GRUPO PESQUISADO

NOME	IDADE	ESTADO CONJUGAL	FILHO	PROFISSÃO	ESCOLARIDADE	RENDA
Gina	40	Casada (10 anos)	sim (1)	Publicitária	Superior	B
Olga	49	namoro	Não	Empresária	Superior	B
Luiza	48	Casada (8 anos)	não	Publicitária	Superior	B
Ruth	41	namoro	Não	Representante Comercial	II grau completo	C
Alice	43	solteira	Não	Desenhista Industrial	Superior – pós- graduação	B
Mônica	49	solteira	Não	Adm. de Empr. e Editora	Superior – pós- graduação	B
Maristela	43	Casada (10 anos)	sim (1)	Publicitária	Superior	B
Irene	51	Casada (14 anos)	Não	Professora Diretora Editorial	Superior – pós- graduação	B
Roberta	50	namoro	Não	Comerciante	Superior – pós- graduação	B
Valentina	57	solteira	Não	NI	Superior – pós- graduação	NI

Legenda:

NI – não informado

Renda:

- A - acima de R\$ 10.000,00
- B - de R\$ 5.000,00 a 10.000,00
- C - de R\$ 2.500,00 a 5.000,00
- D - de R\$ 1.000,00 a 2.500,00
- E - até R\$ 1.000,00

*Os verdadeiros amigos
chegam à nossa vida
em momentos especiais
e, aconteça o que acontecer,
permanecem
sempre ao nosso lado.*

*Mesmo que viajemos
por caminhos separados
ou que cruzemos pontes
diferentes, a ajuda
de nossos amigos
vai nos dar
a maravilhosa sensação
de que não estamos sós.*

*Os amigos
podem se transformar
na família que escolhemos
e esses laços
se fortalecem
com amor e com cuidado*

SUSAN FLORENCE

ANÁLISE INTERPRETATIVA DAS ENTREVISTAS

Como já foi relatado na metodologia, este estudo foi realizado com dez (10) mulheres homossexuais na faixa etária de 40 aos 57 anos, das quais sete (7) se encontram na faixa de 40 – 49 anos e três (3) acima dos 50 anos.

Todas as entrevistadas são residentes na capital de São Paulo e pertencem à classe média. O ramo de atividade ou ocupação que exercem é variável: três (3) mulheres trabalham em publicidade, duas (2) em atividade comercial e as demais como desenhista industrial, administradora de empresa, empresária e diretora editorial.

Em relação à escolaridade, apenas uma (1) entrevistada não tem nível superior. As outras têm formação superior, sendo cinco (5) com pós-graduação. Consideramos ser importante destacar estes dados, pois, ao analisarmos o conteúdo das entrevistas, devemos levar em conta a formação educacional destas mulheres.

O estado conjugal se apresenta de forma variada. Quatro (4) mulheres se incluíram como casadas, variando entre 8 a 14 anos na relação conjugal, embora apenas duas morem na mesma residência como um casal; as outras duas moram em residências separadas. Das demais entrevistadas, ou seja, 6 (seis), três (3) estão namorando e três (3) se apresentaram como solteiras, sem namorada.

Em referência à presença de filho na relação conjugal, apenas duas (2) têm filho, exatamente as que constituem um casal nesta relação conjugal. As demais mulheres não têm filhos.

Em referência às entrevistas, podemos afirmar que fluíram como um “bate papo”, uma conversa não-formal, uma vez que as entrevistadas estavam livres para expor pensamentos e idéias a qualquer momento. Percebemos que as respostas algumas vezes se repetiam ou surgiam em outro contexto. Deste modo, à análise dos significado passou a ser um exercício dinâmico para o pesquisador desde o primeiro momento das entrevistas.

Descreveremos o conteúdo das entrevistas de acordo com o roteiro utilizado, conforme já apresentado. Optamos por classificar o conteúdo das entrevistas em quatro grupos, sendo a análise do conteúdo realizada detalhadamente em cada grupo, após a apresentação dos discursos. Dividimos em:

I. O significado e representações da velhice e do ser velho – as mulheres descrevem as representações que têm sobre a velhice, estigmas e preconceitos.

II. O duplo preconceito: homossexualidade feminina e velhice – analisamos a relação entre os preconceitos homossexualidade e velhice na representação destas mulheres.

III. O corpo na envelhescência: a percepção do corpo envelhecido e sua imagem na transição da meia-idade e o que representa esta fase da vida.

IV. Velhice: arranjos sociais no presente e no futuro: o que representa família, filhos e parceiros afetivos / relação conjugal hoje e na velhice. O que imaginam em termos de arranjo social como apoio, ajuda e sociabilidade na velhice. Como percebem o envelhecimento para a mulher homossexual e para as heterossexuais e como encaram a relação velhice e solidão.

As entrevistas foram recortadas e ordenadas pela pesquisadora, criando uma bricolagem, tendo em vista que, durante as entrevistas, o conteúdo das respostas se apresentavam em diferentes contextos. Num primeiro momento, estas respostas pareciam estar fora do lugar, mas à medida que aprofundamos nossa análise, descobrimos outros lugares (outros contextos), nos quais os significados apresentados passavam a ter uma maior visibilidade explicativa, possibilitando ampliarmos a análise interpretativa.

Isto nos remete novamente ao pensamento de Geertz, quando descreve que o pesquisador elabora uma interpretação de segunda mão, conforme podemos observar nas palavras do autor:

“Os textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão (Por definição, somente um ‘nativo’ faz a interpretação em primeira mão: é a sua cultura). Trata-se, portanto, de ficções; ficções no sentido de que são ‘algo construído’, ‘algo modelado’ – o sentido original de fictio – não que sejam falsas, não factuais ou apenas experimentos de pensamento. Construir descrições orientadas pelo ator dos envolvimento (...) é claramente um ato de imaginação não muito diferente da construção de descrições semelhantes de, digamos, os envolvimento uns com os outros (...)”. (1978, p. 23-24).

Na apresentação dos capítulos anteriores, fundamentamos nossa pesquisa nos filósofos, pensadores, sociólogos, antropólogos e psicólogos para contextualizar e refletir sobre a complexidade do tema – velhice e homossexualidade. Sendo assim, fundamentamos a análise e interpretação das entrevistas utilizando os mesmos autores; deste modo, conseguimos aproximar e entender as discussões teóricas com a prática, aqui apresentada no discurso das mulheres entrevistadas.

5.1. O SIGNIFICADO E REPRESENTAÇÕES DA VELHICE E DO SER VELHO

Quando perguntamos para as entrevistadas o que significa a velhice e ser velho e quais as representações e imagens que tinham da velhice, obtivemos as seguintes respostas:

“Nunca pensei nisso. Eu penso no agora. Eu tive uma experiência agora que eu assustei muito, foi o fato de eu estar grávida e ter que ficar 3 - 4 meses da minha vida sem andar direito, sem me movimentar e levantando com dificuldade, associei muito minha gravidez com um idoso. Acho que ser velho é muito complicado, é deixar de conseguir fazer

as coisas sozinho. Faz parte de vida, representa o lado que começa declinar... Cheguei no auge e agora começo a descer, deixar de ter alguns reflexos, a memória, é o descer a ladeira mesmo. Vira criança, tem muita coisa que um velho não tem mais capacidade de fazer, idem a uma criança. O velho e uma criança são como “café com leite”. Eu não acho que existe preconceito contra o velho, acho que existe contra o preto, o homossexual, mas contra o velho, não. Acho que o velho é tratado de uma maneira mais carinhosa, é como se estivesse declinando e descendo uma ladeira”. (Gina, 40).

“Representa uma falta e perda de vitalidade, um processo normal da vida, a última etapa da vida, representa uma ausência”. (Olga, 49).

“Ter alguém que poderia cuidar de você. No meu caso me preocupo porque eu não vou ter ninguém, alguém como família. Preconceito, isto existe sim, quando você ouve falar da velhice no Brasil e quando vê as reportagens que passam na TV, é ridículo, e a maioria sofre muito, é triste”. (Luiza, 48).

“Falta de qualidade de vida, pela situação atual do país. Hoje, há pessoas de classes menos favorecidas que não têm dinheiro para remédio, para assistência social e assistência médica...Fico com medo disso. Hoje eu tenho que trabalhar para que no futuro, inclusive, eu tenha condições de ter isto. Medo eu acho que todo mundo tem de envelhecer, porque a gente não sabe o que vai ser”. (Ruth, 41).

“Acho que tem a parte boa e a parte ruim. A parte boa que é a experiência e a tranquilidade da maturidade, este bem-estar que sinto hoje com a maturidade que aumenta. Eu não consigo não pensar no que o corpo sofre dentro desta concepção de que você fala”. (Alice, 43).

“Este tema não é muito confortável para mim, não...Eu não sou uma pessoa que consegue encarar bem a velhice, eu tenho muitos medos em relação a ela, acho que são mitos, realmente, como a morte. O que é a morte e o que vem depois dela. A velhice significa a proximidade cada vez maior da morte. Hoje eu vejo a minha família também e algumas pessoas envelhecendo. De repente, eu fiquei chocada, quando eu olhei para ele (meu pai) naquele dia e disse: meu Deus, meu pai está velho, ele envelheceu...Como é que foi isto? Eu não notei... de repente, ele está me parecendo uma pessoa velha, e isto me assusta, e sabe por que? Como outras coisas da vida, a gente não tem domínio. Acho que duplamente um fardo é você ser velho e doente, aí é que me preocupam as doenças que a velhice pode lhe trazer e que fardo serei eu serei para alguém. De qualquer forma, as

doenças podem vir em qualquer fase da sua vida, mas na velhice você se preocupa mais. Ser velho também é um desgaste de muita coisa na sua vida, é muito pertinente quando se diz que o velho volta a ser criança, porque, de alguma forma, a pessoa velha precisa de cuidados, não consegue mais fazer tudo por si só, não tem condições e precisa ter apoio. Acho que eu também tenho uma jovialidade muito grande dentro de mim, talvez porque eu odeio tanto esta coisa de velhice”. (Mônica, 49).

“Eu não tenho idéia preconceituosa, de jeito nenhum, eu acho muito bonito. Eu adoro velhinho e velhinha...Quando estou em lugares que têm velhinhos, eu sempre procuro puxar conversa, sou simpática, eu gosto muito mesmo. Eu não tenho idéia de como será a minha velhice... eu penso muito na parte financeira, para ter dinheiro suficiente e pagar alguém para cuidar de mim ou mesmo eu me cuidar, ter uma estrutura para minha saúde”. (Maristela, 43).

“Acho que é uma coisa cultural, principalmente no país que eu nasci, na Itália. Lá nós pensamos muito no velho que precisa de ajuda, que é família. Eu sempre fui muito próxima às pessoas de idade, os latinos são assim. Fui criada no Brasil com esta coisa de família próxima. Quando você pensa na velhice, lembro dos meus avós, uma imagem positiva no sentido do aconchego e carinho, um lado afetivo. O lado negativo é quando você lembra a dor das perdas das pessoas da família, perda dos pais, dos avós, somos humanos, a dor de sofrer pelas doenças”. (Irene, 51).

“Eu sempre convivi com pessoas idosas, as referências são muito fortes. As imagens foram boas e saudáveis. Meus pais vivem na faixa dos 80, quando eu olho para eles eu tenho muito carinho, vejo eles como uma referência, porque eu quero também chegar e envelhecer como eles envelheceram. Eu não tenho receio, nada me amedronta em relação à velhice”. (Roberta, 50).

“Eu acho que tem uma carga de preconceito, e não é uma coisa fácil para mim e nem para ninguém, porque eu acho que a velhice significa a finitude da vida, os nossos limites, nos coloca contra uma situação que não gostaríamos. Todos nós gostaríamos de viver eternamente, mas no fundo eu penso nisto quase que diariamente e pensar nisto significa enfrentar uma vida com aquilo que existe de bom enquanto eu estiver viva. Eu me preparo para isto. Eu lembro que há um tempo atrás, eu fazia análise e eu pensava assim... eu vejo as pessoas envelhecerem com muitas limitações, aqueles novos problemas que são afetados enquanto envelhecem, então eu quero fazer análise um pouco para me preparar mais. Eu vejo pessoas fantásticas e fico “fissurada” com as pessoas idosas, com aquilo que

elas têm para dizer para a gente em termos de sabedoria, de compreensão de vida, de dizer o que viveu, eu fico fascinada com a sabedoria do idoso. Eu vejo a velhice, por um lado, problemática, na realidade em que vivemos, socialmente preconceituosa e estigmatizada. É um horror o tratamento que é dado, [mas] eu acho que está melhorando... Eu fico fascinada quando eu vejo em outros países, na França, o idoso pegando metrô, ônibus.... a condição de vida é infinitamente diferente da nossa. Por um lado eu vejo um lado horroroso, como uma sombra negra, mas ao mesmo tempo me fascina pela sabedoria do idoso, aquela coisa bonita de vida. Envelhecer nestas condições de hoje, nas condições físicas e sociais no país que a gente vive é ridículo, em termos de condição humana, é absurdo, eu acho que isto é uma coisa muito séria e malvista ainda e que vamos demorar anos para mudar”. (Valentina, 57).

Ao analisarmos o conteúdo dos discursos, percebemos algumas associações positivas, mas, na maioria dos depoimentos, as associações com a velhice foram negativas.

As representações positivas foram lembradas por quatro (4) mulheres, destacando sempre a questão da sabedoria do idoso, decorrente da sua experiência e maturidade. Algumas entrevistadas também deram destaque à questão do carinho e afetividade com os idosos, tomando como referência as pessoas da família. Na fala de três (3) destas mulheres, além do aspecto positivo de envelhecer, ressaltam aspectos negativos, o preconceito e a imagem estigmatizada da velhice. Destaco aqui algumas falas que representam estas associações:

“Acho que tem a parte boa e a parte ruim. A parte boa que é a experiência e a tranquilidade da maturidade. Eu não consigo não pensar no que o corpo sofre.” (Alice, 43).

“Por um lado eu vejo um lado horroroso, como uma sombra negra, mas ao mesmo tempo me fascina pela sabedoria do idoso, aquela coisa bonita de vida ...aquilo que tem para dizer em termos de sabedoria ... compreensão da vida”. (Valentina, 57).

“Quando você pensa na velhice, lembro dos meus avós, uma imagem positiva no sentido do aconchego e carinho, um lado afetivo. O lado negativo é quando você lembra a dor das perdas das pessoas da família”. (Irene, 51).

“Eu sempre convivi com pessoas idosas... as imagens foram boas e saudáveis, meus pais eu olho para eles eu tenho muito carinho, vejo eles como uma referência, eu

quero também chegar e envelhecer como eles envelheceram. Eu não tenho receio, nada me amedronta em relação à velhice". (Roberta, 50).

As representações negativas da velhice foram relacionadas por oito (8) mulheres, sempre com referências à decadência física, perda da vitalidade, incapacidade, limitação, falta de saúde, dependência e necessidade de cuidados. Estas associações confirmam o pensamento e as imagens que a maioria dos indivíduos da nossa sociedade tem sobre a velhice, já descritos em inúmeras pesquisas realizadas e que também não se diferencia no discurso deste grupo de mulheres. Destacamos aqui algumas falas metafóricas que representam este estigma:

"Acho que ser velho é muito complicado, é deixar de conseguir fazer as coisas sozinho. Faz parte de vida, representa o lado que começa declinar. Cheguei no auge e agora começo a descer a ladeira. Deixar de ter alguns reflexos, a memória, é o descer a ladeira mesmo. O velho é como uma criança, são como café com leite". (Gina, 40).

"Falta e perda da vitalidade". (Olga, 49).

"Ter alguém para cuidar de você e a maioria sofre muito". (Luiza, 48).

"Falta de qualidade de vida". (Ruth, 41).

"A velhice significa proximidade da morte... tenho medo. Ser velho também é um desgaste de muita coisa na sua vida. É muito pertinente quando se diz que o velho volta a ser criança porque de alguma forma a pessoa velha precisa de cuidados, não consegue mais fazer tudo por si só, não tem condições e precisa ter apoio. Duplamente um fardo é ser velho e doente...que fardo eu serei para alguém". (Mônica, 48).

"Velhice significa finitude da vida ...por um lado eu vejo um lado horroroso, como uma sombra negra". (Valentina, 57).

"Perdas das pessoas da família... a dor de sofrer pelas doenças". (Irene, 51).

"Eu não consigo pensar no que o corpo sofre dentro desta concepção". (Alice, 43).

Ao destacar a noção preconceituosa e estigmatizante relacionada à velhice, remetemo-nos ao pensamento de Goffman, que faz as seguintes considerações sobre a estigmatização dos indivíduos:

“Quando reduzimos uma pessoa a uma categorização isolada desconsiderando o todo. Referente a um atributo profundamente depreciativo, é um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo. Deixamos de considerá-lo uma criatura comum e total, reduzindo-a a uma pessoa estragada e diminuída – estigma – especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande – algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem – constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real”. (1988, p. 12).

Como já destacamos nas análises anteriores ao nos referirmos sobre estigma, temos que refletir sobre a identidade que o indivíduo tem construído de si a partir do outro, da contrastividade entre o eu e o outro, assim como descreve Mercadante. É fundamental neste contexto, pois o que percebemos aqui nestes discursos é que a referência que se tem em relação a velho é sempre a partir do outro, por exemplo, do jovem saudável e ativo e do velho doente e frágil, perto da morte.

Na concepção de Mercadante, se as categorias velho e velhice negam a existência de uma vida mais plena aos sujeitos, mesmo assim não desaparecem totalmente as representações, podendo surgir e indicar situações de sofrimento, dor, perda de autonomia e independência, advinda sempre com a associação de doenças. São estas concepções que criam uma identidade genérica do velho e um modelo estigmatizante. Assim a autora descreve:

“A negação do futuro, a noção de um tempo que passa e, ao passar, implica na decadência do corpo e do espírito do velho, se colocam como qualidades negativas que socialmente são imputadas aos idosos, criando assim, um modelo, uma identidade genérica do velho”. (1997, p. 32).

Estas representações estigmatizadas representam uma redução do mundo do velho, amarrando-o em um espaço pequeno, restrito e privado.

A relação de velhice e doença também é evidente em todas as falas destacadas acima, sendo este o fator determinante para explicar a velhice. Esta percepção distorcida da velhice, também descrita por inúmeros autores, decorre do fato de os indivíduos relacionarem o envelhecimento apenas à dimensão biológica, mais especificamente ao corpo doente, excluindo as dimensões psíquica, cultural e existencial, como deve ser compreendido o processo de envelhecimento, ou seja, na totalidade.

A escritora Simone de Beauvoir, ao falar sobre a velhice descreve o preconceito relacionando degradação do corpo e doença com a velhice. Assim ela afirma:

“Essa anomalia normal, a velhice, parece ser vivida, no plano da saúde, com uma mistura de indiferença e mal-estar. Conjuramos a idéia de doença, invocando a idade; aludimos à noção de idade, invocando a doença, e, com esse artil, conseguimos não acreditar nem em uma, nem em outra”. (1990, p. 351).

Em outro momento, a mesma autora compara o indivíduo ativo ao velho, e nesta relação, ela diz: *“o velho parece para os indivíduos ativos como uma “espécie estranha” na qual eles não se reconhecem... a velhice inspira uma repugnância biológica”.* (p. 266). Esta repulsa que o velho nos causa decorrente de sua degradação é descrita por ela:

“Para cada indivíduo, a velhice acarreta uma degradação que ele teme. Ela contradiz o ideal viril ou feminino adotado pelos jovens e pelos adultos. A atitude espontânea é de recusá-la, uma vez que se define pela impotência, pela feiúra, pela doença. A velhice dos outros inspira também uma repulsa imediata”. (1990, p. 51).

Observamos que esta associação está presente nas falas de Mônica (49) quando fala do “desgaste do velho” e da necessidade de cuidados. Luiza (48) também relaciona velho com uma pessoa que precisa ter alguém para cuidar dela.

Olga (49) destaca a falta de vitalidade do velho. Gina (40) também destaca a dependência do idoso e a necessidade de cuidados.

Ao refletir sobre a estranheza ao se deparar com a velhice, Mônica (49) descreve o choque que teve ao ver seu pai envelhecido:

“De repente eu fiquei chocada quando eu olhei para ele (meu pai) naquele dia e disse: meu Deus, meu pai está velho, ele envelheceu. Como é que foi isto e eu não notei? E isto me assusta”.

A dramaticidade do envelhecimento atribuído pelos indivíduos é descrita por Mercadante quando expõe sobre a velhice :

“A dramaticidade do envelhecimento se dá em todos os sentidos, na relação entre o social e o biológico, mas este último é tomado como um fator fundamental que tem implicações sociais na vida dos indivíduos que envelhecem”. (1997, p. 24).

Algumas idéias contraditórias também surgem no discurso destas mulheres. Destaco aqui a fala de Gina (40):

“Eu não acho que tenham preconceito contra velho, acho que existe contra preto, homossexual, mas contra o velho, não. Eu acho que o velho é tratado de uma maneira carinhosa, é como se estivesse declinando mesmo, descendo a ladeira”.

A associação da velhice com a questão da dificuldade financeira para garantir o cuidado na velhice, a saúde e a preocupação com a dependência e as condições sociais deficientes no nosso país, também estiveram presentes nos depoimentos das entrevistadas. Destaco aqui algumas falas:

“Eu penso muito na parte financeira, para ter dinheiro suficiente e pagar alguém para cuidar de mim ou mesmo eu me cuidar, ter uma estrutura para minha saúde”. (Maristela, 43).

“Envelhecer nestas condições de hoje, nas condições físicas e sociais no país que a gente vive é ridículo, em termos de condição humana, é absurdo, eu acho que isto é uma coisa muito séria e malvista ainda e que vamos demorar anos para mudar”. (Valentina, 57).

“Quando você ouve falar da velhice no Brasil e quando vê as reportagens que passam na TV, é ridículo, e a maioria sofre muito, é triste”. (Luiza, 48).

“É muito pertinente quando se diz que o velho volta a ser criança, porque de alguma forma a pessoa velha precisa de cuidados, não consegue mais fazer tudo por si só, não tem condições e precisa ter apoio”. (Mônica, 49).

A associação de velhice e morte também está presente nas representações destas mulheres, a saber :

“Eu não consigo encarar bem a velhice, eu tenho muitos medos em relação a ela, acho que são mitos realmente com a morte. A velhice significa a proximidade cada vez maior da morte”. (Mônica, 49).

“Velhice lembra as perdas das pessoas da família, a dor de sofrer pelas doenças”. (Irene, 51).

“A velhice representa a finitude da vida, os nossos limites”. (Valentina, 57).

As entrevistadas também destacaram a questão cultural da sociedade, influenciando esta concepção sobre a velhice, isto é, o comportamento e os preconceitos que a sociedade de um modo geral tem relacionado à velhice e ao idoso. Podemos perceber estas reflexões nas falas de Irene (51) e Valentina (57).

“Acho que é uma coisa cultural, principalmente no país que eu nasci, na Itália. Lá nós pensamos muito no velho que precisa de ajuda, que é família”. (Irene, 51).

Eu vejo a velhice por um lado problemática, na realidade em que vivemos, socialmente preconceituosa e estigmatizada. É um horror o tratamento que é dado, [mas] eu acho que está melhorando ... Eu fico fascinada, quando eu vejo em outros países, na França, o idoso pegando metrô, ônibus a condição de vida é infinitamente diferente da nossa”. (Valentina, 57).

Ao analisarmos a velhice como uma questão cultural nos remetemos ao pensamento de Birman quando ele afirma:

“Como interpretações, estas concepções – juventude e velhice – se transformam historicamente. Portanto, não existe qualquer

substancialidade absoluta no ser da velhice e da juventude, pois estes são conceitos construídos historicamente que se inserem então ativamente na dinâmica dos valores e das culturas que enunciam algo sobre o seu ser". (1995, p. 30).

A idéia de perder o domínio e o controle do próprio corpo que envelhece destaca-se nas falas de Mônica (48) e Valentina (57) representando, assim, o medo da velhice e a impotência do indivíduo perante o fato de não poder controlar o envelhecimento, dominar seu corpo. Assim dizem:

"Acho que eu também tenho uma jovialidade muito grande dentro de mim, talvez porque eu odeio tanto esta coisa de velhice. (...) de repente ele (pai) está me parecendo uma pessoa velha, e isto me assusta, e sabe por que? Como outras coisas da vida, a gente não tem domínio". (Mônica, 49).

"A velhice nos coloca numa situação que não gostaríamos...Todos gostaríamos de viver eternamente...eu penso nisso quase que diariamente...pensar nisso significa enfrentar a vida com o que ela existe de bom enquanto eu estiver viva ... eu me preparo para isto". (Valentina, 57).

Deste modo, para se desconstruir este pensamento redutor, a noção de identidade como descrita e analisada anteriormente não é suficiente, pois, se por um lado ela se apresenta como uma classificação útil para se estabelecer grupos diversos, por outro lado, é insuficiente para que o indivíduo tenha um olhar mais profundo. Assim, é necessário avaliar e entender a subjetividade e qual a articulação entre identidade e subjetividade. Com este pensamento, Guattari (1992) diz que pensar em termos de subjetividade implica entrar no campo de produção do desejo e que só assim podemos ser capazes de produzir invenções.

No depoimento de Valentina (57) ela aborda os limites da velhice, mas também apresenta um olhar de enfrentamento, direcionado ao preparar-se para a velhice, como um devir no fluxo da vida, com novas possibilidades, produzindo invenções: *"enfrentar a vida com o que ela existe de bom, eu me preparo para isto"*.

Retomando o pensamento do filósofo Nietzsche (1998) sobre a genealogia da moral que contrapõe valores e diz que o mundo é uma relação de forças.

Acrescenta que existe uma multiplicidade de forças se relacionando e que estão em movimento o tempo todo, onde nada é fixo e rígido, pois estas forças são produto do acaso e não têm moral e valor. Sendo assim, ele afirma que o ideal ascético do homem é tentar corrigir a sua vida, criar um modelo que não existe, ter desejo de frear uma vontade negativa que não permita a criação e a expansão. Ao mesmo tempo, ele alerta a que procuremos alcançar a leveza no viver, pois, se não lutarmos para corrigir a vida, enfrentaremos a morte.

Na análise de Tótora (2006), está claro que não devemos aceitar os valores impostos pela sociedade em relação à velhice, mas problematizá-los e dar um sentido a esta problematização, para assim afirmar a vida como um fluxo do devir.

Quando falamos em produzir novas formas de existência, lembramos novamente de Nietzsche, quando afirma que temos que produzir esta existência em consonância com a vida - viver a vida como em uma tragédia. Neste sentido, ele quer dizer que deve dispor-se para o fluxo da vida, acatando a mutabilidade com alegria, sem ressentimento ou culpa. Neste mesmo sentido, Foucault (2004) ao discorrer sobre a ética da existência, cita Sêneca: *“devemos viver para ser velho”*.

5.2. O DUPLO PRECONCEITO: HOMOSSEXUALIDADE FEMININA E VELHICE

Quando perguntamos para as mulheres homossexuais sobre vivência pessoal na homossexualidade, como percebem o preconceito na sociedade e no ambiente familiar; se observam o preconceito relacionado a homossexual e idoso – tendo então a possibilidade deste grupo sofrer duplo preconceito – “ser velha e homossexual,”- obtivemos as seguintes respostas:

“Eu desde 6-7 anos eu sabia da minha condição. Eu também namorei meninos. Eu nunca lutei contra isto, foi minha escolha. Meu pai sempre foi contra. O amor não tem escolha. Sexo e promiscuidade...não era isto que acontecia. As pessoas sempre me aceitavam, eu sempre fui muito autêntica e nunca escondi nada de ninguém, meus desejos. E eu percebia que eu era diferente e as pessoas percebiam também. Acho que cada dia mais as

“pessoas estão diferentes. Eu acredito muito na evolução do ser humano, o mundo está evoluindo rápido, acho que as pessoas estão menos preconceituosas e mais maduras. Até com preconceitos em relação a preto, velho, pobre. Até por isto que eu resolvi ter uma filha, pois se eu achasse que ela pudesse sofrer o que eu sofri, talvez eu não a tivesse. Eu acredito na evolução desta garotada de hoje, na mudança da cultura, nem tudo mais é tão traumático. Vemos isto pelos nossos sobrinhos e como eles aceitam tudo e como estão evoluindo”. (Gina, 40).

“Não, não senti nem da família e nem do lado profissional. Eu levo uma grande vantagem, profissionalmente falando. Todos os lugares em que eu trabalhei tem muitos gays, tanto no turismo que eu trabalhei 10 anos, como em publicidade. Eu não vejo dificuldade nenhuma. Hoje em dia eu cheguei em uma fase da vida que eu não tenho por que dizer para qualquer pessoa que eu sou gay. Eu assumi e quando você é natural, as pessoas aceitam numa boa. Às vezes a dificuldade está dentro da pessoa. Eu realmente nunca tive problema nenhum... Hoje em dia, a maturidade faz com que você seja mais natural e não tem o menor problema e o mundo sabe”. (Luiza, 49).

“Para mim foi um processo natural quando descobri. Também namorei homens. Jogava tênis, que na época já não era muito comum para mulheres. Eu já fui quebrando muitas barreiras durante a minha vida, sai cedo de casa. Meu pai era muito rígido. Eu ainda não tenho coragem de admitir tudo isto, eu admiro quem consegue sair do armário, talvez me prejudicaria na minha profissão. É o único aspecto que me incomoda, não tenho coragem e me cobro. Mas, por outro lado, isto não me atrapalha. No fundo todo mundo sabe, mas não se revela abertamente, então eu disfarço e não consigo admitir isto em público, acho isto muito sério. Eu gostaria de chegar numa festa e poder dizer: olha, eu vim para o evento de trabalho com a minha companheira. Eu acho que o mais forte é a relação que você deve construir com a outra pessoa”. (Olga, 49).

“Eu não me lembro de ter nunca passado por nenhuma situação de confronto ou preconceito com relação à opção sexual, nem família. Por outro lado, sou uma pessoa bastante reservada... Eu percebo que as pessoas também ficam à vontade para me perguntar as coisas. A minha atitude me protegeu, eu nunca levantei bandeira, mas também nem quando estava com homem e nem quando estava com mulher, eu me protejo desta forma... eu nunca passei por nenhum tipo de preconceito e, em relação à velhice acho que também não haverá”. (Alice, 43)

“Sai de casa com 20 anos, e faz vinte anos que moro com mulheres. Minha família só soube realmente sobre minha opção sexual no ano passado. Minha irmã também é homossexual. Minha mãe fala até hoje que preferia que eu fosse puta a homossexual. Quando ela veio conversar comigo, eu disse: sou feliz do jeito que sou, é uma opção que eu tive. No meu emprego eu nunca declarei, pois não interfere em nada no meu trabalho ser homossexual. Somos pessoas que destruíram inúmeras barreiras, sabemos dos preconceitos que têm em relação à velhice e vamos continuar quebrando barreiras. Também há um preconceito nosso (das homossexuais): hoje eu com 40 anos, quando vejo uma mulher de 60 anos, tenho preconceito em relação a ela. Ai você vê aquilo (a mulher velha) e fala, ah! Será?” . (Ruth, 41).

“Acho que no fundo eu tenho preconceito. A partir do momento que eu não assumo a minha homossexualidade para a sociedade, isto me incomoda de alguma maneira. Eu nunca consegui assumir totalmente para minha família, eu sei que minhas irmãs devem saber, minha mãe desconfia, mas eu não tenho coragem de contar. Hoje falta alguma coisa muito forte para eu contar, estou vivendo minha vida e não sei o que isto hoje mudaria. Por outro lado, eu não acho [que] ser homossexual é uma opção... de forma alguma. Se eu pudesse optar, eu não seria homossexual, porque realmente você perde muita coisa da sua vida, deixa de viver muita coisa, acaba sendo, às vezes, um fardo, você não consegue viver totalmente o outro lado, não se sente totalmente livre. Quantos momentos eu quis ter a companhia das minhas irmãs e elas não estavam presente, porque todo mundo ali era homossexual e gay e elas não entenderiam, elas se chocariam...Ai, eu deixei de lado e o inverso também... para eu estar com eles, irmãos, e deixei de estar com a minha companheira. Velho e homossexual para a sociedade duplo preconceito? Eu não sei, mas acho que está dentro da gente, se está dentro de você então vai ser difícil,...Por outro lado, estamos inseridos numa sociedade que avança muito em seus conceitos, estamos sempre integrados culturalmente e convivendo com a modernidade, acompanhando o tempo. O que não pode é você largar e sentir-se uma velha”. (Mônica, 49).

“No começo foi difícil, porque com 14 anos eu despertei interesse por uma garota. Eu sempre fui de querer ter vida de casada, sempre gostei muito de viver em família. Depois eu conheci a “minha companheira” e constituímos uma família. Não temos problema nenhum em relação ao nosso trabalho, nunca tivemos, nunca fomos de levantar bandeira e ficar mostrando para todo mundo e falando: eu sou gay. A família toda me adora, eu adoro toda minha família, sabemos que tem pessoas na mesma condição que a nossa e não contam para os pais... nós vivemos bem feliz nesta condição homossexual. Nosso modo de

relacionar com as pessoas e como as tratamos, não nos escondemos, todos nos respeitam, sinto que somos queridas mesmo nesta condição. Com relação a mim e a minha família, eu não vejo problema de preconceito nenhum, nem com a velhice e nem com a condição de homossexual, talvez pelo modo como eu encaro as coisas. Se estamos em algum lugar e alguém olha diferente ou comenta alguma coisa, nós ignoramos, temos a consciência tão grande do que nós somos que ignoramos, somos superior a este tipo de coisa. Eu não vejo duplo preconceito... Estamos no mundo de família, vai ter preconceito de quem, da nossa família? Já não tem, vai ter preconceito quando nós ficarmos velha? Não, eu não me preocupo com isto”. (Maristela, 43).

“No meu mundo, o mundo de idiomas que eu trabalho, não tenho este problema, e eu não tenho preconceito nenhum e não sinto. Minha família não sabe por uma opção minha. Eu sou a primeira mulher a nascer na família. Quando eu nasci, deixaram o sino da igreja tocar uma hora, então eu achava que o meu pai não aceitaria. Eu viajo e vou com minha parceira para todos os lados, minha família adora ela. Eu não sinto preconceito. No mundo feminino é muito comum andar de mão dada com uma amiga, andar na rua e ir ao cinema com uma amiga, diferente do mundo masculino. Eu sinceramente não sinto, sou bem aceita nos ambientes que frequento”. (Irene, 51).

“Existe preconceito sim, infelizmente. Devemos ter coragem com a sociedade, coragem e respeito com você mesmo. Normalmente, a primeira coisa que uma pessoa faz quando sofre rejeição ou preconceito é despejar culpa no mundo. Quem de nós em algum momento já não teve preconceito? Não só com o homossexualismo, mas também com outras coisas. Temos que saber administrar a vida em si e não somente o homossexualismo. Eu que tive problemas dentro da sociedade, familiares. Não era permitido falar naquela época, o mundo era cerceado, eu estudei muito, fiz duas faculdades, os meus amigos não tinham conhecimento de nenhum grupo homossexual, não se revelava, ninguém falava. Quando eu descobri, me causou mil problemas, parece que tudo cai em cima... a família, como vai aceitar, como a sociedade, seus irmãos, os tios, os avós, seus amigos nunca mais serão seus amigos...tudo é errado, aquilo tudo que você sempre ouviu falar que é pecado, coisa da retidão, aquela coisa do sonho interno...A partir daquele momento, você começa a jogar uma parte da sua vida fora... que poderia ser muito feliz. Na nossa fase e naquela idade, o sentimento era muito traumático. Quando se descobria, a sociedade era muito cruel, cobrava muito o posicionamento e postura sobre aquilo que era correto e imposto. A sociedade permite as coisas mais para o homem, a mulher tinha que ter postura da santa, a mãe, comparada a uma atitude materna. Você fica sempre sendo acusada da

irresponsabilidade por desviar um passo do caminho que foi programado. Na realidade, você nasce com uma programação e te cobram. Hoje você começa a ver o mundo diferente. O não tem o mesmo peso do sim e ninguém descobriu isto, temos que descobrir e lutar, o não nós já temos, então, vamos brigar pelo sim. Quando muito jovem eu lutava por isto. Minha família não sabe abertamente, minha mãe, claro que entre linhas, ela deve saber, mas ela mesma não quer ouvir, não quer sentir culpa, onde errei, meu pai não entenderia, é claro que eu não sou cobrada por não ter casado e não ter filhos. Se qualquer um deles vier me perguntar, será tranquilo. Eu nunca tive problema de enfrenta...r se você quer deixar de ser minha amiga por eu ser homossexual, então fique à vontade, eu quero que goste de mim como ser humano que eu sou. Acho que no mundo você não pode definir nada. Se fosse uma opção, ninguém vai optar numa sociedade pelo mais complicado, o preconceito, eu entendo quando ouço uma pessoa falar, “se eu pudesse escolher eu não seria”, porque teria família, são conceitos. As pessoas gostam de emitir conceitos para agradar os outros... Quando você percebe que não tem que agradar ninguém e que veio ao mundo para ser feliz... Eu quero ser diferente, eu não tenho mau humor, eu estou de bem com a vida, meus amigos todos sabem, e eu não tenho só amigos homossexuais, tenho amigos heterossexuais há mais de 30 anos e isto não mudou a amizade. A vida é muito mais do que isto. Se você tiver medo ou receio, achando que todos vão ficar olhando e falando de mim e eu vou ter vergonha, eu não saio de casa... E por que isto? O direito de ser livre, a liberdade é a melhor coisa. Se alguém que você entrevistou e disser que não tem preconceito, pois tem muito, é politicamente correto falar que não tem preconceito, é bonito, pois estão mentindo. Acho que as mulheres homossexuais, por conta destes três preconceitos: ser velha, homossexual e mulher, são três pesos muito fortes (...). Eu ainda acho que a mulher velha, acima de 50 anos e homossexual, intelectualmente falando, ela é menos superficial, aprimora o intelecto, não deixa de ser vaidosa, porém com menos superficialidade, os valores de uma mulher heterossexual, vai para um lado subjetivo, para um objeto”. (Roberta, 50).

“Para não ser contraditória quando digo que não quero nenhuma revelação da entrevista, há um duplo sentido... independente do depoimento, eu não quero minha vida íntima exposta, preservo muito minha vida íntima que me dá o livre acesso de transitar sem que isto altere o fato. Ao mesmo tempo, isto é também um preconceito. Mas do ponto de vista dos meus amigos, da minha vida interna, minha relação que tenho no meu trabalho, pouco importa se as pessoas saibam ou não, não muda nada, eu não me sinto limitada na vida por isto, até porque, eu penso diferente sobre a sexualidade, do meu ponto de vista nenhum ser humano é totalmente heterossexual ou homossexual. Eu estudo há muitos anos sobre estes assuntos. Você pode se apaixonar por homens ou por mulheres, você se

apaixona por mulheres ou homens, se apaixonar por pessoas, esta coisa de militância não existe. Nós temos uma orientação que é circunstancial e contingencial, não acho que é condição de vida ser mulher. A homossexualidade não é uma condição de vida, eu sou ou eu não sou, eu acho que cada vez mais está ficando mais livre. Eu não sinto que envelhecer tem a ver com homossexualidade, envelhecer é uma condição de vida independente de sexo e de com quem você transa, evidentemente se existe é uma condição social e, eu não sigo o que é condição social, pelo contrário eu sou completamente contestadora de toda essas imposições sociais e regras medíocres que se impõem a todo mundo. Posso amanhã envelhecer com um velhinho (homem). Ninguém nunca declarou quando tinha 18 anos que era heterossexual para os pais Alguém chegou e falou: olha, papai e mamãe, eu sou heterossexual. A família, inclusive, não sabe o que se passa na intimidade de um casal, existem certas coisas que não são ditas e jamais saberemos o que de fato acontece no dia-a-dia dessas pessoas, se são bissexual, homo ou hetero. Acho que as pessoas são inteligentes e percebem, eu nunca declarei de fato, eu não acho que não saibam, me imponho na vida por outras posições, respeitam pelo que eu sou e não pela minha escolha. Acho que isto é uma mentalidade muito pobre... Ter que declarar para que eu seja aceita". (Valentina, 57).

Como pesquisadora, durante as entrevistas, o que mais me causou estranheza foi a relação destas mulheres homossexuais com suas famílias, pois na maioria dos casos, a opção sexual era “desconhecida” ou não revelada à família. No grupo estudado, apenas duas (2) mulheres, Gina (40) e Maristela (43), relataram a aceitação total das famílias quanto à homossexualidade, tanto é que o relacionamento afetivo e a situação conjugal entre elas é totalmente revelado no ambiente familiar e de trabalho. Destaco aqui a entrevista:

“Não temos problema nenhum em relação ao nosso trabalho, nunca tivemos, nunca fomos de levantar bandeira e ficar mostrando para todo mundo, ficar no meio das pessoas e ficar se insinuando, dando a mão. A família toda me adora, as nossas famílias convivem muito bem conosco. Sabemos que tem pessoas na mesma condição que nós e não contam para os pais, os pais tem medo de perguntar, nós vivemos bem felizes nesta condição homossexual, somos aceitas na família”. (Maristela, 43).

Goffman (1988), ao falar do indivíduo estigmatizado, descreve o problema da visibilidade social deste indivíduo, que o obriga, muitas vezes, ao encobrimento de sua identidade social. Como nos relata o autor:

“A questão do encobrimento levantou o problema da ‘visibilidade’ de um estigma particular, ou seja, até que ponto o estigma está adaptado para fornecer meios de comunicar que um indivíduo o possui. O que pode ser dito sobre a identidade social de um indivíduo em sua rotina diária e por todas as pessoas que ele encontra nela será de grande importância para ele. Quando um estigma é imediatamente descoberto, permanece a questão de se saber até que ponto ele interfere com o fluxo da interação. ‘A descoberta prejudica não só a situação social corrente mas ainda as relações sócias estabelecidas; não apenas a imagem corrente que as outras pessoas têm dele mas também a que terão no futuro; não só as aparências mas ainda a reputação’”. (p. 76).

Entre as mulheres entrevistadas, sete (7) revelaram o “encobrimento da família” em relação à opção sexual – homossexual e colocam como justificativa o medo de não ser aceita pelos pais, mas principalmente por respeito aos valores que eles manifestam. Assumem que, secretamente, eles devem conhecer. Este encobrimento pode também servir como uma proteção diante das normas sociais, restritas e discriminatórias, impostas em nossa sociedade, mesmo quando estas não fazem referência a este problema social. Destaco aqui algumas falas, nas quais as mulheres relatam o encobrimento da homossexualidade da família:

“Ninguém nunca declarou quando tinha 18 anos que era heterossexual para os pais não é? Alguém chegou e falou: olha, papai e mamãe, eu sou heterossexual? A família, inclusive, não sabe o que se passa na intimidade de um casal, existem certas coisas que não são ditas e jamais saberemos o que de fato acontece no dia-a-dia dessas pessoas, se são bissexual, homo ou hetero. Acho que as pessoas são inteligentes e percebem, eu nunca declarei de fato, eu não acho que eles não sabem, acho que até sabem”. (Valentina, 57).

“Minha família não sabe abertamente, minha mãe sabe ‘entre linhas’, mas ela mesma não quer ouvir, talvez porque ela possa ter aquela coisa de culpa, “onde errei”, meu pai não entenderia, e é claro que eu não sou cobrada por não casar hoje e não ter filhos. É complicado tudo isto, se qualquer um deles viesse perguntar para mim, seria tranquilo”. (Roberta, 50).

“Minha família não sabe por uma opção minha. Eu sou a primeira mulher a nascer na família, quando eu nasci deixaram o sino da igreja tocar uma hora, então eu achava que o meu pai não aceitaria... não achei que havia necessidade de falar”. (Irene, 51).

“Eu nunca consegui assumir totalmente para minha família, eu sei que minhas irmãs devem saber, minha mãe desconfia, mas eu não tenho coragem de contar. E nem acho que vou ter, hoje falta alguma coisa muito forte para eu contar, mas eu estou vivendo minha vida e não sei o que isto hoje mudaria”. (Mônica, 49).

“Saber realmente pela minha boca e, conversando, foi no ano passado que meus pais souberam, minha irmã também é gay e falou para o meu pai e minha mãe. Até então eu nunca tinha declarado para a família. Minha mãe falava e fala ainda até hoje que preferia que eu fosse puta do que o que eu sou”. (Ruth, 41).

“Eu fui quebrando muitas barreiras durante a minha vida, sai cedo de casa. Meu pai era muito rígido. Eu ainda não tenho coragem de admitir tudo isto”. (Olga, 49).

Durham (1983), ao analisar a vida familiar e sua relação com o controle da sexualidade de seus membros, escreve:

“A vida familiar de alguma forma implica sempre alguma forma de controle da sexualidade, é fundamental reconhecer que nunca se restringe a esse aspecto. Inversamente, a questão da sexualidade transborda de muito a problemática da família e não é possível confundir integralmente as duas questões. É importante destacar estes aspectos para analisar as transformações que passa a família em nossa sociedade, pois sempre esteve ligada entre nós, estreitamente ligada a formas muito rígidas de regulamentação sexual que tenderam a impedir o reconhecimento da separação relativa entre esses problemas. Por isso mesmo, toda a discussão sobre a questão da sexualidade afeta de modo direto e imediato nossa concepção de família”. (p. 29).

As mulheres homossexuais ao descreverem suas histórias na homossexualidade apresentam uma duplicidade de sentimentos em relação à aceitação social, pois, ao mesmo tempo em que referem “não sentir o preconceito ou

rejeição dos outros” (família, trabalho, amigos), elas também admitem ter os próprios preconceitos e sentem que isto limita a vida. Podemos observar este fato em algumas falas:

“Eu fui quebrando muitas barreiras durante a minha vida... Eu ainda não tenho coragem de admitir tudo isto, eu admiro quem consegue sair do armário, talvez me prejudicaria na profissão. É o único aspecto que me incomoda, não tenho coragem e me cobro. Mas por outro lado isto não me atrapalha... No fundo todo mundo sabe, mas não se revela abertamente. Eu acho que todos sabem sobre mim, mas eu disfarço, eu não consigo admitir isto em público”. (Olga, 49).

“Acho que eu tenho preconceito a partir do momento que eu não assumo, isto me incomoda de alguma maneira”. (Mônica, 49).

Wolff (1973) destaca que as homossexuais femininas sentem medo de serem descobertas como homossexuais, sentem receio de que sua sexualidade venha a atrapalhar sua posição social. Algumas, inclusive, chegam a namorar homens para que sua opção não seja descoberta. O principal receio é em relação ao trabalho. Mesmo que não fossem despedidas, a possibilidade de se tornarem um motivo de chacota por parte dos colegas as assusta, por isso, algumas fazem o possível para esconder sua homossexualidade e vivem no constante medo de serem descobertas. Por esta razão, o amor lésbico é bastante instável. Nas palavras da autora:

“A lésbica vive entre a simulação mágica do amor romântico na vida particular e a tensão nervosa do fingimento constante na vida profissional”. (p. 23).

Acredito que a não-exposição do universo homossexual feminino é cúmplice do preconceito social existente, portanto é preciso formar uma nova sociedade, que aceite a posição sexual de cada indivíduo. A atitude de não preconceito deverá partir dentro da própria comunidade homossexual, caso contrário, como outros indivíduos e a própria sociedade vão aceitar, se os próprios não se aceitam? Antes de isso ocorrer há que ter uma nova conscientização do homossexual como indivíduo, aceitando-se e lutando para conseguir seu lugar, sem que seja discriminado. Destaco aqui a fala de uma mulher entrevistada:

“O importante é você ter coragem e respeito consigo mesmo. Há momentos que somos preconceituosos, não só com o homossexualismo, mas também com outras coisas”. (Roberta, 50)

Segundo a psicóloga Imber-Black (1994):

“A discriminação opressiva contra gays e lésbica é de uma minoria invisível. Eles não são marcados por qualquer identificação particular, e não exibem, em grande parte os estereótipos dos outros que não o conhecem bem”. (p. 224).

A mesma autora revela que um dos efeitos nocivos do segredo mantido pelos homossexuais é o bloqueio exercido sobre reivindicar direitos sobre suas vidas e experiências. A liberação deste bloqueio é assim chamada de *“mostrar-se”* – ligado a *“mostrar o que há no armário”* – uma referência óbvia ao segredo e à invisibilidade que têm permeado a vida dessas pessoas. (p. 233). No mesmo texto, a autora descreve a diferença entre segredo e privacidade. Segundo ela, o segredo é a necessidade de manter algo para si mesmo – não há uma experiência de opção – é uma exigência. A privacidade é uma opção, pois mantém algo para si mesmo – o agenciamento pessoal é privilegiado e a privacidade é uma prerrogativa. (p. 236).

A cobrança que a sociedade impõe e determina aos indivíduos em relação ao modelo de comportamento social a ser seguido, aparece na fala de uma das entrevistadas:

“Você fica sempre sendo acusada de uma irresponsabilidade por desviar um passo do caminho que foi programado. Na realidade, você nasce com uma programação e te cobram. Era muito traumático, quando descobria estas coisas, a sociedade era muito cruel, cobrava o posicionamento e postura sobre aquilo que era correto e imposto... quando eu descobri, causou mil problemas para mim”. (Roberta, 50).

Nietzsche já nos afirma que é preciso destruir os valores morais que obstruem o fluxo da vida. *“O negar e o destruir são condição para o afirmar”* (1995 p. 111).

Três (3) das entrevistadas, em seus depoimentos, reconheceram a importância de lutar pelo seu espaço na sociedade e de não ter medo de que reconheçam sua opção sexual

“As pessoas adotaram e você não pode dizer o não, mas o não tem o mesmo peso do sim e ninguém descobriu isto, temos que descobrir isto e lutar... o não nós temos então vamos brigar pelo sim. Quando muito jovem eu lutava por isto”. (Roberta, 50).

“Eu me imponho na vida por outras posições, não é por isto que preciso declarar, as pessoas me respeitam pelo que eu sou e não pela minha escolha, acho que isto é uma mentalidade muito pobre...Ter que declarar para que eu seja aceita”. (Valentina, 57).

“Hoje em dia eu cheguei em uma fase da vida que eu não tenho nenhum motivo para dizer a qualquer pessoa que eu sou gay, e assumir publicamente. Eu me assumi, totalmente, e quando você é natural, as pessoas aceitam... hoje em dia, a maturidade faz com que você seja mais natural e não tem o menor problema, o mundo sabe”. (Luiza, 48).

Ainda nos reportamos a Nietzsche (1994) que, a este respeito descreve: “O *sim* que cria novos valores supõe o *não*. Tornar-te o que tu és, pois não se aprende a voar sem antes se pôr de pé, caminhar, correr, dançar”! (p.101). Deste modo, a leveza para viver é obtida liberando-se do peso do dever ser, a liberdade de ser o que é. Este pensamento está presente de algum modo na fala de uma das mulheres entrevistadas:

“Quando você percebe que não tem que agradar ninguém, que veio neste mundo para ser feliz ... eu quero ser diferente...a vida é muito mais do que isto ...não ter medo ou receio achando que os outros vão ficar olhando e falando de você e ter vergonha ... o direito de ser livre, a liberdade é a melhor coisa”. (Roberta, 50).

Em referência à escolha sexual, apenas uma das mulheres entrevistadas destacou a orientação sexual como uma questão circunstancial e contingencial e não como uma condição de vida. Outra relata que ser homossexual não foi uma escolha :

“Eu penso diferente sobre a sexualidade...Do meu ponto de vista nenhum ser humano é totalmente heterossexual ou homossexual.Eu estudo há muito anos sobre estes assuntos, e tem estas questões. Por um lado, estão as questões da minha vida e, por outro lado, do que eu estudo. Você pode se apaixonar por homens ou por mulheres, você se

apaixona por pessoas, esta coisa de militância não existe. Nós temos uma orientação que é circunstancial e contingencial... Não acho que ser mulher é uma condição de vida. A homossexualidade não é uma condição de vida, ou eu sou ou eu não sou". (Valentina, 57).

"Se eu pudesse optar eu não seria homossexual... você perde e deixa de viver muita coisa na vida". (Mônica, 49).

Neste discurso também fica evidente o preconceito que a própria mulher, Mônica (49), tem em relação a sua orientação sexual, como homossexual.

Ainda com relação a este aspecto, a psicóloga Rinna Riesenfeld (2002) descreve a orientação sexual como um sentimento e não como uma ação, pois tem a ver com *"todo um sentimento de atração erótica, sexual, romântica e afetiva para com os outros"*. (p. 41).

Quando questionadas sobre a possibilidade de associar o preconceito homossexual com o preconceito de ser idoso, o possível duplo preconceito que este grupo pode ter, "homossexual e velha", observamos que a maioria não percebe este fato e algumas dizem:

"Eu nunca passei por nenhum tipo de preconceito com relação à opção sexual, e em relação à velhice também não". (Alice, 43).

"Eu acredito muito na evolução do ser humano, o mundo está evoluindo muito rápido, e as pessoas estão menos preconceituosas, as pessoas estão diferentes e mais maduras. Até com preconceitos em relação a preto, velho, pobre. Mas eu não acho que existe preconceito contra o velho, acho que existe contra o preto, o homossexual". (Gina, 40).

"Eu não vejo problema de preconceito, nem com a velhice e nem com a condição de homossexual, talvez pelo modo como eu encaro as coisas. Eu não vejo esta coisa de duplo preconceito... Estamos no mundo de família, vai ter preconceito de quem? Da nossa família? Já não tem agora, vai ter preconceito quando ficarmos velhas? Eu não me preocupo com isto". (Maristela, 43).

"Com relação ao preconceito de ser velho e homossexual, eu acho que está dentro da gente. Se este preconceito está dentro de você, isto vai ser difícil, por outro lado, estamos

inseridos numa sociedade que muda muito e avança em seus conceitos. Estamos sempre integrados culturalmente e convivendo com tudo que a modernidade está trazendo, acompanhando o tempo, o que não se pode é largar e se sentir uma velha". (Mônica, 49).

"Eu não sinto que envelhecer tem a ver com homossexualidade, envelhecer é uma condição de vida independente de sexo e de com quem você transa. Evidentemente, se existe é uma condição social e eu não sigo o que é condição social, pelo contrário, eu sou completamente contestadora de todas essas imposições sociais e regras medíocres que se impõem a todo mundo. Posso amanhã envelhecer ao lado de um velhinho". (Valentina, 57).

Apenas duas entrevistadas assumem a possibilidade de duplo ou triplo preconceito, associado à mulher, à velhice e à homossexualidade, quando dizem:

"Somos pessoas que destruíram inúmeras barreiras, e sabemos dos preconceitos que tem em relação à velhice e vamos continuar quebrando barreiras. Tem até um preconceito nosso (dos gays); hoje eu com 41 anos, mas quando nós (gays) olhamos mulheres de 60 até somos preconceituosas em relação a elas". (Ruth, 41).

"Acho que as mulheres homossexuais, por conta destes preconceitos, ser mulher e homossexual são duas coisas, na verdade, são três preconceitos: ser velha, homossexual e mulher, são três pesos muito fortes. Eu ainda acho que a mulher velha, acima de 50 anos e homossexual. intelectualmente falando. ela é menos superficial, aprimora o intelecto, não deixa de ser vaidosa, porém com menos superficialidade". (Roberta, 50).

Debert (2004) explica que idosos pertencentes às minorias estão em situação de dupla vulnerabilidade, pois como minorias e como idosos seriam vítimas das formas de discriminação e exclusão próprias das sociedades ocidentais. Podemos incluir neste grupo de minoria as mulheres homossexuais que estão caminhando para a velhice. (p. 57).

Deste modo, podemos concluir que tanto a velhice como a homossexualidade conferem a grupos ou indivíduos a denominação de "inadaptados" ou fora do contexto sociocultural que é um modelo hegemônico. Por conseguinte, é evidente que, tratando-se de grupos minoritários da sociedade, sofrem os preconceitos e os estigmas descritos anteriormente.

Richard A. Isay (1998) afirma sobre homossexualidade e idoso descrevendo:

“A capacidade destes gays idosos de mudar e sustentar relacionamentos deve-se em parte à sua capacidade de arcar e se adaptar à angústia. Os idosos homossexuais, ao contrário dos heterossexuais tiveram que lidar durante toda a vida adulta com a estigmatização social, sentindo-se à margem da cultura predominante (...) eles têm mais oportunidade de desenvolver e aplicar as estratégias apropriadas previamente aprendidas do que a maioria dos heterossexuais, podendo, portanto, adaptar-se mais efetivamente à crescente debilidade provocada pela idade e pelo preconceito sofrido por serem velhos”. (p. 134).

O mesmo autor destaca, ao fazer esta diferenciação, que os desafios dos gays homossexuais são semelhantes àqueles que atingem todos os idosos da sociedade, a saber: adaptar-se à deterioração da saúde, perdas, discriminação pela idade e medo de morrer. As mulheres homossexuais idosas estão igualmente incluídas neste contexto.

A mulher homossexual que envelhece deverá enfrentar inúmeros desafios perante a sociedade que ainda estigmatiza a mulher, o idoso e o homossexual. Deste modo, estas mulheres que romperam inúmeras barreiras ao longo de suas vidas, poderão enfrentar o envelhecimento percebendo menos preconceito do que as mulheres heterossexuais, desde que estejam fortalecidas e seguras da sua identidade, mulher homossexual envelhecida. Este pensamento nos remete à idéia e ao poder do desejo, sentimento revolucionário, capaz de inventar, criar e modificar a nossa vida, permitindo ao indivíduo desejante a liberdade para ser o que de fato ele é, independente do que a sociedade pense ou determine como certo ou errado.

5.3. O CORPO NA ENVELHESCÊNCIA

A percepção do corpo que envelhece também foi descrita pelas entrevistadas quando lhes perguntamos como percebiam a transição da meia- idade para a velhice. Eis as respostas:

“O meu corpo externo não me preocupa tanto. Mas me preocupou, por exemplo, quando eu quis ter um filho, eu tinha 39 anos de idade e não tinha um óvulo. Isto me preocupou e mostrou que eu já estava envelhecendo... eu não havia tido um filho ainda. Eu aceito que a minha perna está com mais celulite, que a minha articulação já não está tão boa... Isto não me causa sofrimento de cabeça, mas me causou sofrimento quando eu tive vontade de ter um filho... Eu já estava velha. Engraçado, tem muita gente que fala da menopausa, tem gente que tem medo da menopausa, eu não, eu me senti impotente pelo fato de não ter um óvulo, mas o fato de ter chegado à menopausa, eu não estou nem aí”. (Gina, 40).

“É desagradável, me incomoda esta questão estética mesmo. Na verdade, eu acho que estou muito bem de corpo, eu me cuido para isto, é uma luta. Você percebe que o músculo da perna já não está mais firme como era. Eu sou super favorável ao avanço da ciência...Se der para colocar botox, vamos colocar. Temos que segurar ao máximo...Não há quem resista ao espelho, todo mundo almeja um pouco disto, se sentir bem, higiene pessoal, eu me preocupo muito com isto, faço musculação três vezes por semana, para me manter bem fisicamente. O tênis é uma atividade para que eu permaneça realmente ativa...Na minha cabeça eu não consigo parar. Tenho uma consciência muito grande e disciplina em relação à alimentação. O ruim mesmo é o que se perde esteticamente, as rugas, acho que ninguém gosta disso, mas, interiormente, eu acho que a gente vai ficando muito melhor... As mulheres envelhecem mais cedo que o homem, fisicamente, mas eu acho que o homem tem mais vantagem neste aspecto. Faz muita diferença, dos 40 para os 50 anos, os 50 anos é uma coisa diferente, eu sinto diferença, eu me pego com este pensamento. Existe a fase da vida que é da formação, depois a da produção e depois o que a gente chama da melhor idade, do desfrute, divisão teórica. Eu percebo que estou na fase de produção, claro, mas ainda me vejo na fase de formação, o que eu acho extremamente produtivo, porque existe a preocupação do aprender, do fazer, e mesmo coisas de adolescente, eu acho que isto é uma coisa bem específica gay, porque eu acho que os gays são mais jovens, pensam menos sobre estes aspectos (envelhecimento). O adolescente desperdiça muito tempo. Eu acho que a partir de agora eu quero ter mais qualidade em cada momento, ter coragem de abrir mão de algumas coisas... ter coragem, eu não quero mais fazer isto ou aquilo ... dosar no lazer, valorizar mais as coisas e não desperdiçar oportunidades, não deixar passar. A vida vai ficando mais gostosa de viver. As pessoas da terceira idade são mais exigentes, eu percebo isto, agora eu estou entendendo. A coisa do físico e biológico é o que me incomoda mais, quem não gostaria de ter a vida eterna, ser um highlander?”. (Olga, 49).

“Para mim não está pegando nem um pouco, porque a hora que eu comecei a perceber, eu fiz uma plástica total de rosto, isto me ajudou muito, porque hoje eu me olho e

falo: 'que legal eu estou bem'. O corpo eu mantenho porque eu tenho uma alimentação saudável e faço exercício e esporte, porque eu acho que uma coisa está ligada à outra, então o corpo não pegou em nada ainda. Primeiro, porque eu não tenho celulite, não sou uma pessoa gorda, então isto contribui, o fato de eu ser tipo mignon ajuda. O cabelo branco eu achei uma alternativa ótima, mudei a cor, me caiu tão bem, e fez tão bem para mim. Olha, se envelhecer como eu estou envelhecendo for assim, eu estou achando bárbaro, porque eu estou sabendo administrar tudo isto....eu sou uma pessoa extremamente vaidosa. Eu procuro me cuidar extremamente, porque eu gosto de mim. É o saber envelhecer lidando com estas coisas. Eu já faço isto pensando lá na frente, pois a minha intenção realmente é chegar aos 100 anos. E com o passar dos anos, eu vou me cuidando cada vez mais: dermatologista, eu estou lá de 3 em 3 meses para fazer qualquer coisa, nutricionista, fisioterapia. É um conjunto de coisas que faz com que eu consiga chegar lá na frente com saúde, para ficar o menos possível doente, um velho saudável, é isso o que eu busco hoje. As pessoas falam assim: 'Ah, puxa vida! Já tenho que fazer uma plástica, ai meu Deus já estou envelhecendo'.... e eu não, acho que se envelheceu um pouquinho, vai lá e conserta". (Luiza, 48).

"Nesta idade é difícil você encontrar uma mulher gay feminina, vaidosa e que se cuida. Acho que é uma característica da mulher gay, mas que piora muito. Você não está mais nem aí, muda e você não vê mulheres arrumadas, você começa a ver aquelas mulheres "tipo caminhoneiras". Não precisa você ficar velha e ficar feia, você vai envelhecer é natural, é bonito ter rugas, mas se cuida, fique apresentável, não precisa deixar de ser mulher, isto me incomoda. Na homossexualidade eu não preciso ser homem, se eu estou com uma mulher é porque eu gosto da mulher. Incomoda ver o corpo, você vê mais celulite que você não tinha, o cabelo branco ... a gente só está perdendo, ou ganhando mais experiência. Eu não tenho problema ... eu me acho bonita na idade que eu tenho, acho que não aparento a idade que eu tenho, então não é uma coisa que está me grilando tanto. Hoje eu me sinto jovem, eu sei que estou num processo a cada dia, mas não está me pegando... Estou extremamente sedentária e, se não melhorar, vou chegar na velhice com uma qualidade de vida e saúde péssima. Eu prometi que quando chegasse aos 40 anos, eu pararia de fumar e não consegui". (Ruth, 41).

"Não ter o corpo rijo como eu tinha isto me incomoda um pouco e percebo que isto acontece mesmo com toda esta quantidade de exercícios que eu pratico. A flacidez é inevitável, mas nada de desesperador. As limitações físicas eu percebo que elas não são controláveis em algum momento, mas pode ser divertido, se eu não conseguir jogar mais

squash, eu posso jogar tênis, se não conseguir jogar tênis, eu posso caminhar. Eu vi pessoas de 80 anos subindo montanhas. Eu não vejo impedimento e limitação, sempre pode haver alguma coisa que eu possa fazer, pode ser muito divertido. Não tenho medo das limitações da velhice, realmente isto não me incomoda, acho que sempre pode ter um jeito se ser bacana, uma pessoa feliz e realizada. Eu nunca fiquei doente, eu tenho uma boa saúde. O fato de eu praticar esportes vai me ajudar. Eu vejo os meus pais que sempre foram sedentários e que são mais frágeis hoje e eu não tenho o mesmo jeito deles, tenho uma energia e uma vitalidade hoje diferente, eu sei que isto vai me ajudar. Procuro me alimentar bem e fazer diferente, mas porque hoje eu quero ficar bem”. (Alice, 43).

“Eu sempre me preocupei com a minha alimentação, eu tenho pavor de engordar e ficar gorda. Eu procuro freqüentar a academia, fazer um exercício físico, tem época que a gente fica mais parada e desleixada, algumas atividades consomem muito mais. Este ano resolvi fazer uma pós, isto me levou mais tempo, eu estou um pouco desleixada em relação a isto. Eu faço todos meus exames de rotina, eu acompanho colesterol, mas a velhice continua sendo um mistério e um medo. Eu vejo meu corpo mudando, a perna mais flácida, o rosto caindo, a pele, e isto tudo que me apavora muito, você vai perdendo de alguma forma o encanto, as pessoas não te olham mais como te olhavam antes, você já é uma pessoa envelhescente. Em meio a isto tudo, existe um fator também muito ligado à questão estética. Acho que está tudo muito fincado nesta questão de aparência e o que você passa”. (Mônica, 49).

“Muitas vezes eu penso, eu estou ficando velha mesmo e dou uma relaxada. Eu deveria ser mais vaidosa, já fui mais, pois eu não posso ficar com 43 anos e ficar relaxada, se eu quero viver muito tempo, tenho que me cuidar. Algumas mulheres homossexuais se preocupam muito com o corpo, mas, de um modo geral, eu acho elas mais relaxadas. Tem algumas homossexuais que são mulheres pesadas e se vestem com roupas masculinas, muito masculinizadas e acho que não precisa disto para se mostrar como homossexual”. (Maristela, 43).

“Eu não tenho mais 20 anos de idade. Hoje eu tenho problemas de colesterol alto, minha família tem e eu não sou de tomar remédios. Então, uma forma é controlar com exercícios... tenho uma vida muito sedentária e preciso cuida..., eu me concentro muito no meu trabalho, a minha vida é leitura, e a tendência de quem usa muito a cabeça, e na linha antroposófica, isto pode levar a ter problemas nos rins e eu tenho. Eu me preocupo com esta parte realmente da saúde, não sou extremamente vaidosa, sou magra de natureza, eu acho que me preparo. Quando você começa a perceber, com 40 anos, cai tudo rápido, mas

eu não sou uma pessoa de ficar se olhando no espelho, obviamente tem mais rugas, claro que não vou ficar muito feliz, mas não fico me preocupando muito, eu fiz tanta coisa na minha vida, eu tive uma vida tão privilegiada”. (Irene, 51).

“É exatamente esta sensação, você luta, compra uma roupa mais legal para parecer uma aparência mais jovem, faz parte do processo natural, seja homem ou mulher. Vou recorrer a uma cirurgia, vou pintar o cabelo, é um processo que atinge você e quando alguém fala e percebe que você mudou seu cabelo. Envelhecer não é preocupante, quero ter uma qualidade melhor. Acho que para a mulher heterossexual é mais problemático do que para a homossexual, acho que sofre mais com meia ruga. Recentemente, eu parei de fumar, fumei por 40 anos; hoje eu cuido mais da minha alimentação, sou mais light, não bebo, me cuido muito mais, estou dentro da minha razão e consigo ter equilíbrio da minha emoção. Eu acho que causa uma preocupação, sim, depois dos 50 anos...Acho que a gente pensa cada vez mais, o corpo muda a disposição e os hormônios mudam, até a disposição mental. Acho que tem uma preocupação em você chegar até os 80 anos com um pouco mais de saúde, preocupação em você procurar o melhor”. (Roberta, 50).

"Eu faço ioga, caminho, acho que é preciso para a saúde, [pois] à medida que vamos envelhecendo, as condições, evidentemente, vão piorando, mas também não sou nenhuma xiita, não tenho nenhuma preocupação com isto, acho que a gente vê as pessoas com a idade que elas têm, como é bonito isto. Eu não coloco um peso, eu coloco duas performances diferentes, ah que linda! mas e a outra é que é a velha? Independente da idade, podem ser mulheres lindas, independente da idade. É inegável que o brilho tem facetas diferentes, enquanto o brilho físico vai decaindo, mas o brilho das pessoas que se cuidam como pessoa, vai ressaltando, são pesos e medidas, que se transformam, diferenciam, não é mais a bundinha da pessoa, mas são as idéias, as experiências de vida. A beleza não é porque ela está vestindo isto ou aquilo. Se vale a pena viver muitos anos? Com certeza, até depois dos 90 anos, acho que vale a pena, mas tem que começar a se cuidar”. (Valentina, 57).

Antes de realizarmos as entrevistas, imaginávamos que as mulheres homossexuais não apresentavam tanta preocupação estética com o corpo, mas contrariamente a esta idéia, nos discursos destas mulheres, observamos que independente da orientação sexual, oito (6) entrevistadas disseram que se preocupam e se inquietam com o corpo no aspecto tanto estético como físico, pois o corpo representa a sua imagem exterior. Destaco aqui as falas:

“É desagradável, me incomoda esta questão estética mesmo, A coisa do físico e biológico é o que me incomoda mais ...”. (Olga, 49).

“Eu vejo meu corpo mudando e isto tudo que me apavora muito, você vai perdendo de alguma forma o encanto (...) a questão estética e a aparência (...).”(Mônica, 49).

“Incomoda, você vê mais celulite que você não tinha, o cabelo branco ... a gente só está perdendo, ou ganhando mais experiência. Eu não tenho problema, eu me acho bonita na idade que eu tenho, acho que não aparento a idade que eu tenho”. (Ruth, 41).

“Para mim não está pegando nem um pouco, porque a hora que eu comecei a perceber eu fiz uma plástica total de rosto e isto me ajudou muito, porque hoje eu me olho e falo: ‘que legal eu estou bem’”. (Luiza, 48).

“É exatamente esta sensação, você luta... Vou recorrer a uma cirurgia, vou pintar o cabelo. Eu acho que causa uma preocupação, sim, depois dos 50 anos; acho que a gente pensa cada vez mais, o corpo muda a disposição e os hormônios mudam, até a disposição mental. Envelhecer não é preocupante, quero ter uma qualidade melhor”. (Roberta, 50).

“Eu me preocupo com esta parte realmente da saúde, não sou extremamente vaidosa, eu não sou uma pessoa de ficar se olhando (sic) no espelho, obviamente tem mais rugas, claro que não vou ficar muito feliz, mas não fico me preocupando muito, eu fiz tanta coisa na minha vida, eu tive uma vida tão privilegiada”. (Irene, 51).

Simone de Beauvoir (1970) em seu livro *“O segundo sexo”* ao falar sobre a mulher lésbica e a feminilidade descreve que: *“existe um mal-entendido ao admitir que é ‘natural’ para o ser humano feminino fazer de si uma mulher feminina (...) a ‘verdadeira mulher’ é um produto artificial que a civilização fabrica (...)”.* (p.148). A intenção de querer *“imitar o homem”*, o *“ideal viril”* é erroneamente interpretado, pois quando isto ocorre é como um sinal de protesto e repúdio à cumplicidade que as mulheres (heterossexuais) têm para como os homens – passividade. Desta maneira, as lésbicas podem adotar uma atitude masculina, fantasiando roupas, mudando de atitude e encarnando o personagem masculino, como um *“protesto viril”*. A autora ainda relata que: *“o fosso que existe entre o corpo para si e o corpo idealizado para outrem parece, no caso, intransponível”.* (p. 150).

Wolff (1973), em seu livro: *“Amor entre Mulheres”*, aborda o comportamento e uso de roupas utilizadas pelas mulheres homossexuais, favorecidas

pela moda que trouxe maior liberdade ao modo de vestir-se, portanto o uso de roupas leves, confortáveis e descontraídas, sem precisar modelar a aparência para a admiração masculina, mas apenas para seu conforto. Nem por isto deixam de ser vaidosas, mas não tem a obsessão que as mulheres heterossexuais normalmente têm para agradar e atrair o homem.

Das mulheres homossexuais entrevistadas, nenhuma apresentava atitude ou aparência masculinizada ou estereotipada. Todas demonstravam aparência feminina, sem exageros de vaidade, como algumas expressam em seus discursos. Portanto, dizer que mulher homossexual não tem preocupação com o corpo ou vaidade é um preconceito, pois se a “*verdadeira mulher feminina*” é uma criação artificial, podemos dizer que é uma criação cultural. A mulher homossexual, por não seguir este padrão, passa então a ser vista como uma “*não mulher*”, um “*homem falhado*”, como diz Beauvoir. No pensamento coletivo da sociedade estão fortemente presentes o estigma e a imagem da mulher homossexual, “*máscula*”, “*pesada*”, “*agressiva*”, tornando-as caricaturas e, por isso mesmo, causam medo e repugnância, principalmente às mulheres heterossexuais.

O que percebemos nos discursos das mulheres entrevistadas foi exatamente o contrário a esta imagem social estigmatizada. O envelhecimento do corpo causa-lhes inquietação, incômodo, desagrada, é como uma luta, como dizem. Mônica (49) associa esta mudança à perda do encanto diante do outro, visto que não mais será percebida como uma mulher atraente, afastando-se, portanto, do contato. Neste sentido, Featherstone (1994) observa:

“(...) Eis a dupla capacidade do nosso corpo: ver e ser visto, sendo a base para nossos julgamentos sobre o status e o valor dos outros nossa observação dos seus corpos. Ao mesmo tempo é visível a fonte do conhecimento baseado na observação através do qual os outros constroem julgamentos sobre nosso status e valor social a partir do que nós dizemos e fazemos. Esses processos duais apontam o papel crucial do feedback e a reflexividade nas relações sociais”. (p. 54).

Verificamos, também, que, para algumas mulheres, a medicina corretiva estética é uma opção para corrigir o corpo, como está presente nas falas de Olga (49) e Roberta (50), quando dizem que são favoráveis aos recursos estéticos da medicina. Note-se, ainda, como Luiza (48) utiliza a metáfora: *“envelheceu um pouquinho, vai lá e conserta”*.

Nos discursos de Roberta (50) e Luiza (48) existe uma contradição, pois, ao mesmo tempo que negam a preocupação com o envelhecimento, utilizam o recurso cirúrgico para “correção do que envelheceu”. Da mesma forma, a fala de Ruth (41) é contraditória ao dizer que lhe incomoda, pois está só perdendo, mas ao mesmo tempo diz que não representa um problema envelhecer, pois não aparenta a idade que tem. A percepção de dois tempos distintos fica evidente neste discurso.

Esta tentativa de controle do indivíduo sobre o corpo para corrigir sua imperfeição, Foucault denomina de controles reguladores sobre o corpo, o qual ele chama *“bio-poder”* – bio-política da população, a partir da qual se desenvolveu a organização do poder sobre a vida. (1982, p. 131). O corpo é assim disciplinado, obtém-se então a sujeição dos corpos e o controle das populações, sendo este transformado ou comparado a uma máquina.

Ao analisar a meia-idade, Debert (1999) descreve este período como uma busca constante do indivíduo pelas *“técnicas de manutenção corporal”*, com o objetivo de frear, mantendo assim o que denomina de *“platô”* e a idéia de que este controle poderá ser eternamente mantido. Deste modo, os sinais de envelhecimento tornam-se estigmatizantes, transformando-se em um problema moral, pois são resultantes de um estilo de vida inadequado. Esta concepção está tão aliada ao mercado do rejuvenescimento e da beleza que determina a criação de novos estereótipos. (p. 227).

A aceitação do corpo que envelhece também esteve presente na fala de uma entrevistada. Destaco aqui:

“Eu me preocupo com esta parte realmente da saúde, não sou extremamente vaidosa, sou magra de natureza, eu acho que me preparo. Quando você começa a perceber, com 40 anos, cai tudo rápido, mas eu não sou uma pessoa de ficar se (sic) olhando no

espelho, obviamente tem mais rugas... Claro que não vou ficar muito feliz, mas não fico me preocupando muito". (Irene, 51).

Luiza (48) e Olga (49) destacaram, além de outros aspectos, a importância da prática contínua de esportes e atividade físicas no controle deste envelhecimento, assim como a alimentação e exames periódicos.

"Faço musculação três vezes por semana, para me manter bem fisicamente... eu tenho uma consciência muito grande e disciplina em relação à alimentação". (Olga, 49)

"O corpo eu mantenho porque eu tenho uma alimentação saudável e faço esporte, então, eu sou uma pessoa que me cuido extremamente ... com o passar dos anos eu vou me cuidando cada vez mais: dermatologista, nutricionista, fisioterapia. É um conjunto de coisas que faz com que eu consiga chegar lá na frente com saúde, para ficar o menos possível doente, um velho saudável, é isso o que eu busco hoje". (Luiza, 48).

Mercadante (1997) menciona que a disposição e saúde do corpo, conseguidas por meio de regime alimentar e exercícios, faz com que o indivíduo perceba como um sinal de não-declínio físico e da não-velhice, constituindo assim uma forma de fugir do modelo estigmatizado de velho. (p. 120).

A concepção da velhice está fortemente ligada ao controle da saúde. Por isso, há a necessidade de controle do corpo para manter a saúde e a adoção de medidas de prevenção a doenças é fortemente divulgada pelos profissionais da saúde e pela mídia em geral. A sociedade moderna atribui ao indivíduo a responsabilidade pela sua doença, pela sua velhice, porquanto não teve o controle do seu corpo e da sua saúde ao longo da vida, não soube cuidar de si, enfim, culpa-o pela "desgraça de ser velho", não permitindo ao indivíduo a escolha de poder envelhecer como um processo natural, sem se sujeitar às determinações de controle da saúde.

Em outro depoimento, Roberta (50) também destaca a diferença relacionada ao gênero, homem e mulher, colocando a mulher heterossexual dominada pelo poder masculino que impõe, direta ou indiretamente, o dever de manter-se sempre bela. Ela refere que o desejo de manter a aparência jovem coloca a mulher heterossexual em destaque, quando diz que o sofrimento destas mulheres é maior ao envelhecer do que o das homossexuais. Roberta e outras três (3) entrevistadas salientaram que há

diferenças entre o comportamento das mulheres homossexuais e heterossexuais, em relação ao corpo e envelhecimento descrevendo assim:

“Para a mulher heterossexual é mais problemático do que para a homossexual, acho que sofre mais, se descabela com meia ruga. O homem por ele ter que ser sempre o provedor na base família, ele cobra mais da mulher para que fique bonita. A mulher hetero está sempre competindo uma com a outra, e nós homossexuais, não. Mas a mulher homossexual tem um outro problema muito sério, acham que por ter esta condição elas não têm as mesmas preocupações que as heterossexuais, elas evitam por anos o ginecologista, elas negligenciam mais. Agora está melhorando muito...Na minha época, mulheres na minha faixa etária, 50 – 55 anos, muitas tiveram câncer de útero por falta de cuidados. Tem homossexual que é muito vaidosa e outras que não são, algumas incorporam o estereótipo masculino, eu não, em nenhum momento da minha vida eu quis ter características masculinas”. (Roberta, 50).

“Têm algumas mulheres homossexuais que se preocupam muito com o corpo, mas de um modo geral, eu acho elas(sic) mais relaxadas. Eu deveria ser mais vaidosa, já fui mais, pois eu não posso ficar com 43 anos e ficar relaxada. Tem algumas homossexuais que são mulheres pesadas e se vestem com roupas masculinas, muito masculinizadas e acho que não precisa disto para se mostrar como homossexual, elas não conseguem ser mais femininas”. (Maristela, 43)

“Nesta idade, é difícil você encontrar uma mulher gay feminina, vaidosa e que se cuide. Acho que é uma característica da mulher gay, mas que piora muito. Você não está mais nem aí. Não precisa você ficar velha e ficar feia, não precisa deixar de ser mulher, isto me incomoda... eu não estou me cuidando, estou tentando”. (Ruth, 41).

“Eu sou vaidosa, mas não extremamente, não como as mulheres que são, por um lado mais e por lado outro, menos vaidosa”. (Alice, 43).

Kublikowski (2001), ao descrever sobre as mulheres heterossexuais na meia-idade, destaca que a mudança corporal tem maior impacto sobre as mulheres da meia-idade do que sobre os homens, sendo-lhes atribuído o sentido de doença e perdas, pela apropriação dos significados oferecidos pela medicina, em um contexto de tirania dos ideais de beleza. (p. 136).

De um modo geral, devemos salientar que a análise das formas do corpo é importante ao ser relacionada ao processo de envelhecimento, assim como não podemos esquecer que este aspecto passa a ter uma relevância maior dentro do universo feminino, pois, tendo em vista o fato das formas do corpo se modificarem com o passar do tempo, sua análise deve ser feita refletindo o processo e, não somente, no sentido de suas observações estéticas.

Roberta (50) ainda destaca não ter cuidado ao longo dos anos do seu corpo, e associa esta atitude a sua geração de mulheres, década de 50 e 60, em que havia um clima de rebeldia, a busca pela liberdade e liberação sexual, que fazia com que as pessoas (mulheres homossexuais) daquela época dispensassem menor cuidado ao corpo. Assim ela se expressa:

"Nós que temos esta faixa dos 50 – 60 anos de idade pegamos o período da geração revolucionária em tudo, eu não me cuidava como hoje eu me cuido. Sinto a falta da sabedoria de hoje... eu 'detonei' muito anos atrás". (Roberta, 50).

Maki (2005) diz que a década de 60 foi de reivindicações, pois os jovens defendiam a liberdade sexual, a liberação do aborto, agiam contra os valores burgueses, os negros lutavam pelos seus direitos e países comunistas pela liberdade de expressão. Foi nesta época que os homossexuais começaram a freqüentar mais novos ambientes, como bares e ter maior exposição social. (p. 40-42)

A preocupação com o corpo físico relacionado com a menopausa apareceu na fala uma mulher, quando se refere à cessação da fertilidade, interrompendo com a possibilidade de ser mãe e ter um filho. Neste caso específico, ela aceita as mudanças externas do seu corpo decorrentes do envelhecimento, porém não aceita a impossibilidade de não ter mais ovulação. Assim ela declara:

"O meu corpo externo não me preocupa tanto. Mas me preocupou, por exemplo, quando eu quis ter um filho, eu tinha 39 anos de idade e não tinha um óvulo, isto me preocupou e mostrou que eu já estava envelhecendo". (Gina, 40).

Segundo Kublikowski (2001), o limiar da velhice, não perceptível nos homens, é detectado na mulher através da menopausa, atraindo a atenção dos

médicos. As mulheres confessavam a sua ambivalência quanto a esta mudança em relação aos seus papéis na família, com a velhice chegando com horizontes não tão promissores. *“Os significados atribuídos à meia idade feminina acabaram por centrar-se na menopausa, como o evento dominante desta fase”*. (p. 119)

É evidente que na velhice não existem só perdas, como também esta fase da vida não é sinónimo de doença e incapacidade, porém o que vemos é que estas imagens estão representadas também na expressão oral destas mulheres aqui entrevistadas, concluindo que, independente do grupo social ao qual o indivíduo pertence, as representações e imagens sobre velhice são idênticas, reproduzem o estigma e o preconceito existentes. Destaco aqui a fala de uma das mulheres entrevistadas, contrária a esta idéia de incapacidade e limitação da vida, vendo uma possibilidade de adaptação:

“Eu não vejo impedimento e limitação, sempre pode haver alguma coisa que eu possa fazer, pode ser muito divertido. Se eu não conseguir jogar mais squash, eu posso jogar tênis, se não conseguir jogar tênis, eu posso caminhar. Eu vi pessoas de 80 anos subindo montanhas. Não tenho medo das limitações da velhice, realmente, isto não me incomoda, acho que sempre pode ter um jeito e ser bacana, ser uma pessoa feliz e realizada”. (Alice, 43).

A valorização do indivíduo como pessoa deve-se ressaltar em detrimento da idade e da aparência do corpo. A beleza do indivíduo/corpo independe da idade, pois devemos atribuir pesos e medidas distintos para a idade. Assim sendo, a beleza está na construção do indivíduo como pessoa, em sua experiência de vida e no valor de suas idéias. É o que expressa a entrevistada Valentina (57):

“Independente da idade, podem ser mulheres lindas. É inegável que o brilho tem facetas diferentes, porquanto o brilho físico vai decaindo, mas o brilho das pessoas que se cuidam como pessoa vai ressaltando, são pesos e medidas, que se transformam, diferenciam, não é mais a bundinha da pessoa, mas são as idéias, as experiências de vida. A beleza não é porque ela está vestindo isto ou aquilo”. (Valentina, 57).

Assim sendo, transformar as experiências da vida, dando-lhes novas significados, indo além de velhas soluções, significa transcender o determinismo, destruir as realidades plásticas e reinventá-las.

Olga (49) e Ruth (41) também lembraram do valor positivo da velhice, mas antes destacaram as perdas atribuídas a ela:

“O ruim mesmo é o que se perde esteticamente, as rugas, acho que ninguém gosta disso, mas interiormente eu acho que a gente vai ficando muito melhor”. (Olga, 49).

“...a gente só está perdendo ... ou ganhando mais experiência”. (Ruth, 41).

Dentro destas perspectivas e pensamentos, consideramos que o cuidado com o corpo não deve ser negligenciado pelo homem, assim como o excesso de cuidado na tentativa eterna de corrigi-lo, devendo ser independente do gênero e da idade. Isto é uma forma do cuidado de si, no sentido de manter-se integrado com a natureza, em harmonia com seu corpo interior e exterior que não estão dissociados. Desta forma, deve-se adotar uma filosofia de vida que valorize a essência do ser humano contido dentro deste corpo. É no passar dos anos que o indivíduo adquire este conhecimento; por conseguinte, é no caminho da envelhescência que isto se processa.

A perspectiva do tempo dissociado entre corpo e consciência também foi evidente nos discursos de seis (6) mulheres. Destacamos aqui as suas falas:

“Eu me sinto, de cabeça, eu acho que ainda tenho 15 anos de idade, mas de físico eu já me sinto caminhando para a velhice mesmo”. (Gina, 40).

“Atualmente, o que pesa mais é a questão cronológica mesmo. É saber que eu estou nesta faixa, mas eu não me percebo assim exteriormente. Então, hoje eu tenho cronologicamente 48 anos ... eu me sinto como se estivesse entrando nos 42 – 43 anos, no cronológico eu falo assim: puxa daqui a dois anos eu terei meio século (...) quem não gostaria de ter a vida eterna, ser um highlander?”. (Olga, 49).

“Tudo bem, eu vou fazer cinqüenta daqui a dois anos, mas eu não consigo me enxergar com cinqüenta ... para mim, eu estou em outra idade”. (Luiza, 48).

“Acho que velhice é uma condição de espírito também. Eu tenho 41 anos e não me sinto nesta idade, me sinto com 25, 30 anos e, às vezes, até com menos ou até com mais, pelo tipo de vida que eu levo e talvez até pela minha opção de vida. Eu não tenho problema até agora, sinceramente, eu me acho bonita na idade que eu tenho, acho que não aparento a idade que eu tenho, então não é uma coisa que está me grilando tanto”. (Ruth, 41).

“É aquela coisa, as pessoas perguntam: ‘quantos anos você tem?’, eu falo 50, ‘mas você não aparenta a idade que você tem’, e a minha resposta é: eu não aparento, mas eu tenho. Na minha idade, eu acho bacana falar a minha idade, 50 anos, são bem vividos”. (Roberta, 50).

“O que vejo é o que as pessoas percebem em relação a mim e falam: ‘mas você tem 43 anos, mas não parece’, acho que é porque eu sou muito alegre”. (Maristela, 43)

Esta percepção equivocada dos tempos interno e externo, percebida pelos indivíduos que envelhecem, neste caso, mulheres homossexuais na meia-idade, explica a percepção estigmatizada da velhice que elas têm, em que o valor deste envelhecimento se dá no corpo. Isto fica evidente nos discursos quando dizem que não percebem ou sentem a idade real, a percepção é de serem mais jovens.

A dissociação na percepção do tempo está no pensamento de Joel Martins, quando descreve a existência de dois tempos, o tempo Kronos, que é um tempo delimitado cronologicamente e o Kairós que é tempo vivido, da experiência. Assim ele diz:

“o importante é descobrirmos que ‘somos’; temos um corpo que é nosso e vive a sua própria experiência. É importante pensar que tempo não é uma dimensão cronológica, medida em dias, meses e anos, mas sim um horizonte de possibilidades do ser”. (1998, p. 22).

Olga (49), em seu discurso expressa o desejo do homem pela vida eterna usando a metáfora *“highlander”* – homem que pode ultrapassar o tempo conquistando assim a eternidade. O desejo de vida eterna neste sentido relaciona-se com o desejo de controlar e dominar a vida, podendo assim interromper o seu fluxo, obstruindo a degradação do corpo e a velhice, pois apenas valerá ter a vida eterna, se for jovem e não envelhecer. Reportamo-nos a Cícero, ao citar o homem que guerreia contra o tempo, como um gigante diante da velhice:

“...todo aquele que sabe tirar de si próprio o essencial não poderia julgar ruins as necessidades da natureza. E a velhice,

seguramente, faz parte delas! Todos os homens desejam alcançá-la, mas ao ficarem velhos, se lamentam. Eis aí a inconseqüência e estupidez! Queixas e de que ela chegue mais furtivamente do que se esperava. Quem então os forçou a se enganar assim? E qual o prodígio a velhice sucederia mais depressa à adolescência do que esta última sucede à infância? Enfim, por que diabos a velhice seria menos penosa para quem vive oitocentos anos do que para quem se contenta com oitenta? Uma vez transcorrido o tempo, por longo que seja, nada mais consolará a velhice idiota...resistir à natureza não teria mais sentido do que querer – como gigante – guerrear contra os deuses”. (1997, p. 9).

A expressão contrária a esta dissociação do tempo foi expressa por uma mulher, destacando assim o valor da velhice não como um tempo cronológico, mas como um tempo da sua história, da sua vida. Assim fala:

“Eu falo para as pessoas assim: eu acho absurdo, medíocre as pessoas negarem a idade...Eu sempre falo, eu adoro minha vida e por mim gostaria de viver até mais de 90 anos. Se mentir a idade pudesse fazer com que vivesse mais tempo de vida eu negaria. Agora, não vai me trazer nada, a minha história ela independe do que o outro vai achar ... Se vale a pena viver muitos anos? Com certeza até depois dos 90 anos, acho que vale a pena”. (Valentina, 57).

A idéia de processo, progressão, curso de vida também foi lembrada por duas (2) mulheres:

“Existe a fase da vida que é da formação, da produção e depois o que a gente chama da melhor idade, do desfrute, divisão teórica. Eu percebo que estou na fase de produção, mas também na fase de formação, extremamente produtiva, porque existe a preocupação do aprender, do fazer, mesmo coisas de adolescente, eu acho que isto é uma coisa bem específica gay...Eu acho que os gays são mais jovens, pensam menos sobre estes aspectos (envelhecimento). Eu acho que a partir de agora, eu quero dar mais qualidade a cada momento, ter coragem de abrir mão de algumas coisas... ter coragem, eu não quero mais fazer isto ou aquilo ... dosar no lazer, valorizar mais as coisas e não desperdiçar oportunidades, não deixar passar. A vida vai ficando mais gostosa de viver. As pessoas da terceira idade são mais exigentes, eu percebo isto, agora eu estou entendendo”. (Olga, 49).

“Eu acho que independente do envelhecimento, que todos vivem desde criança, a grande questão é você pensar de como a gente vai se dando conta ... isto não é de uma hora para outra, é um processo. Vamos dando conta progressivamente”. (Valentina, 57).

Messy (1993) descreve o envelhecimento como um processo que se inicia ao nascimento, *“inscreve a temporalidade do indivíduo, do começo da vida ao fim da vida”*. (p.13). Com este olhar, abrimos a possibilidade de apresentar aos que envelhecem uma perspectiva criativa, na descoberta de novos caminhos para envelhecer e tornar-se velho. No mesmo texto, em outro momento, afirma: *“envelhecemos como vivemos....”*. (p.12). Com isso, está-se chamando a atenção ao aspecto subjetivo do indivíduo, dando-nos a entender que uma concepção positiva na velhice está ligada à história do sujeito e à possibilidade de novas aquisições neste percurso.

5.4. VELHICE: ARRANJOS SOCIAIS NO PRESENTE E NO FUTURO

A partir de agora iremos descrever e analisar os discursos das mulheres entrevistadas em referência aos arranjos sociais do presente e como imaginam estes arranjos para o futuro na velhice, relacionado a apoio, ajuda e sociabilidade na velhice.

5.4.1. FAMÍLIA, FILHOS E UNIÃO CONJUGAL

Quando perguntamos às mulheres homossexuais entrevistadas para relacionarem família / filhos e envelhecimento como a possibilidade de um apoio na velhice, obtivemos aos seguintes discursos:

“Eu acho que família é igual à família nuclear - marido e filhos - pode ser suprida de outras formas. Se a necessidade for grande de criar alguém ou se ter um filho, pode-se adotar. Talvez a ausência da maternidade seja marcante, nos deixa mais livre para a vida (homossexuais). Eu percebo bem nas mulheres heterossexuais que têm filhos que, a partir de um certo momento, existe uma transferência e você deixa de cuidar da sua vida para cuidar

dos filhos e viver em função deles. Eu acho que um gay vive muito em função dos amigos e da própria família também, uns mais apegados, outros menos. Eu perdi meus pais muito cedo, minha família é pequena, eu fui criada muito independente da família, mas eu acho muito legal esta questão da família, mas se a minha mãe estivesse viva eu não cobriria a solidão dela. Não acho que filhos são ajuda ou suprem a solidão de ninguém. Eu não acredito em casamento heterossexual, não acredito na instituição casamento, não é uma forma de você manter um companheiro na velhice". (Olga, 49, solteira, mas namorando há dois anos).

"Família é a continuidade. Eu não tenho filhos e eu não vou ter filhos, eu não sou casada com um homem, e a minha família é pequena, eu sou uma pessoa sozinha. Teve uma época que eu pensava: puxa, vou envelhecer... quem vai cuidar de mim lá na frente. Comecei a pensar e me preocupar desde 35 anos. Antigamente era uma preocupação que mal me deixava viver. Ai eu entro em contradição, pois ao mesmo tempo eu pensava: vamos viver o presente que depois eu penso, é o que eu faço hoje. Eu não quero ter filho agora, poderia ter, poderia adotar, poderia fazer um filho, isto é simples, mas eu sou tão egoísta que eu não quero dividir ela (companheira) com ninguém, eu gosto muito dela, da liberdade. Eu reconheço que eu sou egoísta, pode ser que daqui a 20 anos eu possa mudar" (Luiza, 48, casada há 8 anos).

"Eu não tive vontade de ter filho, assim que eu pensei logo passou, foi uma questão hormonal, nunca me identifiquei com a maternidade, eu não tenho nenhum tipo de sofrimento por não ser mãe. É uma questão tão relativa esta, porque acho que o fato de ter família e filhos não significa que você não estará sozinha na velhice, eu não sofro por não ter constituído uma família, isto não me causa sofrimento. Eu não vejo a possibilidade de ficar com a minha família, porque eu não consigo me imaginar... voltar morar com eles. Os casais hetero e com filhos vivem dentro de um padrão de regras sociais que você tem ao constituir uma família. Num relacionamento homossexual você rompe com tantas coisas, rompe com muitas regras, é mais leve. Este mito do casamento perfeito não existe e as pessoas estão percebendo que precisam de várias companhias para preencher sua vida, isto tem muito a ver com a homossexualidade, se relacionar com pessoas diferentes em diferentes momentos, distribuir este ideal de companheiro único. Vejo no futuro a possibilidade de pessoas andrógenas, esta questão da polaridade na relação sexual com os dois sexos. Gostaria de ter uma companhia que fosse amorosa, afeto, amor e sexo. Eu tenho pavor em pensar na possibilidade de não ter sexo, hoje em dia isto me apavora, nos tempos que estou sozinha isto é muito forte. Sem amor e sexo, sem chances". (Alice, 43, solteira).

“Os filhos eu acho que tem um momento da vida que faz falta. Eu já tive vontade de ter e acho que deveria ter tido... Naquela época eu era mais jovem, talvez entre 25 – 30 anos, mas eu deixei o meu lado homossexual falar mais forte. Tive alguns relacionamentos heterossexuais e eu tive vontade de ter filhos. Hoje sinto falta de companheirismo, poder sentir esta relação de amor, eu já me arrependi. Jamais pensei que precisaria de alguém (um filho) para me apoiar na velhice, não, para cuidar de mim, mas talvez sim. Família é uma coisa sensacional, eu sempre preservei muito a minha família nuclear, pai, mãe, irmãos, apesar de distantes a minha convivência com eles é grande, minha mãe agora envelhecendo e com 74 anos, sozinha, me preocupo e quero dar apoio para ela”. (Mônica, 49, solteira, namorando).

“Eu nunca pensei em ter filhos, mesmo que tivesse tido oportunidade, eu sempre tive uma vida muito corrida, eu não acho que seria uma boa mãe. Eu tenho meus sobrinhos e morro de saudades deles que moram em Portugal, e sinto muita falta. No dia-a-dia eu não sei se poderia ser uma boa mãe. Se eu tivesse filhos ou netos, eu queria morar perto deles mas não para eles cuidarem de mim. Minha avó e minha mãe sempre foram assim, nunca pensaram em dar trabalho para os filhos. Eu não quero dar trabalho para ninguém, até o meu testamento já está pronto, eu não quero que um dia minhas sobrinhas falem: ‘morreu uma tia velha no Brasil e vou ter que ir para lá ajeitar tudo’. Ele (o testamento) não contempla a minha família e contempla muito mais meus amigos do que minha família, os que trabalham comigo”. (Irene, 51, casada há 14 anos).

“Pensar em ter filhos, eu já pensei muito. É gostoso você estar feliz com a companhia de alguém, porém alguém lhe dar esta felicidade ela não tem condição, porque isto você busca dentro de você e as pessoas se enganam muito, e um filho não pode te dar tudo isto. A maioria das homossexuais não quer filhos, eu não tenho frustração. Independente que eu não tenho filhos, eu não acredito na adoção, não da forma com é feita, acho complicado lidar com a genética. Não ter filhos foi minha opção. Acho que não é o filho que eu não tive que vai fazer esta diferença, me amar mais, me dar apoio, ficar menos só. Hoje, no universo da homossexualidade feminina, eu chego a arriscar que muitas têm filhos por conta da exigência social e até do instinto maternal. Entre homossexuais, o casamento é mais verdadeiro e mais amoroso. A mulher homossexual é mais carinhosa na relação íntima. Hoje em dia eu penso mais numa companhia na velhice, eu não tenho mais a necessidade de ficar pulando de canto em canto, os seus sentimentos se acalmam de alguma maneira”. (Roberta, 50, solteira, namorando).

“Sobre ter filhos eu não sofri com isto. Mas, quando cheguei ao redor dos quarenta anos, quando eu vi esta possibilidade ir embora (menopausa) conversei com um amigo e pensamos em ter, mas passou esta idéia. Hoje isto não me fez sofrer. Eu tenho uma cadelinha linda e converso com ela como se fosse criança... às vezes, eu penso se eu fosse uma mãe eu seria uma mãe bacana, eu me dedico e me preocupo.... mas ao mesmo tempo eu fico com medo do sofrimento dos filhos. Filho não é segurança para ter alguém ao seu lado, não pode ficar na dependência de cuidar dos pais, não se pode projetar um filho para ser bengala dos pais, isto é uma tragédia para o ser humano sobre esta ética....minha família biológica é pequena e penso em voltar morar perto deles, mas ainda é uma sombra social, ter que ficar perto da família, eu não tenho convicção sobre isto, mas ao mesmo tempo fico pensando com quem eu estarei na velhice? Eu gostaria de ter uma companhia, sem dívida, eu não gostaria de estar sozinha, absolutamente, eu quero ter pessoas próximas, não necessariamente a família biológica”. (Valentina, 57, solteira).

“A maioria das nossas amigas querem mais é curtir a paixão, o momento, poucas mantêm um relacionamento duradouro, porque não tem nada que prende, não tem um filho que prende, não tem duas famílias inteiras convivendo juntas que prende. Na verdade não é amor, é a paixão; quando ela acaba, o relacionamento acaba. No nosso caso não é assim, somos diferentes, nós criamos um vínculo familiar muito forte e entre nossas famílias, acabamos tendo uma filha que nos une muito mais. Eu imagino que na velhice vamos estar uma cuidando da outra e a gente da nenê e talvez ela cuidando de nós, estaremos em uma família. Em relação a filho, eu não pensei que ele vai cuidar de mim, não, isto era a última coisa que eu queria pensar. Eu não posso tirar a parte mais gostosa da vida do meu filho, para que ele fique cuidando de mim, eu não acho justo. A gente dá tanto amor aos nossos sobrinhos, então, pensei que poderia dividir isto com uma criança, uma criança nossa, mas não para cuidar de mim no futuro. Eu não acho justo ter um filho disponível o dia todo para cuidar de mim, ou uma irmã. Eu acho que tem a pessoa certa para isto, predestinada para isto, infelizmente, hoje eu tenho que pagar”. (Gina, 40, casada há 10 anos).

“É difícil pessoas morarem juntas, as pessoas são muito egoístas, não querem abrir mão da privacidade e liberdade, é difícil você ver um casal homossexual que tenha casamento como o nosso de dez anos, as pessoas namoram, moram em casa separadas e passa um tempo se separam, não é um relacionamento estável, não sei dizer o porquê disto. As mulheres homossexuais circulam muito, eu não acho este ambiente legal, quando a pessoa começa envelhecer vai se afastando deste ambiente e acaba ficando sozinha. Veja o nosso caso, somos casadas há dez anos, temos agora uma filhinha de quatro meses. Ela

ficou grávida de um óvulo meu, então esta criança é nossa. Não temos união jurídica, porque, infelizmente no nosso país, isto não é bem definido, mas somos uma família, temos coisas nossas em comum. Vejo que nos outros relacionamentos é tudo separado, acho que não deixa as pessoas terem uma união forte. Eu acho que quando você tem uma família, o envelhecimento se torna menos doloroso e se você está sozinho acho que é mais difícil. Até os próprios filhos ajudam, nós, filhas, ajudamos muito minha mãe, não por obrigação, mas por amor. Não que eu tenha constituído família ou tive a nenê pensando alguém para cuidar de mim na velhice. A nenê foi registrada com o meu sobrenome e o sobrenome da “minha companheira” sem que o cartório soubesse, estamos tentando com advogado e acho que vamos conseguir fazer com que na certidão de nascimento apareçam os dois nomes como mãe e mãe. Acho que isto é uma vitória para gente e para ela (nenê), sabemos que vamos encarar um monte de problema no futuro, preconceitos com a própria nenê, temos muito cuidado com relação a ela, não queremos que ela sofra. Eu acho que todo este ambiente de família e ambiente saudável que temos hoje vai ser muito bom para ela. Eu penso no futuro eu e a “minha companheira” uma cuidando da outra. Nós vivemos num mundo diferente, não vivemos neste gueto homossexual, vivemos num mundo de família, uma “família normal”, pois convivemos com as famílias, elas aceitam e gostam de nós, da nossa presença, sentimos muito melhor neste ambiente do que neste ambiente de gueto (referente a gueto homossexual). Se um dia eu ficar sem elas, acho que não vou querer ficar com mais ninguém, hoje elas são a razão da minha vida”. (Maristela, 43, casada há 10 anos).

Das mulheres entrevistadas, apenas duas (2), Gina (40) e Maristela (43), têm filhos e mantêm uma união conjugal. Foi destacado por elas a importância da maternidade e a presença do filho nesta união e a constituição familiar fortalecendo assim os vínculos existentes, uma relação duradoura de convivência familiar, até mesmo um possível apoio na velhice. Este vínculo familiar é fundamental e, no futuro, se imaginam cuidando uma da outra e o filho entre elas.

Esta reprodução do desejo de família pode se aproximar da idéia de constituir a família seguindo o modelo heterossexual, em termos de legalidade e para cuidar da prole pensando na nossa sociedade. Mas, de fato, devemos pensar é no futuro da família, suas novas constituições e modelos que se apresentam dentro da sociedade pós-moderna, não devendo outros modelos serem estigmatizados, pois emergem com o poder de mudar os conceitos e moldes propostos e aceitos até hoje.

Roudinesco (2003) ao se referir ao “*desejo de família*” descreve que ele emerge em meio às alterações dos costumes e da instabilidade econômica moderna.

Os aspectos jurídicos desta união conjugal também são destaque na fala de Maristela, porque garantem o direito legal à maternidade para que as duas mulheres possam assumir o papel de “*mães*”.

Sabemos que na nossa sociedade ainda não existe legalidade para este tipo de união conjugal, e que isto ainda constitui uma luta entre os homossexuais que assim desejam legalizar esta união, para lhes garantir os direitos e os direitos de seus filhos, da mesma forma como ocorre com os cidadãos heterossexuais. Para legalizar é importante acabar com o preconceito das relações instáveis.

Maki (2005) associa o preconceito que a maioria dos casais gays tem na família e na cultura em geral com a falta de rituais normativos para os homossexuais, conforme avançam o ciclo de vida. Eles não têm o benefício do casamento formal, ou do divórcio, para assinalar suas transições no relacionamento. Isto faz com que, muitas vezes, as relações sejam mais efêmeras e facilmente dissolvidas, favorecendo a troca de parceiros. (p. 53).

Destaco aqui as falas destas duas (2) mulheres:

“A maioria das nossas amigas poucas mantêm um relacionamento duradouro, porque não tem nada que prende, não tem um filho que prende. No nosso caso não é assim, é diferente, nós criamos um vínculo familiar muito forte e entre nossas famílias, acabamos tendo uma filha que nos une muito mais. Eu imagino que, na velhice, vamos estar uma cuidando da outra e a gente da nenê e talvez ela cuidando de nós, estaremos em uma família. Em relação a filho, eu não pensei que ele vai cuidar de mim, não, isto era a última coisa que eu queria pensar”. (Gina, 40).

“(...) é difícil você ver um casal homossexual que tenha casamento como o nosso de dez anos, temos agora uma filhinha de quatro meses. Ela ficou grávida de um óvulo meu, então esta criança é nossa. Não temos união jurídica, porque infelizmente no nosso país isto não é bem definido, mas somos uma família, temos coisas nossas em comum. Eu acho que quando você tem uma família, o envelhecimento se torna menos doloroso e se você está sozinho acho que é mais difícil, até os próprios filhos ajudam. A nenê foi registrada com o

meu sobrenome e o sobrenome da “minha companheira” sem que o cartório soubesse. Estamos tentando com advogado e acho que vamos conseguir fazer com que na certidão de nascimento apareçam os dois nomes como mãe e mãe. Acho que isto é uma vitória para a gente e para ela (nenê)”. (Maristela, 43).

O reconhecimento desta união pela sociedade por meio do casamento tem sido uma das últimas conquistas dos casais homossexuais como cidadãos de direitos iguais, que obtêm, assim, o direito à herança, à ajuda financeira e à partilha dos bens do casal.

Deste modo, ser aceito como um casal implica aparecer e ser como todos, garantindo seus direitos. Porém, ao mesmo tempo, é a busca por um modelo prescrito para heterossexuais. Estas mulheres sabem que o casamento em si não tem solidez, mas sim, os sentimentos de amor, o carinho, o respeito e união entre elas é que podem indicar caminhos de felicidade.

A associação de família e filho como estabilidade no relacionamento faz crítica ao modelo gay de relação. Para Gina (40) e Maristela (43), ter um filho significa estabilizar a relação. Assim, imaginam a velhice ao lado da família que construíram. Maristela destaca que *“ter família na velhice é menos doloroso e sofre menos a solidão”*, pois ela acredita que os filhos estarão ao lado dos pais. Neste sentido, para estas mulheres o que mantém a solidez do casamento são os sentimentos ligados à família de vinculação, aquela que constituíram.

Roudinesco (2003) destaca o *“poder das mães”* relacionado ao poder que a mulher tem na sociedade de hoje sobre a procriação. Assim, imaginar o futuro da família implica na necessidade de aceitação dos pais (mães) homossexuais, no direito de constituir família.

A mesma autora, ao falar do futuro da família, afirma que devemos considerar a necessidade de aceitação por parte da sociedade dos pais homossexuais, que têm o direito de constituir família. E destaca: *“a família precisa ser reinventada”*. (p. 199).

É próprio da sociedade o desejo de se estabelecerem vínculos sociais, entre filhos e pais, sendo estes criados mediante representações simbólicas incorporadas

nas noções de parentesco e concretizada por meio do casamento. Desta forma, não diferente de qualquer outro indivíduo social, os homossexuais também expressam este desejo de estabelecer vínculos, dentre as inúmeras possibilidades de se constituir a família. Destaco aqui a fala de Maristela (43) que, ao falar sobre reprodução e filho, destacou que o óvulo fecundado por ela (por um banco de esperma) foi colocado na sua companheira para gerar a criança, tornando a idéia de vínculo de família ainda mais forte, pois a criança foi gerada com a participação das duas mães – mulheres (genética e sangue).

Das outras oito (8) mulheres entrevistadas, nenhuma tinha filho e apresentavam idéias diversas sobre esta questão da família e reprodução:

“Eu não tenho filhos e eu não vou ter filhos, Teve uma época que eu pensava: puxa, vou envelhecer... quem vai cuidar de mim lá na frente? Eu não quero ter filho agora, poderia ter, poderia adotar, poderia fazer um filho, isto é simples, mas eu sou tão egoísta que eu não quero dividir ela (companheira) com ninguém”. (Luiza, 48).

“Eu não tive vontade de ter filho, assim que eu pensei logo passou, foi uma questão hormonal, nunca me identifiquei com a maternidade, eu não tenho nenhum tipo de sofrimento por não ser mãe. O fato de ter família ou filhos não significa que você não estará sozinha na velhice, eu não sofro por não ter constituído uma família”. (Alice, 43).

“Os filhos eu acho que tem um momento da vida que faz falta. Eu já tive vontade de ter e acho que deveria ter tido naquela época eu era mais jovem, eu deixei o meu lado homossexual falar mais forte. Hoje sinto falta de companheirismo, poder sentir esta relação de amor, eu já me arrependi. Jamais pensei que precisaria de alguém (um filho) para me apoiar na velhice, não, para cuidar de mim, mas talvez sim”. (Mônica, 49).

“Eu nunca pensei em ter filhos, mesmo que tivesse tido oportunidade, eu sempre tive uma vida muito corrida, eu não acho que seria uma boa mãe”. (Irene, 51).

“Pensar em ter filhos, eu já pensei muito. É gostoso você estar feliz com a companhia de alguém, porém alguém lhe dar esta felicidade ela não tem condição, porque isto você busca dentro de você e as pessoas se enganam muito, e um filho não pode te dar tudo isto. A maioria das homossexuais não quer filhos, eu não tenho frustração.. Acho que não é o filho que eu não tive que vai fazer esta diferença, me amar mais, me dar apoio, ficar menos só”. (Roberta, 50).

“Sobre ter filhos eu não sofri com isto. Mas, quando cheguei ao redor dos quarenta anos, quando eu esta possibilidade ir embora (menopausa) conversei com um amigo e pensamos em ter, mas passou esta idéia., filho não é segurança para ter alguém ao seu lado... e cuidar dos pais ...filho não é bengala dos pais”. (Valentina, 50).

“Não acho que filhos ajudam ou suprem solidão de ninguém”. (Olga, 49).

As mulheres não associaram filho com a possibilidade de apoio na velhice, conforme podemos conferir nas falas de Olga (49), Roberta (50), Mônica (49) e Valentina (57). Este pensamento também está presente nas falas de Gina (40) e Maristela (43). Elas não acreditam que filho seja garantia para ter apoio e cuidado quando envelhecerem, assim como não associam a solidão com ausência de filhos, inclusive, destacam que não deve atribuir toda esta responsabilidade a um filho, *“filho não é bengala”*, no dizer de Valentina (50).

Segundo os pesquisadores Aquino e Cabral (2002), estudos recentes sobre suporte familiar e idoso, realizados em diversos países e também no Brasil, asseguram que

“Um maior número de filhos vivos aumenta as chances desse apoio (...).O apoio dos filhos, principalmente filhas, é mais oferecido às mães idosas do que aos pais idosos (...). Em outro momento as autoras revelam que a relação suporte social e relações intergeracionais na família mostram que, de modo geral, os cuidados aos mais velhos são prestados por uma rede informal de apoio: suas famílias – cônjuges, filhos e parentes – e na falta destes, por amigos e vizinhos”. (p. 1058).

Luiza (48) justifica não desejar filhos até o momento, em virtude do medo de perder a liberdade, ter que dividir as atenções que dispensa à companheira. Refere que este sentimento, de um modo geral, está presente no pensamento das mulheres homossexuais. Neste sentido, Roberta (50) reforça esta idéia, mas acrescenta que o desejo das mulheres homossexuais de terem filho, atualmente, pode estar associado não apenas ao instinto maternal, mas também por uma *“exigência social”*.

Com relação à família nuclear, quatro (4) destas mulheres relatam que, apesar de preservar e valorizar o vínculo familiar, não vêem a possibilidade de voltar para esta família na velhice, uma vez que elas têm outra família como valor, a família de amigos.

Destacamos aqui as respostas das entrevistadas, quando questionadas a respeito de como imaginavam ou desejavam viver na velhice, no sentido de ter um apoio, enfim, que modelo de arranjo elas imaginavam. A única que se refere à família nuclear como um sentimento de maior aproximação e convivência foi Mônica (49). Nas falas anteriores já comentadas, de Gina (40) e Maristela (43), esta aproximação da família nuclear também ficou muito evidente. Obtivemos as seguintes respostas:

“Eu perdi meus pais muito cedo, minha família é pequena, eu fui criada muito independente da família, mas eu acho muito legal esta questão da família, mas se a minha mãe estivesse viva eu não cobriria a solidão dela”. (Olga, 49).

“Eu não vejo a possibilidade de ficar com a minha família, porque eu não consigo me imaginar voltar a morar com eles”. (Alice, 43).

“Eu não quero dar trabalho para ninguém, até o meu testamento já está pronto, eu não quero que um dia minhas sobrinhas falem: ‘morreu uma tia velha no Brasil e vou ter que ir para lá ajeitar tudo’. Ele (o testamento) não contempla a minha família e contempla muito mais meus amigos”. (Irene, 51).

“(...) minha família biológica é pequena e penso em voltar a morar perto deles, mas ainda é uma sombra social, ter que ficar perto da família, eu não tenho convicção sobre isto, mas ao mesmo tempo fico pensando: com quem eu estarei na velhice? Eu gostaria de ter uma companhia, sem dúvida eu não gostaria de estar sozinha, absolutamente, eu quero ter pessoas próximas, não necessariamente a família biológica”. (Valentina, 57).

“Família é uma coisa sensacional, eu sempre preservei muito a minha família nuclear, pai, mãe, irmãos, apesar de distantes a minha convivência com eles é grande, minha mãe agora envelhecendo e com 74 anos, sozinha, me preocupo e quero dar apoio para ela”. (Mônica, 49).

Existe no universo homossexual uma tendência maior de mudar e não sustentar relacionamentos duradouros, a troca de parceiros é maior entre eles do que entre os heterossexuais. Isto se justifica, muitas vezes, pela ausência ou flexibilidade de vínculo de paternidade e maternidade entre os homossexuais. Acredito, então, que, no futuro, os homossexuais podem correr o risco de ter que arcar e se adaptar à angústia de estar só. Ademais, não podemos esquecer que o vínculo afetivo estabelecido entre eles pode fortalecer e favorecer uma relação mais duradoura e estável, principalmente entre mulheres homossexuais, onde alguns autores descrevem, a relação entre mulheres homossexuais é mais afetuosa e verdadeira do que a relação existente entre homens homossexuais.

A relação entre constituição familiar e instabilidade na relação afetiva entre homossexuais é descrita por Maki (2005) quando diz:

“Tendo por referência os heterossexuais, os homossexuais, achando que não formariam família, acabaram trilhando caminho diferente. Por exemplo, tendo vários parceiros para se relacionarem sexualmente. Ao mesmo tempo, se defendiam da sociedade pelo anonimato, criando maneiras de serem aceitos, consentindo com o que o social determinava”. (p. 40).

Giddens (1993), em seu livro *“A transformação da intimidade”*, afirma que a idéia de *“relacionamento”* emerge tão fortemente nas subculturas gays como nas heterossexuais. Ao falar sobre o relacionamento entre homossexuais, o autor diz que: *“estes estão o tempo todo em uma relação de co-habitação com um parceiro”*. (p. 25).

Apenas uma (1) mulher fez referência à mudança do comportamento sexual no futuro, em relação a parceiros e casamento. Ela fala sobre a androginia, em que não há exclusividade de parceiros, as pessoas poderão ter parceiros prediletos para cada tipo de atividade, ir ao cinema, viajar, fazer sexo, etc. Comportamento que romperá totalmente com a concepção atual sobre sexualidade e parceiros, afetividade, romantismo e fidelidade nas relações, mais até do que a homossexualidade representa hoje para a sociedade. Destaco aqui suas palavras:

“Este mito do casamento perfeito não existe e as pessoas estão percebendo que precisam de várias companhias para preencher sua vida. Isto tem muito a ver com a homossexualidade, se relacionar com pessoas diferentes em diferentes momentos, distribuir este ideal de companheiro único. Vejo no futuro a possibilidade de pessoas andróginas, esta questão da polaridade na relação sexual com os dois sexos. Gostaria de ter uma companhia que fosse amorosa, afeto, amor e sexo”. (Alice, 43).

A psicanalista e sexóloga, Regina Navarro Lins (2005), escritora do livro: *“O livro de ouro do sexo”*, descreve sobre o comportamento andrógino no futuro, e diz que as pessoas serão andróginas, sem marcações muito definidas entre masculino e feminino e, nesse contexto, a bissexualidade poderá vir a ser a opção preferencial. No mesmo livro ela diz que o casamento com cláusula de exclusividade sexual deixará de existir e deverá sair de cena a idéia do amor romântico, no qual a busca pela alma gêmea leva o indivíduo a idealizar o parceiro. A autora ainda revela que a marca da androginia é a capacidade de dissolver a divisão entre o que seria ser homem ou ser mulher, pois as pessoas são o que são, e vamos gostar delas pelas suas características de personalidade, seu jeito de ser, e não por ser deste ou daquele gênero. Nesse sentido, as pessoas vão se abrir para a experimentação sexual também com pessoas do mesmo sexo. A fronteira entre masculino e feminino começa a se dissolver em outros campos também. Não tem mais nada que interessa somente ao homem ou só à mulher. Para a pesquisadora isso é fundamental numa sociedade de parceria e deverá ser uma das tendências de mudanças no comportamento sexual que poderão se tornar fenômeno de massa daqui a algumas décadas.

Ortelan (1996), quando se refere a romper com as tradições, descreve o pensamento de Nietzsche em *“Humano demasiado humano”*, dizendo que rebelar-se contra tudo o que significou autoridade e direção de consciência, romper com as raízes, com as crenças e as tradições que até então serviram de abrigo, é um longo e difícil processo, do qual não se sai impunemente. Ele cita o filósofo:

“O único direito do homem. Quem se distânciava da tradição é vítima da exceção; quem permanece na tradição é seu escravo. Em ambos os casos, caminha-se para a própria perda”. (p. 79).

Desta forma, podemos pensar que esta tendência de mudança do comportamento sexual implicará na desconstrução de uma identidade sexual que hoje existe na sociedade, baseada na relação homem/mulher, em contrastividade com a polaridade sexual e as múltiplas possibilidades de relações entre homens e mulheres que existem e continuarão a existir.

5.4.2. ARRANJOS SOCIAIS ALTERNATIVOS PARA A VELHICE

Entre as entrevistadas que não relacionavam a família nuclear ou a família constituída como apoio na velhice, oito (8) apresentaram uma alternativa para ter este apoio, mencionando os amigos e as relações de amizade como uma forma de “família” ou “grupo” para viverem na velhice. Destaco aqui as falas:

“Acho que um gay vive muito em função dos amigos, alguns também em relação à família. Comecei a pensar na possibilidade de viver em grupos, em comunidade... seria uma solução para nós (homossexuais)... vamos envelhecer juntos. Por que não ter um espaço em casas diferentes, mas que se ajudem? É uma nova forma de família. Manter a rede de amigos na velhice é importante”. (Olga, 49).

“Outro dia eu vi uma reportagem na TV... em Miami tem uma comunidade gay, um condomínio onde moram todos os velhinhos, tem cinema, academia, e eles não precisam sair de lá, eles têm tudo adaptado. Olha que coisa maravilhosa. Isto é uma preocupação no mundo gay, as pessoas comentam, o desejo de lá na frente morar num lugar onde as casas sejam próximas”. (Luiza, 48).

“Acho que o caminho é manter boas amizades... que podem estar na mesma situação. Nós (homossexuais) já cuidamos e nos preocupamos um com o outro. A família a gente escolhe, é a nossa família. Eu adoraria que fosse uma coisa prática e alguém tivesse a atitude de montar uma estrutura e pensar em alguma forma de agregar as pessoas. Os homossexuais são mais divertidos e esta junção é mais fácil. Nós (homossexuais) não estabelecemos família e não temos filhos, somos mais livres e buscamos muito mais a companhia dos amigos do que as pessoas heterossexuais. Os momentos em grupos são mais freqüentes no homossexualismo, grupos grandes e divertidos. Temos a jovialidade que os casais hetero não conseguem manter”. (Alice, 43).

“Precisa ter poucos amigos e conservá-los, pois de uma certa forma eles não vão poder cuidar de você numa cama, mas você precisa ter o aconchego, o carinho o afeto, estas coisas”. (Ruth, 41).

“Hoje eu moro com uma grande amiga, que também foi meu primeiro relacionamento, nos conhecemos desde a adolescência, é como uma minha irmã mesmo, está sempre perto de mim, sempre me ajuda. Às vezes nós trocamos (homossexuais) a idéia de que na velhice seria interessante se nós tivéssemos uma casa grande, separada por quartos, com algumas áreas comuns a todos e que pudéssemos viver junto, uma apoiando a outra, porque nós (homossexuais) não construímos uma família convencional, não casamos, não tivemos filhos, portanto muito pouco provável que daqui pra frente vamos nos casar e ter filhos. Eu acho fantástico conviver, eu acho que seria uma forma de se ter companhia. Acho que as mulheres homossexuais cultivam mais as amizades, e isto poderá ser importante”. (Mônica, 49).

“Eu já morei várias vezes com pessoas, mas minha opção hoje é morar com amigos e eu não moraria hoje com uma pessoa com quem tenho relacionamento. Atualmente não penso nisto mesmo ... quanto a pensar sobre apoio na velhice, penso nos amigos e amigas, assim como a família de amigos que também considero minha família extensiva – eu tenho um vínculo muito forte como também tenho muitos amigos homens, homossexuais e heterossexuais...este meu apartamento foi pensado e preparado para a velhice, tem todo um sistema de segurança, campainhas nos quartos, minha mãe sugeriu e achei muito bom. Se precisar de uma funcionária, uma enfermeira ou uma pessoa para ficar comigo, quando eu precisar. Eu não viveria sem ninguém comigo”. (Irene, 51).

Estou estudando exatamente sobre isto, a questão da amizade como uma forma de família, independente de ser homo, heterossexual ou bi. Eu gostaria muito de continuar morando só, mas ter alguém que me ajude e também ter por perto de mim as pessoas que eu gosto, que tenham ligações fortes comigo, mas cada um na sua casa”. (Valentina, 57).

Os oitos (8) depoimentos descritos acima relacionam o forte vínculo de amizade e os amigos, como uma característica dos homossexuais e, principalmente, entre as mulheres homossexuais, pela afetividade, carinho e cuidado que normalmente existe entre elas, mais do que nos homens. Desta forma, a idéia de família abre fronteiras para a relação de amizade, a “*família de amigos*” como uma outra forma, que pudesse ser apoio na velhice.

Alice (43) destaca que os homossexuais formam grupos maiores de amigos e mais divertidos, pois têm mais liberdade e jovialidade que os casais heterossexuais, atribuindo este fato ao vínculo informal da união entre os homossexuais, o que garante maior liberdade.

Segundo Spencer (1996), os homossexuais do interior mantinham sua rede social e valorizavam a amizade, substituindo a família que não constituíram e por não terem uma família convencional. (p.362).

A possibilidade de um novo modelo de associação entre estes indivíduos, garantindo assim a sua sociabilidade, pode ser entendida com base na construção da subjetividade. Segundo Guattari (1992) a sociabilidade pode ser entendida como:

“Um elemento que possibilita a constituição da subjetividade; ela está presente nos vários níveis de associações, existindo como um fim em si, mesma, gerando nos indivíduos a satisfação pelo próprio fato de exercerem, de se sentirem associados e, assim sendo, resolverem a solidão individual pela relação de união, de proximidade, de uns com os outros”. (p. 38-39).

A idéia de construir ou de ter um local físico determinado e próprio como uma comunidade – família de amigos – e viver numa relação de ajuda, apoio e afetividade, encontra-se presente no discurso de cinco (5) mulheres. Destacamos aqui suas falas:

“(...) na possibilidade de viver em grupos, em comunidade... seria uma solução para nós (homossexuais)”. (Olga, 49).

“(...) desejo de lá na frente morar num lugar onde as casas sejam próximas (...) em Miami tem uma comunidade gay, um condomínio onde moram todos os velhinhos, tem cinema, academia, e eles não precisam sair de lá, eles têm tudo adaptado, olha que coisa maravilhosa”. (Luiza, 48).

“Eu adoraria que fosse uma coisa prática e alguém tivesse a atitude de montar uma estrutura e pensar em alguma forma de agregar as pessoas”. (Alice, 43).

“Às vezes nós trocamos (homossexuais) a idéia de que na velhice seria interessante se nós tivéssemos uma casa grande, separada por quartos, com algumas áreas comuns a todos e que pudéssemos viver junto, uma apoiando a outra, porque nós (homossexuais) não construímos uma família convencional”. (Mônica, 49).

“Eu tenho um grupo... Estamos pensando em comprar um terreno grande e construir, fazer várias casas com um núcleo só. Nós temos estes projetos, eu tenho um grupo de amigos heterossexual muito bom e também um grupo de homossexual muito bom”. (Roberta, 50).

Peter Drucker (1998), em seu livro *“A Comunidade do Futuro”*, expõe:

“O desejo natural dos seres humanos para se reunir em agrupamentos relativamente homogêneos prosperará no novo milênio, embora talvez não exatamente nas formas que vemos hoje. Novos e promissores sinais de construção de comunidades já estão em circulação no mundo todo. Em muitos países, as pessoas estão lutando para redescobrir o sentido de viver e trabalhar em conjunto. Inclusão e participação são palavras que ouvimos com frequência cada vez maior hoje em dia”. (p. 255).

Refletindo sobre este pensamento, acreditamos que, no futuro, as pessoas poderão viver mais em comunidades, constituídas a partir do desejo de proximidade que naturalmente existe no homem, mas também pelo sentimento de solidariedade e por necessidade de apoio e ajuda que os indivíduos longevos, que vivem sozinhos, terão.

Apenas duas (2) mulheres expressaram o desejo de continuar morando sozinhas, apenas mantendo pessoas próximas com laços afetivos e amigos ou ajuda de profissionais, sem necessariamente morar na mesma residência. Irene ao descrever sua casa refere que ela foi preparada e reformada pensando na sua velhice, colocando, inclusive, sistema de segurança e campainhas. Destaco seu discurso:

“Minha opção hoje é morar com amigos e eu não moraria hoje com uma pessoa com quem tenho relacionamento. Este meu apartamento foi pensado e preparado para a velhice. Tem todo um sistema de segurança, campainhas nos quartos, minha mãe sugeriu e

achei muito bom. Se precisar de uma funcionária, uma enfermeira ou uma pessoa para ficar comigo, quando eu precisar. Eu não viveria sem ninguém comigo". (Irene, 51).

"Eu gostaria muito de continuar morando só, mas ter alguém que me ajude e também ter por perto de mim as pessoas que eu gosto, que tenham ligações fortes comigo, mas cada um na sua casa". (Valentina, 57).

O desejo de preservar a individualidade e continuar morando só pode ser contraditório em relação à necessidade de manter relacionamentos que é inerente ao homem. De acordo com Drucker:

"A vida configura-se como seres individuais que imediatamente se lançam a criar sistemas de relacionamentos. Esses indivíduos e sistemas surgem de duas forças aparentemente conflitantes: a necessidade absoluta de liberdade individual e a inequívoca necessidade de relacionamentos". (1998, p. 22).

5.4.3. MULHERES HOMOSSEXUAIS E HETEROSSEXUAIS NA VELHICE

Quando perguntamos a estas mulheres se percebiam algum aspecto positivo ou vantagem na velhice da mulher homossexual em contraponto à da mulher heterossexual / união conjugal, destacaram que, de certa forma, as homossexuais podem ter alguma vantagem, pois dentro de uma união conjugal ou de amizade, as mulheres homossexuais, normalmente, se preocupam mais umas com as outras. No entanto, reconhecem também que esta é uma característica das mulheres de um modo geral, pois os homens na concepção delas são mais egoístas. Portanto, viver em uma união homossexual na velhice pode ser mais vantajoso para elas. Destaco aqui os depoimentos:

"Eu sempre achei que mulher é superior ao homem. Ela passa por uma porrada de coisas na vida desde pequena, é mais forte e superior a tudo. O homem veio na vida para curtir. Por isto que eu acho que tem mais mulheres hoje no mundo. Eu acho que as mulheres "normais" são muito mais dependentes do homem, do masculino. Deixam de fazer muitas coisas porque quem faz é o homem, o marido, o companheiro. Elas deixam de ter esta

experiência e quando chega na velhice não sabem fazer. Na nossa condição (homossexual) nós temos a experiência de cuidar de nossas próprias coisas. Temos mais liberdade e conhecimento das coisas, de um modo geral do que o homem faz para as mulheres. Eu acho que a mulher homossexual está mais preparada para enfrentar qualquer coisa, pois ela já vem sofrendo preconceito desde a adolescência". (Gina, 40).

Eu percebo bem nas mulheres heterossexuais que têm filhos que, a partir de um certo momento, existe uma transferência e você deixa de cuidar da sua vida para cuidar dos filhos e viver em função deles. Eu não acredito em casamentos heterossexuais, não acredito na instituição casamento, não é uma forma de você manter um companheiro na velhice. Eu acho que a mulher gay tem mais condições de ficar junto na velhice do que um casal heterossexual. A cultura em que vivemos, por mais que a mulher tenha se liberado, esta cultura machista tende para um caminho só, o homem cada vez mais com parceiras mais jovens. As mulheres hetero encontram liberdade quando ficam viúvas, elas encontram mais prazer nas pequenas coisas do que o homem, pois ele tem uma tendência maior à depressão relacionada com a vitalidade sexual. O gay neste aspecto é também mais moderno fisicamente, como não tem compromisso, saem (sic) mais". (Olga, 49).

"Eu não consigo ver diferença entre mulheres homo e hetero em relação ao envelhecimento. O homem na minha concepção só foi feito para procriar, a única função dele é fazer filhos, outra visão egoísta da minha parte". (Luiza, 48).

"Em relação a envelhecer como mulher heterossexual ou homossexual eu não acho que é a mesma coisa, não. Eu acho que é diferente você se relacionar com homem e se relacionar com uma mulher. Eu vejo vantagem envelhecer com mulheres, elas são mais generosas e cuidam mais, os homens têm a tendência de serem mais egoístas... querem ser cuidados. Neste ponto, acho que o relacionamento entre as mulheres é mais seguro e mais longo, certamente na velhice terá as mesmas vantagens. Eu vejo que as mulheres se preocupam em manter relacionamentos mais longos do que os homens. Elas gostam mais de casar do que os homens, a possibilidade da mulher que se relaciona com outra mulher não ficar sozinha é menor". (Alice, 43).

"Entre homossexuais o casamento é mais verdadeiro e mais amoroso. A mulher homossexual é mais carinhosa na relação íntima. Em relação a ser hetero ou homossexual na velhice, é tão relativo... Eu acho que não, ela (heterossexual) pode ter uma pensão do marido que já morreu ou que está vivo e ajude ela, eu não vou ter isto. Talvez tenha isto da minha companheira, uma ajuda, porque nem direitos que deveríamos ter nós não temos". (Ruth, 41).

“Acho que a mulher é um ser extremamente superior ao homem, mais sensível, está mais preparada para as mudanças da vida e até para o próprio envelhecimento, talvez por isto as mulheres idosas são em maior quantidade do que os homens. A mulher é mais carinhosa e cuida mais, o homem não, ele é mais egoísta, pensa muito nele e, se você envelhece ao lado de uma mulher, a possibilidade é maior de uma cuidar da outra do que um homem e uma mulher (referindo-se à relação homossexual entre mulheres). Existem as exceções. As pessoas falam que os homossexuais têm mais condições para gastar com suas próprias coisas, então na velhice eles terão mais condições de se cuidar porque acabam tendo uma condição financeira melhor”. (Maristela, 43).

“Na verdade, a mulher homossexual tem alguma vantagem. Por exemplo, a proporção de mulheres homossexuais que terão filhos nesta idade será menor do que as heterossexuais, por isto eu acho que elas (heterossexuais) precisam de mais cuidados em termos de estética. De alguma maneira nós temos alguma vantagem, outras possibilidades, vamos cultivando, ao longo do tempo, mais amizades e que também passam a ser um apoio na sua velhice, um grupo, acho que seria esta vantagem”. (Mônica, 49).

“Acho que a sociedade preparou bem, é mais cavalheira com as mulheres, é muito mais fácil alguém ajudar uma mulher do que um homem. As mulheres estão se preparando melhor que os homens”. (Irene, 51).

“Acho que as mulheres homossexuais, por conta destes preconceitos, ser mulher e homossexual... são duas coisas... na verdade, são três preconceitos: ser velha, homossexual e mulher, são três pesos muito fortes, eu ainda acho que a mulher velha, acima de 50 anos e homossexual, intelectualmente falando, ela é menos superficial, aprimora o intelecto, não deixa de ser vaidosa, porém com menos superficialidade... os valores de uma mulher heterossexual, vai para um lado subjetivo, para um objeto, pois imagine se ela vai falar de cinema e teatro, ela quer ver vitrine. Acho que esta é uma diferença, nós homossexuais nos obrigamos a arrumar um recurso, um plus para viver melhor com esta sociedade masculina, machista. Entre homossexuais, o casamento é mais verdadeiro e mais amoroso. A mulher homossexual é mais carinhosa na relação íntima”. (Roberta, 50).

“Não vejo diferença nenhuma pela condição sexual, vejo pela condição humana. Acho que é questão de mentalidade. Quem me garante que estar acompanhada de um homem significa não se sentir só, ou que na relação entre mulheres há mais cuidado, carinho? Acho que os homens estão também saindo um pouco mais deste estereótipo e

participando mais, dizer que mulher cuida mais é compartilhar com este estereótipo, acho que raciocinar desta maneira é compactuar com uma mentalidade muito pobre e limitada. O importante e fundamental é você se relacionar com alguém que você compartilhe, você cuidar e ser cuidado, o que significa amor, isto você tem com um amigo, com um animal, ou com um outro. É evidente que uma relação amorosa pressupõe mais intimidade e isto é o que marca a diferença, você pode estar casado com um homem ou uma mulher, o que importa é a intimidade que tenho com o outro, a relação amorosa”. (Valentina, 57).

Nos discursos apresentados, podemos perceber que todas as mulheres defendem o universo feminino e destacam a mulher como forte e superior ao homem, nesta sociedade machista. Maristela (43), Alice (43), Gina (40) e Olga (49), enfatizam a mulher como mais generosa e carinhosa do que o homem, dispondo-se a cuidar mais do outro. Sendo assim, envelhecer ao lado de uma outra mulher deve ter mais vantagem e, com certeza, terão mais apoio na velhice.

Em outros discursos percebemos novos argumentos. Mônica (49) também realça a vantagem de envelhecer como mulher homossexual pelo fato de elas estabelecerem mais amizades que os heterossexuais. Irene (51) é de opinião que a sociedade parece mais cavalheira com a mulher do que com o homem.

Roberta (50), além de reafirmar a relação carinhosa que existe entre mulheres homossexuais, também descreve a mulher homossexual como mais intelectualizada e mais preparada do que a heterossexual para viver na velhice, pois a busca por um diferencial, um “*plus*”, pela mulher homossexual se faz necessário para viver na sociedade machista, que considera preconceituosa (triplo preconceito) – ser mulher, homossexual e velha. As questões referentes ao preconceito e estigma já foram discutidas em capítulo anterior.

Valentina (57) é a única mulher que demonstra não perceber diferença entre envelhecer como homossexual ou heterossexual, o que vale para ela é a condição humana. Ela destaca a importância da pessoa ter alguém para compartilhar, não necessariamente uma relação amorosa e não importando ser homem ou mulher nesta relação.

Quando pensamos em relacionar homossexualidade feminina e envelhecimento, também imaginamos a possibilidade de estas mulheres constituírem grupos de família distintos, podendo assim ter apoio, segurança e afetividade na velhice. Inúmeros autores descrevem que o amor entre as homossexuais femininas é mais pleno do que o dos homossexuais masculinos, pois o vínculo afetivo é considerado mais importante que o contato físico, o sentimento lesbiano é baseado no emocional e no romantismo.

A vida no presente e os sonhos para o futuro, na velhice, explicitados nos depoimentos das mulheres homossexuais entrevistadas, apontam várias possibilidades para realizarem-se enquanto sujeitos, criando novos projetos, idealizando assim a vida, futuramente. Deste modo, acreditamos que, certamente, as várias possibilidades, e não uma única, de viver na velhice, inaugura a produção de novas subjetividades. Viver numa comunidade de amigos pode ser uma delas.

Este pensamento novamente nos remete a Guattari (1992) quando diz que são as possibilidades para um novo modelo de associação entre os indivíduos, que garante a sua sociabilidade, esta que pode ser entendida a partir da construção da subjetividade do indivíduo.

O mesmo autor revela que o desejo é o elemento fundante da subjetividade, e pode ser produzida por instâncias individuais e institucionais. Sob este prima, a subjetividade é plural.

O pensamento de Tótorá (2006) vai ao encontro do de Guattari, quando destaca brilhantemente a idéia de abrir-se para a vida, quando nos dispomos a enfrentar as adversidades, a produzir devires, a aumentar a nossa potência de agir, transformando e inventando novas formas de existência, novos arranjos sociais, abrindo assim um leque de possibilidades para criar e recriar a vida.

A sociabilidade, como podemos perceber, é fundamental para estas mulheres, uma vez que destacam que viver em “comunidade,” na velhice, é algo desejado por elas. Sendo assim, imaginamos que elas nem de longe idealizam viver só na velhice.

5.4.4. VELHICE E SOLIDÃO

Em outro momento da entrevista analisamos o sentimento de solidão relacionado ao envelhecer. Quando indagadas sobre este assunto, não foi considerada a homossexualidade nesta relação. Destacamos aqui os discursos:

“Não acho que há solidão na velhice, quem faz é a cabeça da pessoa. Eu diria que a minha mãe é um exemplo disto, ela tem os netos em volta o tempo todo, mas se sente só. Eu acho que também tem muita gente em idade menos avançada que se sente só, não é só na velhice”. (Gina, 40).

“Não relaciono, eu sempre me vejo com alguém, sempre estive com parcerias duradouras, cada vez que você está com uma pessoa, imagina que vai ficar com ela, claro que até pode acontecer, mas não é uma neura minha, eu não percebo isto. Para mim a coisa é mais forte para a ‘velharada’ (se referindo a outras homossexuais mais velhas)”. (Olga, 49).

“Acho que depende da pessoa, eu sou uma pessoa que não sinto solidão, mesmo se eu não estiver com alguém. Não sei se é pelo fato de eu ter desmamado de pai e mãe muito cedo, ter caído na vida. Eu posso estar com alguém ou não estar, que estarei saindo e me divertindo. Solidão é uma coisa que não me pega”. (Luiza, 48).

“Associo sim, o risco é muito maior e isto me apavora, a solidão na velhice me apavora. Eu sei que a quantidade de mulheres sozinhas na minha idade é muito grande, é cada vez mais difícil encontrar uma parceira, um parceiro. Isto é uma preocupação minha, eu não sofro agora com isto, mas eu sofro com a possibilidade. Gostaria de ter uma companhia amorosa e sentir afeto, amor e ter sexo. Outro dia eu ouvi num programa algo assustador, que 72% das mulheres com mais de 40 anos estão sozinhas, isto é apavorante. Solidão é a única e grande coisa que me incomoda”. (Alice, 43).

“Eu acho que ser só é quando você não está bem com você. Às vezes brincamos, este pessoal (homossexual), se nós somos sozinhas, quem vai cuidar da gente? Este é o medo que nós temos de ficar sozinha. Eu não quero ficar só, medo da solidão, sem dúvida, e de me sentir só. Isto foi o que senti este final de semana, eu não estava só mas eu me sentia verdadeiramente só. Eu adoro os velhos, tem uma coisa que eu fazia e muito tempo que eu não faço, ir à casa transitória na marginal, uma casa de idosos. O velho, homossexual ou não, eles já viveram tanta coisa e já foram tão judiados, todas aquelas marcas são marcas

de alguma história, e, de repente, eles estão lá largados e não têm ninguém para passar a mão na cabeça deles. Ficar sentado meia hora com eles , isto me faz um bem tremendo. Então eu quero é se, de repente estiver num asilo ou alguém me cuidando, quero sentir isto, carinho. Quero envelhecer bem com uma pessoa, que me dê carinho, uma parceria. Vejo também pela segurança de ter companheirismo, tem que ter”. (Ruth, 41).

“Eu não associo, não. Eu jamais ficaria sozinha, não consigo, acho que é um defeito meu, nem penso nisto, eu sei que eu sempre vou procurar estar com as pessoas, enquanto eu puder e tiver condições, irmãs, sobrinhos, “minha companheira” e minha filha, então eu não penso em ficar sozinha na velhice, eu não acho que a minha velhice vai ser solitária”. (Maristela, 43).

“Acho que esta associação é forte. Acho que o importante é você saber envelhecer. Não é uma questão de ser ou não ser homossexual, é um crescimento interno pessoal, como você vai lidar com a sua velhice, seja ela sozinha ou com alguém. Você pode também ter alguém ao lado e se sentir só, e a velhice se tornar um fardo para você, e é isto que acontece. Muitas pessoas conseguem lidar muito bem com a solidão, e eu admiro estas pessoas. O que me preocupa é que as mulheres homossexuais não têm estabilidade no relacionamento, talvez em todo relacionamento homossexual, eu acho que tem um momento que faz diferença. Eu estarei sozinha ou não? Embora em muitos casamentos hetero às vezes você tem um companheiro, mas é pouco companheiro, não é de fato, então eu acho para todo mundo o que incomoda muito é a solidão”. (Mônica, 49).

“Eu tenho sorte, na minha profissão que se encaminha no mundo editorial, quanto mais velho melhor. Eu percebo que mesmo não mantendo o ritmo de trabalho de hoje, eu sempre vou ser uma consultora, quanto mais o tempo passa, melhor, eu não penso em aposentar-me com 70 anos. Não tanto pelo problema da companhia, porque eu tenho o privilégio de ter pessoas por perto, amigos. Eu sou uma pessoa que não penso na solidão, eu tenho muita vontade de ficar em casa, mas também não sou uma pessoa acomodada”. (Irene, 51).

“Posso até ficar velha e só, pode acontecer, mas não é por conta da velhice. É porque eu não soube administrar a juventude, a adolescência e o meu próprio dia-a-dia, administrar o caminho, se eu não souber administrar os meus 50 anos, os meus 60. É muito importante você se complementar e fazer o que você gosta. Quando você chega num momento da vida e fala de solidão é relativa, quando você fala que está sentindo solidão porque não tem ninguém por perto, para mim isto é carência. Eu não tenho nenhum dos

dois. Eu acho que a solidão real é quando você não gosta da sua companhia. Com um livro você está bem acompanhado, você viaja e imagina, assistir um bom filme, ir ao teatro, não preciso ter companhia. O que fará sentir menos só são as minhas atitudes, a minha sabedoria e tudo que acumular, a minha realidade é esta. Então se você viver com amigas, irmãs, significa viver só? Só porque você não tem um homem ao lado?. O homem que fica viúvo e depois fica só, ou ele quer morrer ou ela vai ter que ficar sendo cuidado por uma coitada de uma irmã. Vejo mulheres idosas viúvas saindo, passeando muito mais hoje”. (Roberta, 50).

“Eu acho que a solidão também é algo desejado, eu desejo e eu gosto... os momentos. O lado negativo da solidão é a depressão. A solidão é alguma coisa que eu gosto. A Rosa Monteiro (escritora) fala: ‘eu sou uma pessoa que precisa da solidão, alguém para estar comigo tem que respeitar a minha solidão’. A solidão é extremamente negativa quando você não quer. Ela tem muitas caras, uma pessoa que não aceita vai sofrer muito. Acho que tem uma questão social muito grande, depende do que você faz na sua vida, de como encara, ela existe em todas as idades. Eu sou uma pessoa que adora ler, estarei sempre lendo e quem gosta de ler nunca estará sozinho, sempre terá uma noção de vida diferente. Esta coisa de ir a bares, cada vez eu gosto menos. Porque o importante é você ter uma vida prazerosa do ponto de vista de sua intimidade, do que é seu. Claro que se puder compartilhar com alguém as coisas... Mas eu não sofro, se não tenho. Esta ânsia de querer encontrar alguém faz você ficar com qualquer pessoa”. (Valentina, 57).

O desejo de manter a individualidade e a independência muitas vezes pode ter um preço, a solidão. A solidão é assim desejada como momento para introspecção e vivência pessoal, mas não podemos esquecer a necessidade de manter relacionamentos, inerente ao homem, para sua sobrevivência física e emocional, porque ele é um ser essencialmente social.

Neste sentido, Drucker (1998), refletindo sobre o desejo do homem de viver só e o resultado desta opção, descreve: *“terminamos em lugares profundos e abandonados, vencidos pela solidão e pelo vazio da vida”*. (p. 25).

Preocupar-se com a solidão na velhice aparece na fala de duas (2) mulheres, mesmo negando esta associação, pois dizem que desejam estar ao lado de uma parceira, portanto jamais estariam sozinhas. Assim falam:

Não relaciono, eu sempre me vejo com alguém, sempre estive com alguém, parcerias duradouras, cada vez que está com uma pessoa você imagina que vai ficar com ela”. (Olga, 49).

Eu não associo, não. Eu jamais ficaria sozinha, não consigo, acho que é um defeito meu, eu não acho que a minha velhice vai ser solitária”. (Maristela, 43).

Em outras três (3) entrevistas, esta associação é evidente, declaram ter medo de não ter alguém ao lado, uma companheira, carinho, segurança, associando, inclusive, a homossexualidade à possibilidade maior de ter solidão na velhice, decorrente da instabilidade nas relações. Assim dizem:

“Associo sim, o risco é muito maior e isto me apavora, a solidão na velhice me apavora. Eu sei que a quantidade de mulheres sozinhas na minha idade é muito grande, é cada vez mais difícil encontrar uma parceira, um parceiro. Isto é uma preocupação para mim. Solidão é a única e grande coisa que me incomoda”. (Alice, 43).

“Eu acho que ser só, primeiro, é quando você não está bem com você. Então, se, de repente, eu estiver num asilo ou alguém cuidando de mim, quero sentir carinho. Eu não quero ficar só, medo da solidão, sem dúvida, de me sentir só. Eu quero chegar e envelhecer bem com uma pessoa, que me dê carinho, uma parceria. Tem o outro lado de ter uma segurança e um companheirismo. Este pessoal (homossexual) que está sozinho pensa, quem vai cuidar de nós? É o medo que temos de ficar sozinha”. (Ruth, 41).

“Acho que esta associação é forte. As mulheres homossexuais não têm estabilidade no relacionamento, talvez em todo relacionamento homossexual, eu acho que isto tem um momento que faz diferença. Eu estarei sozinha ou não vou estar sozinha?”. (Mônica, 49).

Em outras cinco (5) entrevistas, as mulheres referem não associar velhice com solidão, relacionando solidão com um sentimento interno do indivíduo, que independe de ter ou não alguém ao lado. Roberta (50), por exemplo, descreve a diferença entre carência e solidão. Vejamos o que dizem:

“Não acho que há solidão na velhice, quem faz é a cabeça da pessoa (...) não é só na velhice”. (Gina, 40).

“Acho que depende, vai muito da pessoa, eu sou uma pessoa que não tenho solidão, mesmo se não estivesse com alguém. Não sei se é pelo fato de eu ter desmamado de pai e mãe muito cedo, ter caído na vida”. (Luiza, 48).

“Eu tenho sorte, na minha profissão que se encaminha no mundo editorial, quanto mais velho, melhor. Eu percebo que mesmo não mantendo o ritmo de trabalho de hoje, eu sempre vou ser uma consultora, quanto mais o tempo passa melhor, eu não penso em aposentar-me com 70 anos. Eu tenho o privilégio de ter pessoas por perto, amigos. Eu não penso na solidão, eu tenho muita vontade de ficar em casa e não sou uma pessoa acomodada”. (Irene, 51).

“Posso até ficar velha e só, pode acontecer, mas não é por conta da velhice. É porque eu não soube administrar a juventude, a adolescência e o meu próprio dia-a-dia, administrar o caminho. Quando você chega num momento da vida e fala de solidão é relativa, quando você fala que está sentindo solidão, porque não tem ninguém por perto, para mim isto é carência. Eu não tenho nenhum dos dois. Eu acho que a solidão real é quando você não gosta da sua companhia. Viver com amigas, irmãs, então isto é viver só? Por que você não tem um homem ao lado?”. (Roberta, 50).

“Eu acho que a solidão também é algo desejado, eu desejo e eu gosto... os momentos, mas o lado negativo da solidão é o lado depressivo, quando você não quer a solidão. Quem gosta de ler nunca estará sozinho e sempre terá uma noção de vida diferente. O importante é você ter uma vida prazerosa do ponto de vista de sua intimidade, o que é seu. Claro que se você puder compartilhar com alguém”. (Valentina, 57).

Irene (51) coloca a atividade profissional em destaque, quer manter-se ativa e trabalhando na velhice, além de querer conservar os amigos. Por isso, não relaciona solidão com velhice.

Roberta (50) relaciona o sentido de solidão à construção pessoal de cada indivíduo, podendo assim sentir solidão ou carência. Como ela diz, quando o indivíduo não gosta da própria companhia, ele se sente sozinho.

Valentina (57) destaca que ter uma “vida prazerosa” é fundamental para não sentir solidão. Ela dá outro sentido à vida, menciona a leitura como algo prazeroso e a solidão, por vezes, desejada.

Percebemos que três (3) mulheres acima de 50 anos, Irene (51), Roberta (50) e Valentina (57), apresentaram os discursos mais elaborados sobre a solidão na velhice, não constituindo assim uma preocupação, pois o sentido de vida para estas

mulheres é ter uma vida prazerosa, ou seja, ter prazer em estar consigo. Isto requer maturidade e depende de como o indivíduo realiza a construção da sua vida. Posso assim dizer que estas mulheres têm o “*espírito de liberdade*”, como Nietzsche denomina, “*espíritos livres*”. Assim para compreender o fluxo da vida precisam voltar para dentro de si, precisam da solidão, só assim poderão viver e sentir a liberdade da alma, ser um “*espírito livre*”.

Ortelan (1996), ao descrever o pensamento de Nietzsche sobre “*espíritos livres*” diz o seguinte:

“Os ‘espíritos livres’ são desconfiados, capazes de operar com uma astúcia da serpente e sabedoria do pássaro que voa por cima de todo o ‘estável’. Eles buscam o conhecimento e utilizam a ciência como meios para libertar-se da grande escravidão humana em relação a seus ‘ideais’, para escapar ao domínio da religião, da metafísica e da moral. Sua firmeza e desconfiança significam apenas a negação que dá lugar à futura afirmação; ao destruir as ilusões, o espírito livre é também um espírito cheio de emoções. O acontecimento que inicia o espírito livre é o grande livramento. Neste sentido a solidão sempre estará presente, sob diversas máscaras, como a grande companheira, talvez a única possível, nesse voo audacioso dos aeronautas do espírito”. (p. 74).

Durante a análise interpretativa nos deparamos com a sensação de incompletude, pois cada vez mais a possibilidade de novas interpretações e a descoberta de novos significados e arranjos para a velhice se revelava nos discursos das mulheres entrevistadas. A preocupação em realizar uma análise densa e com profundidade passou, então, a causar inquietação no pesquisador ao perceber que a riqueza de informações contidas nos discursos nos abria para esta possibilidade. Deste modo, nos remetemos, novamente, ao pensamento de Geertz para justificar a finalização da análise interpretativa das entrevistas deste estudo. O autor descreve a análise cultural como incompleta e sem fim, pois à medida que ampliamos a análise, encontramos significados diversos e ainda mais complexos. Geertz cita então uma história indiana, que descreve o mundo como repousando em uma plataforma

apoiada nas costas de um elefante, que por sua vez, se apoiava nas costas de uma tartaruga, que se também se apoiava em outra tartaruga, e assim por diante, uma infinidade de tartarugas uma apoiando-se uma sobre as costas da outra. Sendo assim, é possível associar e reforçar a idéia acima descrita, ou seja, que a análise interpretativa dos significados do discurso das mulheres entrevistadas se abre para a idéia de continuidade desta análise e assim revelar novas interpretações, teremos assim sempre a possibilidade de descobrir “outras tartarugas”, uma vez que não conseguimos encerrar nesta pesquisa todas as possibilidades interpretativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória para chegar até aqui significou um longo caminho de questionamentos, descobertas e aprendizagem. Durante este percurso, para que pudesse compor e finalizar este estudo, houve o investimento de tempo e dedicação da pesquisadora, e as indagações apresentadas foram esclarecidas e fundamentadas por leituras de diversos autores e teóricos que discutem os temas presentes neste trabalho.

Na exposição do trabalho está presente uma síntese das principais idéias e o desdobramento delas está inserido no capítulo no qual apresentamos a análise interpretativa das entrevistas. Portanto, as *Considerações Finais* são uma possibilidade de pontuar e destacar as questões e idéias mais relevantes, presentes no discurso das mulheres homossexuais entrevistadas, e dirigir um novo olhar sobre o que já foi explicitado anteriormente.

Sabemos que existem distintas formas de se envelhecer e de ser ou tornar-se um sujeito idoso. A velhice é singular e heterogênea, assim como cada indivíduo ou grupo de indivíduos da sociedade tem suas características particulares.

O interesse pelo tema deste estudo e a problematização à qual se direcionou esta pesquisa foram permeados por inúmeras indagações que se colocavam diante do pesquisador, durante os estudos de Gerontologia, evidenciando cada vez mais a sua importância, por se tratar de indivíduos pertencentes a um grupo minoritário e

estigmatizado da sociedade, sujeitos à marginalização e preconceito social, associados também à velhice.

Observamos que, ao analisar os discursos das mulheres homossexuais de meia-idade entrevistadas, também despontaram assuntos que não haviam sido questionados. Entendemos, então, que ao realizar uma pesquisa, iniciamos uma trilha, um caminho no qual descobrimos diversas riquezas de conteúdo e informações e descortinamos novas possibilidades para se viver e ser dentro da nossa sociedade, como indivíduo ou em um grupo singular.

A pesquisa realizada com mulheres homossexuais na meia-idade identificou que as representações sobre velhice e ser velho deste grupo de mulheres não diferem da imagem e dos significados de outros grupos e indivíduos da sociedade. A preocupação com o corpo que envelhece, com as mudanças e alterações funcionais decorrentes do envelhecimento e a possibilidade de perder a vitalidade física também estiveram presentes no discurso de algumas mulheres, ao imaginar a velhice. Sofrer duplo preconceito social como mulher homossexual e idosa não foi destacado por elas como uma preocupação, pois o estigma social e as barreiras que se impõem e recebem ao longo da vida pela opção sexual que fizeram, propicia-lhes visualizar a velhice de modo diverso, percebendo menos preconceito em relação à sua condição.

Por meio deste estudo, também conseguimos identificar e mostrar outros arranjos sociais para se viver na velhice. A concepção de família para este grupo de mulheres difere do modelo tradicional vigente na sociedade, pois, ao refletir sobre a velhice, elas idealizam um modelo de família composto por um grupo de amigos. Deste modo, observa-se que o vínculo de amizade existente entre estas mulheres e a família de amigos formada por elas passam a ser o principal apoio ao envelhecerem. A idéia de comunidade e a construção de um espaço físico para este grupo de amigos viver na velhice estiveram presentes no discurso da maioria das entrevistadas como uma importante alternativa para as mulheres homossexuais, ao mesmo tempo em que destacaram a existência do forte vínculo de amizade característico de grupos homossexuais, decorrente da ausência de uma formação familiar tradicional e da fragilidade da união conjugal existente.

A idealização de construir uma família, ter filhos e viver uma união conjugal estável no relacionamento homossexual foi evidenciado no discurso de duas mulheres entrevistadas que constituíram um forte vínculo na união conjugal, ao tornarem-se mães, tendo um filho por métodos alternativos de concepção. Neste caso, a existência da família está fortemente ligada à possibilidade de apoio e arranjo social na velhice, somado ao fato de que uma família minimiza a chance de ter solidão nesta fase da vida. O forte vínculo de amor e a formação familiar que estas duas mulheres constituíram aproximam-se do modelo de família presente na sociedade, mas, ao mesmo tempo, se constitui em um novo modelo de família, uma nova maneira para este grupo de mulheres homossexuais viverem uma união conjugal, indiferente ao modelo imposto pela sociedade e ao estigma e preconceito social de que são vítimas.

Sentir solidão na velhice se apresentou como uma preocupação para poucas entrevistadas, pois o sentido de vida para três destas mulheres, com idade superior a 50 anos, é ter uma vida prazerosa, ou seja, ter prazer em estar consigo, e, na visão delas, tudo depende do modo como o indivíduo realizou a construção de sua vida. No discurso destas mulheres identificamos o “espírito de liberdade”, uma compreensão mais elaborada e profunda sobre o sentido da existência e do fluxo da vida. Desta forma, a solidão e os momentos de solidão tornam-se necessários para voltar-se para dentro de si e sentir a liberdade da alma, deixando evidente que o medo de envelhecer e de sofrer preconceitos por ser mulher homossexual e idosa não são relevantes.

Ao finalizar a apresentação e as discussões decorrentes deste estudo, observamos que nossas reflexões se ampliam. Basta notar a existência de um número significativo de grupos minoritários dentro da nossa sociedade, assim como o número crescente dos indivíduos pertencentes a estes grupos, associado ao acentuado envelhecimento da população, de um modo geral, decorrente da longevidade conquistada pelo homem. Então, parece-nos que deve haver uma especial preocupação com estes indivíduos pelos profissionais da gerontologia, tentando descobrir novas possibilidades de arranjos sociais e novas formas para se viver na velhice. Para tanto, é necessária a desconstrução dos modelos impostos que

limitam e privam de seus direitos como cidadãos tanto os indivíduos que envelhecem, os idosos, como os homossexuais. Deste modo, uma idéia revolucionária sobre a velhice vinculada a grupos estigmatizados torna-se ainda mais relevante, não esquecendo que existem diversas maneiras de se envelhecer e a construção de muitas outras formas será cada vez mais necessária, em virtude da constante mutabilidade e diversidade cultural e social.

Durante este estudo, percebemos que a análise interpretativa dos discursos das mulheres entrevistadas não se esgotava com a discussão realizada pela pesquisadora, pois verificamos ser possível encontrar novos significados e interpretações nestes discursos, deixando-nos uma sensação de incompletude, porque, quanto mais a análise se aprofundava, mais esta sensação se ampliava. Divisamos, então, que este estudo poderá ser um ponto de partida e uma referência para novos pesquisadores sobre estes temas, velhice e homossexualidade, propiciando a realização de outras pesquisas e estudos interdisciplinares, assim como para as Ciências Sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, M. *Aspectos Sociais do Envelhecimento*. In: Saldanha, A.L. e Caldas, C.P. (org.). “Saúde do Idoso – a arte de cuidar”. Rio de Janeiro: Editora Interciência, 2004, 2ª ed.
- BEAUVOIR, S. *A Velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- _____. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Européia, 1970.
- BERLINK, Manuel. *A envelhescência*. In: Boletim de Novidades Pulsional, ano IX, nº 91, nov., 1996.
- BERQUÓ, E. *Considerações sobre o envelhecimento no Brasil*. In: “Velhice e Sociedade”. Néri, A.L. e Debert, G.G. Campinas, S. P: Papirus, 1999.
- BIRMAN, *Futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise*. In: “Terceira idade, um envelhecimento digno para o cidadão do futuro”. UNATI: Relume-Dumená, 1995.
- BUBER, M. *Sobre Comunidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.
- CABRAL, B.E.S. e AQUINO, F.T.M. *O idoso e a Família*. In: Freitas, E.V et al. “Tratado de Geriatria e Gerontologia”. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.
- CAMARANO, A. A. *Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica*. In: Freitas, E. V. et al. “Tratado de Geriatria e Gerontologia”. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

- CARDOSO, R.C.L. *Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método*. In: “A aventura antropológica”. São Paulo: Paz e Terra, 1986.
- CÍCERO. *Saber envelhecer*. Porto Alegre: L&PM Pocket. Vol 63, 1997.
- DANIEL, M. e BAUDRY, A. *Os homossexuais*. Rio de Janeiro: Artenova, 1973.
- DEBERT, G.G. *A Construção e reconstrução da velhice: família, classe social e etnicidade*. In: Néri, A.L. e Debert, G.G. “Velhice e Sociedade”. Campinas, S.P: Papyrus, 1999.
- _____. “O mapeamento do curso da vida”. Trabalho apresentado na XVII Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciências Sociais (Anpocs). Caxambu: outubro, 1993.
- _____. *Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral*. In: “A aventura antropológica: teoria e pesquisa”. São Paulo: Paz e Terra, 1986.
- _____. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- DRUCKER, P.F. *A Comunidade do futuro*. São Paulo: Futura, 1998.
- DURHAM, E. R. *Família e Reprodução Humana*. In: “Perspectivas Antropológicas da Mulher”. nº3, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1983.
- FEATHERSTONE, Mike. “*Para uma sociologia da cultura pós-moderna*”. Revista Brasileira de Ciências Sociais nº 25. São Paulo, jun, 1994.
- _____. *O curso da vida: corpo, cultura e imagens do processo de envelhecimento*. Textos didáticos. Campinas, IFCH/UNICAMP, 1998.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade: I) vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.
- _____. *História da sexualidade: II) uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- _____. *História da sexualidade: III) o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

- _____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- _____. *A Hermenêutica do sujeito*. Tradução de: FONSECA, M. A. e MUCHAIL, S.T. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- GARRIDO, R; MENEZES, P. R. *O Brasil está envelhecendo: boas e más notícias por uma perspectiva epidemiológica*. Rev. Bras. Psiquiatria, 2002; 24 supp (1):3-6.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1978.
- GIDDENS, A. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. UNESP, 1992.
- GOFFMAN, E. *Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.
- GOLDFARB, D.G. *Corpo, tempo e envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- HITE, Shere. *O relatório hite*. 15ª Edição. São Paulo : Difusão , 1983.
- IMBER-BLACK, E. et col. *Os segredos na família e na terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Acesso de utilização de serviços de saúde. Pesquisa Nacional por amostragem (PNAD). Rio de Janeiro: IBGE; 2000.
- _____. Pesquisa Nacional por amostragem (PNAD). Rio de Janeiro: IBGE; 1999.
- ISAY, R.A. *Tornar-se gay*. São Paulo: Edições GLS, 1998.
- KUBLIKOWSKI, I. *A meia idade feminina em seus significados: o olhar da complexidade*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.
- LINS, Regina Navarro. *O Livro de Ouro do Sexo*. Rio de Janeiro: EDIOURO, 2005.

- LOYOLA, M.A. *A sexualidade como objeto de estudo das ciências sociais*. In: Heilborn, M.L. (org.). “Sexualidade: o olhar das ciências sociais”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- LUDKE, Menka & ANDRÉ, Marli E.D. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MACRAE, E.J.B.N. *O militante homossexual no Brasil da abertura*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 1985.
- MAKI, M. A. *Reflexões sobre o processo de envelhecimento em homossexuais masculinos*. Dissertação de Mestrado em Gerontologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.
- MARTINS, J. *Não somos cronos, somos kairós*. In: Revista Kairós: Gerontologia – PUC-SP, EDUC, 1(1), 1998, pp.11-24.
- MERCADANTE, E.F. *A Construção da Identidade e da Subjetividade do Idoso*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997.
- _____. *A Contrageneralização*. In: Revista Kairós: Gerontologia. PUC-SP, EDUC, 7(1), jun., 2004, pp 197-199.
- MESSY, Jack. *A pessoa idosa não existe – uma abordagem psicanalítica da velhice*. São Paulo: Aleph, 1993.
- MORAES, C.A. *A percepção da sexualidade feminina no processo de envelhecimento: estudo comparativo de grupos de mulheres da 4ª à 8ª década*. Dissertação de Mestrado em Gerontologia Social. Pontifícia Universidade de São Paulo, 2003.
- MORIN, E. *Cultura de Massas no Século XX. O Espírito do Tempo II – Necrose*. Rio de Janeiro: Forense, Universitária, 1975.
- _____. *Epistemologia da Complexidade*. In: Schinitmann, D. F. (org.). “Novos paradigmas, cultura e subjetividade”. Porto alegre: Artes Médicas, 1996.
- MORIN, Edgard e Kern, Anne Brigitte. *Terra Pátria*. Porto Alegre, Sulina, 1995.

- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento - pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo – Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 2000.
- NODA, Fabiana Schiavi. *Famílias de mães homossexuais – Relatos das mães*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.
- NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral*. Primeira e Terceira Dissertações. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. *Ecce homo*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- OLIVEIRA, M.C. *Menopausa, reposição hormonal e a construção social da idade madura*. In: Néri, A.L. e Debert, G.G. “Velhice e Sociedade”. Campinas, S.P: Papirus, 2004, 2ª ed.
- ORTELAN, J. A. *Os sentidos de solidão na produção da vida*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1996.
- PASCHOAL, S.M.P. *Epidemiologia do envelhecimento*. In: Neto, Matheus Papaléo. “Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada”. Rio de Janeiro: Atheneu, 2002.
- PICAZIO, C. *Diferentes desejos*. São Paulo: Edições GLS, 1998.
- RIBA, L.M. *Um brinde a amizade*. São Paulo: Vergara e Ribas Editora, 2002.
- RIESENFELD, R. *Papai, mamãe, sou gay!*. São Paulo, Edições GLS, 2002.
- ROUDINESCO, E. *A Família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- SAAD, P.M. *Transferência de apoio entre gerações no Brasil: um estudo para São Paulo e Fortaleza*. In: Camarano A.A. (org.): “Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros”. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.
- SCHIRRMACKER, F. *A Revolução dos idosos: o que muda no mundo com o aumento da população mais velha*. Tradução: Maria do Carmo Ventura Wollny. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

- SECCO, C.L.T. *Velhice: Visões e Revisões*. In “Além da Idade da Razão”. Rio de Janeiro: Graphia, 1994, pp.7-33.
- SLUZKI, C. E. *A rede social na prática sistêmica – alternativas terapêuticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- SPENCER, C. *Homossexualidade: uma história*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- TORRÃO FILHO, A. *Tribades Galantes, Fantochos Militantes*. São Paulo: Summus, 2000.
- TÓTORA, S. *Ética da vida e o envelhecimento*. In: Côrte, B; Mercadante, E.F. e Arcuri, I.G. (org.). “Envelhecimento e Velhice: um guia para a vida”. São Paulo: Vetor, 2006.
- VELHO, G. *Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- _____. *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1977.
- VERAS, R.P. *A Vida mais longa no mundo: determinantes demográficos*. In: Veras R.R. “Pais de jovem com cabelos brancos: a saúde do idoso no Brasil”. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- _____. *Atenção preventiva ao idoso – uma abordagem de saúde coletiva*. In: Papaléo Netto, M. “Gerontologia – a velhice e o envelhecimento em visão globalizada”. Rio de Janeiro: Atheneu, 2002.
- VIDAL, M. *Ética na sexualidade*. São Paulo: Edições Loyola, 1991.
- WOOLF, Charlotte. *Amor entre mulheres*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1973.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. WHO: Tradução Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan- Americana da Saúde, 2005.

ANEXOS

ANEXO I

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO

Nome: _____ Idade: _____

Escolaridade: I Grau () II Grau () Superior completo () Pós-graduação ()

Profissão / ramo de atividade: _____

Renda atual: () até R\$ 1.000,00 () de R\$ 1.000,00 à 2.500,00

() de R\$ 2.500,00 à 5.000,00 () de R\$ 5.000,00 à 10.000,00

() acima de R\$ 10.000,00

Estado conjugal: () solteira () namorando () casada () Tempo? _____

Tem filhos: () não () sim . Quantos? _____

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

1. O que significa a velhice e ser velho para você? Quais as representações e imagens que você tem da velhice?
2. Como percebeu a questão do preconceito homossexual na sua vida? Você imagina um preconceito ainda maior na velhice pela associação dos dois preconceitos “ser velha e homossexual”?
3. Como é para você perceber o corpo envelhecido e sua imagem corporal? Como você percebe sua transição na meia-idade?
4. O que você está fazendo hoje para ter uma boa velhice no futuro?
5. Você percebe alguma vantagem em envelhecer como mulher homossexual em relação à mulher heterossexual?
6. Qual o grau de importância que você atribui à família, filhos e parceiros afetivos ao chegar na velhice? Que tipo de arranjo social (família, filhos, parceiros ou outros) você imagina como apoio na velhice?
7. Você relaciona velhice com solidão?

ANEXO II

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

1. OBJETIVO DESTE ESTUDO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar quais as percepções e atitudes que mulheres homossexuais envelhescentes têm sobre a velhice.

- Analisar as imagens que as mulheres homossexuais envelhescentes tem sobre ser velha, sobre o futuro e projetos para a sua velhice
- Identificar quais os mitos e preconceitos existentes, com relação ao envelhecimento e às mudanças que ocorrem no seu corpo
- Identificar quais as representações que as mulheres homossexuais têm sobre ser mulher, a feminilização da velhice e a solidão na velhice
- Conhecer a percepção que têm sobre filhos e ter um parceiro(a) na velhice.
- Identificar quais os cuidados e preocupações que têm com a saúde hoje e como se preparam para o futuro envelhecimento

2. EXPLICAÇÃO DO PROCEDIMENTO

Prezado participante, será realizada uma entrevista aberta que será orientada por um roteiro preestabelecido pelo pesquisador abordando o tema homossexualidade feminina e envelhecimento. A duração da entrevista poderá ser entre 60 a 90 minutos, ou conforme o andamento da entrevista e relação participante e entrevistado. A gravação da entrevista deverá ser realizada apenas se o pesquisador obtiver consentimento do participante antes do início da entrevista. Você receberá toda a orientação do pesquisador, antes de iniciar a entrevista.

3. DIREITO À DESISTÊNCIA

Você poderá encerrar a participação em qualquer fase do estudo, sem que sofra qualquer penalidade como consequência deste ato.

4. SIGILO

Todas as informações obtidas nesta pesquisa poderão ser publicadas com finalidade científica, preservando-se o completo anonimato dos participantes. Se desejar, poderá ter acesso a todos os dados coletados durante a entrevista.

Assinatura do pesquisador responsável
Tânia Gonçalves Lima
(11) 9328-7186 / (11) 3835-7114
e-mail: tania lima@uol.com.br

Pesquisador Orientador: Prof^a Dr^a Elizabeth F. Mercadante

5. CONSENTIMENTO

Declaro ter lido as informações acima antes de assinar este formulário. Foi-me dada ampla oportunidade de fazer perguntas, esclarecendo plenamente minhas dúvidas. Por este instrumento, tomo parte, voluntariamente, da presente pesquisa.

São Paulo, _____ de _____ de 2006.

Assinatura do participante